
YUKIO
MISHIMA

**O MARINHEIRO QUE PERDEU
AS GRAÇAS DO MAR**



Rocco

3ª edição

Yukio Mishima

O MARINHEIRO
QUE PERDEU
AS GRAÇAS DO MAR

Tradução de
WALTENSIR DUTRA

3.^a edição

The logo for the publisher Rocco, featuring the word "Rocco" in a stylized, handwritten script.

Rio de Janeiro — 1986

Título original:
GOGO NO EIKO (THE SAILOR WHO FELL
FROM GRACE WITH THE SEA)

© 1963 Yoko Mishima
Originally published in Japan
All rights reserved

Direitos para a língua portuguesa, reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Visconde de Pirajá, 414 — Gr. 1405
CEP 22410 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 287-1493

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

capa
ANA MARIA S. DE ARAÚJO DUARTE

revisão
WENDELL SETÚBAL
MARIA DE FÁTIMA BARBOSA
HENRIQUE TARNAPOLSKY

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M659m Mishima, Yukio.
O Marinheiro que perdeu as graças do mar / Yukio
Mishima ; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro :
Rocco, 1986.

Tradução de: Gogo no eiko : the sailor who fell from
grace with the sea.

1. Romance japonês. I. Dutra, Waltensir II. Título.

85-0317

CDD — 895.635
CDU — 895.6-31

Parte I

Verão

Capítulo Um

— Durma bem, meu querido.

A mãe de Noboru fechou a porta do quarto e passou a chave. O que faria, em caso de incêndio? A primeira coisa seria deixá-lo sair — ela havia feito essa promessa a si mesma. Mas, e se a porta de madeira se empenasse com o calor, ou a tinta entupisse o buraco da fechadura? A janela? Havia um caminho de cascalho; além disso, o segundo andar daquela casa grandalhona era alto demais.

A culpa era do menino. Jamais seria trancado a chave se não se tivesse deixado convencer pelo chefe a sair furtivamente de casa, certa noite. Houve, depois, uma série interminável de perguntas, mas ele não revelou o nome do chefe.

Viviam no alto do morro Yado, em Yokohama, numa casa construída pelo pai de Noboru. Depois da guerra a casa foi requisitada pelo Exército de Ocupação, tendo sido instalados banheiros em todos os quartos do andar superior: ser fechado a chave durante a noite não constituía um inconveniente maior, mas para um rapazinho de treze anos era uma grande humilhação.

Tendo ficado sozinho certa manhã, para tomar conta da casa, e precisando de um objeto contra o qual descarregar sua raiva, Noboru começou a mexer nas coisas pelo seu quarto.

Havia ali uma grande cômoda embutida na parede que dava para o quarto de sua mãe. Tirou todas as gavetas, cujo conteúdo estava derramando no chão quando notou um fio de luz penetrando no compartimento vazio do móvel.

Enfiou a cabeça dentro da cômoda e descobriu a origem da luz: o forte sol de verão, refletido pelo mar, penetrava no quarto de sua mãe. A cômoda era espaçosa. Até mesmo um adulto poderia entrar nela, até a cintura, se ficasse deitado. Olhando o aposento ao lado, pelo buraquinho, Noboru teve a impressão de ver algo novo e desconhecido.

As brilhantes camas de cobre que o pai havia encomendado de Nova Orleans tinham as cabeceiras encostadas na parede do lado esquerdo, tal como estavam antes da sua morte. Havia colcha cuidadosamente estendida sobre uma delas, e o tecido branco tinha uma grande letra “K” — o nome de família era Koruda. Um chapéu de palha, azul, com uma longa fita também azul-clara, estava sobre a cama. Na mesinha-de-cabeceira havia um ventilador azul.

Do outro lado do quarto, próximo da janela, ficava uma penteadeira com um espelho tríplice, cujas três faces não estavam totalmente fechadas; as partes

superiores do vidro brilhavam pelas frestas como pedacinhos de gelo. Em frente do espelho havia como que uma pequena cidade de frascos: água-de-colônia, vaporizadores de perfume, água de lavanda, os frascos de cristal da Boêmia, com suas múltiplas facetas brilhando à luz... Um par de luvas de renda marrom, amassadas, jazia, murcho como folhas de cedro.

Um sofá e duas cadeiras, um abajur de pé, e uma mesinha baixa e delicada estavam dispostos bem debaixo da janela. Um bastidor, com o bordado começado no tecido de seda, estava encostado no sofá. A moda dos bordados havia passado há muito, mas a mãe de Noboru gostava de todo tipo de artesanato. O desenho parecia consistir de asas de um pássaro muito colorido, talvez um papagaio, sobre um fundo cinza prateado. Um par de meias estava amontoado ao lado do bordado. A inusitada combinação do náilon puro com a imitação de damasco do sofá dava ao quarto um ar de agitação. Ela devia ter percebido um fio corrido na meia, ao sair, e trocara-a às pressas.

Apenas um céu ofuscante e uns poucos fragmentos de nuvens, de aparência dura e acetinada como a do verniz à luz que se refletia da água, podiam ser vistos pela janela.

Noboru não acreditava estar olhando para o quarto de sua mãe: podia pertencer a qualquer estranho. Mas não havia dúvidas de que era de uma mulher: a feminilidade estava presente em cada canto, um leve perfume pairava no ar.

Uma ideia estranha o assaltou. O buraquinho estaria ali por acaso, acidentalmente? Ou — depois da guerra, quando as famílias de soldados viviam juntas na casa... Teve a súbita sensação de que um outro corpo, maior do que o seu, um corpo louro e cabeludo, enfiara-se outrora naquele espaço empoeirado na parede. Esse pensamento tornou irrespirável o ar abafado, e ele sentiu-se mal. Arrastou-se para trás, deixando a cômoda, e correu ao quarto ao lado. Jamais esqueceria a estranha sensação que teve quando, ao abrir a porta, entrou precipitadamente.

Familiar, sem nada de excitante, o quarto não tinha nenhuma semelhança com o misterioso aposento visto pelo buraco da parede: era o mesmo quarto onde vinha choramingar e curar seu mau humor — *já é tempo de você parar de vir para o quarto de mamãe com tanta frequência, com a desculpa de ver os navios; você já não é uma criancinha, meu querido* — e era ali que sua mãe deixava de lado o bordado para ajudá-lo nos deveres da escola, disfarçando bocejos, ou o censurava por não atar direito a gravata, ou conferia os livros da loja, que trazia para casa...

Procurou o buraquinho. Não era fácil encontrá-lo. Oculto com habilidade no lambril de madeira muito enfeitado, num ponto em que as curvas do desenho coincidiam, ocultando-o: um buraco muito pequeno.

Noboru voltou correndo para seu quarto, juntou as roupas espalhadas e enfiou-as nas gavetas. Quando tudo voltou ao que era antes, prometeu-se não fazer nunca nada que pudesse chamar a atenção dos adultos para a cômoda.

Pouco depois de ter feito essa descoberta, Noboru começou a espionar a mãe, à noite, principalmente quando ralhava, ou implicava com ele. No momento em que a porta era fechada, retirava silenciosamente a gaveta da cômoda e punha-se a observar, com um espanto nunca diminuído, os seus preparativos para dormir. Nas noites em que a mãe era boazinha, ele nunca a espionava.

Descobriu que tinha o hábito, embora as noites ainda não fossem excessivamente quentes, de sentar-se completamente nua, durante alguns minutos, antes de deitar-se. Passava maus momentos quando ela se dirigia ao espelho da parede, pois ficava num canto do quarto que não conseguia ver.

A mãe tinha apenas trinta e três anos, e seu corpo esbelto, bem modelado graças à prática semanal do tênis, era belo. Em geral, deitava-se logo depois de colocar um pouco de água-de-colônia, mas por vezes ficava algum tempo sentada à penteadeira, olhando no espelho o seu perfil, durante minutos por vezes, os olhos vazios, como se desgastados pela febre, os dedos perfumados colocados entre as coxas. Nessas noites, julgando que o vermelho de suas unhas juntas era sangue, Noboru tremia.

Nunca havia observado um corpo de mulher assim tão de perto. Os ombros, como uma praia, desciam suavemente. O pescoço e braços eram levemente bronzeados, mas no peito, como se iluminado por uma lâmpada interior, começava uma zona de um branco cálido e carnosos. Os seios altos inclinavam-se numa curva acentuada, distanciando-se do corpo; e quando ela os segurava com as mãos, os bicos rosados dançavam, isolados. Viu a barriga, que se agitava. E a cicatriz, indicativa da maternidade. Um empoeirado livro vermelho do gabinete do pai lhe ensinara isso: descobrira-o na prateleira mais alta, a lombada voltada para dentro, impressado entre um livro de jardinagem e um manual de bolso sobre comércio.

E a zona negra. O ângulo era mau, e Noboru se esforçava para ver, até que os cantos dos olhos começaram a doer. Tentou todas as palavras obscenas que conhecia, mas as palavras, apenas, não podiam penetrar aquela moita. Seus amigos provavelmente tinham razão, quando a chamavam de uma pobre casinha vazia. Ficou pensando se aquilo tinha alguma coisa a ver com o vazio de seu próprio mundo.

Com treze anos, Noboru estava convencido de seu gênio (todos os outros membros do seu grupo pensavam de maneira idêntica em relação a si mesmos), e estava certo de que a vida consistia de indicações e decisões simples; que a morte deitava suas raízes já no momento do nascimento, e o

único recurso de que o homem dispunha, a partir de então, era diluí-la e cuidar dela; que a propagação era uma ficção e, em consequência, também a sociedade era uma ficção; que os pais e professores, pelo fato de serem pais e professores, eram culpados de um pecado sério. Portanto, a morte de seu pai, ocorrida quando Noboru tinha oito anos, representava um acontecimento feliz, alguma coisa de que se devia orgulhar.

Nas noites de luar, a mãe apagava as luzes e ficava nua em frente do espelho! Ele permanecia acordado, então, durante horas, perturbado pelas visões do vazio. Uma feiura se desdobrava na noite enlustrada e na sombra macia, permeando todo o mundo. Se eu fosse uma ameba, pensava ele, com um corpo infinitesimal, poderia derrotar a feiura. O homem não é bastante pequeno, nem bastante grande, para derrotar coisa alguma.

Deitado na cama, as sirenes dos navios muitas vezes arranhavam como pesadelos, soando pela janela aberta. Quando a mãe era gentil, ele podia dormir sem olhar. Nessas noites, a visão aparecia-lhe nos sonhos.

Ele nunca chorava, nem mesmo nos sonhos, pois a dureza de coração era um ponto de orgulho. Uma grande âncora de ferro resistente à corrosão do mar e desprezando as cracas e ostras dos costados dos navios, afundando, brilhante e indiferente, em meio aos montes de cacos de vidro, pentes desdentados, tampinhas de garrafa e camisinhas-de-vênus, na lama do fundo do porto — era assim que gostava de imaginar o seu coração. Algum dia haveria de ter uma âncora tatuada no peito.

A noite mais desagradável de todas ocorreu lá pelo final das férias de verão. De súbito: não havia como saber que aconteceria.

A mãe saiu no princípio da noite, explicando que havia convidado o Segundo Piloto Tsukazaki para jantar. Para agradecer-lhe, disse, por ter mostrado o seu navio a Noboru, no dia anterior. Usava um quimono de renda preta sobre um fundo vermelho; seu obi era de brocado branco: pareceu bela a Noboru, ao sair de casa.

Às dez horas voltou com Tsukazaki. Noboru abriu-lhes a porta e sentou-se na sala de estar com o marinheiro que bebera um pouco, ouvindo histórias sobre o mar. A mãe interrompeu a conversa às dez e meia, dizendo que era hora de ir para a cama. Levou-o para o andar superior e fechou a porta de seu quarto com a chave.

A noite estava úmida, o espaço dentro da cômoda era tão abafado que ele mal podia respirar: ficou agachado do lado de fora, pronto a tomar posição quando fosse o momento, e esperou. Já passava da meia-noite quando ouviu passos furtivos na escada. Olhando para cima, viu a maçaneta girar fantasmagoricamente no escuro, como se alguém estivesse experimentando a

porta; isso nunca havia acontecido antes. Quando ouviu a porta do quarto da mãe abrir-se, um minuto depois, espremeu seu corpo suado para dentro da cômoda.

O luar, vindo do sul, refletia-se de um dos vidros da janela escancarada, na qual Tsukazaki se apoiava; havia dragonas douradas em sua camisa branca e de mangas curtas. As costas da mãe entraram no campo visual de Noboru, atravessaram o quarto na direção do marinheiro: abraçaram-se num longo beijo. Finalmente, tocando os botões da camisa dele, falou-lhe em voz baixa, e em seguida acendeu o abajur de pé, deixando o quarto na penumbra, e afastou-se. Foi em frente ao armário de roupas, num canto do quarto que Noboru não podia ver, que ela começou a despir-se. O ruído sibilante que fazia a faixa do quimono ao desenrolar-se foi como a advertência de uma serpente, seguido pelo ruge-ruge mais suave do quimono que deslizava pelo corpo até cair ao chão. De repente o ar em torno do buraco na parede ficou pesado com o cheiro de Arpège. A mãe havia caminhado, suando e um pouquinho bêbeda, pelo ar úmido da noite e seu corpo, ao se desnudar, exalou uma fragrância almiscarada que Noboru não reconheceu.

O marinheiro continuava junto da janela, olhando diretamente na direção de Noboru. Os traços do seu rosto queimado de sol não eram visíveis, exceto os olhos que brilhavam à luz do abajur. Comparando-o com a lâmpada, que usava frequentemente como medida, o menino pôde calcular-lhe a altura. Não teria, seguramente, mais de um metro e setenta, provavelmente um pouco menos. Não era um homem assim tão grande.

Lentamente, Tsukazaki desabotoou a camisa, depois tirou facilmente as roupas. Embora devesse ser aproximadamente da mesma idade que a mãe de Noboru, seu corpo parecia mais jovem e mais firme do que o de um homem da terra: ele poderia ter sido fundido na matriz do mar. Os ombros largos eram quadrados como as vigas do telhado de um templo, o peito era coberto de um cabelo espesso, e músculos nodosos como fibras de sisal destacavam-se por todo o seu corpo: tinha a carne como uma armadura que fosse possível retirar à vontade. Depois, Noboru viu, com espanto, como, varando o cabelo espesso na parte inferior da barriga, projetava-se, triunfalmente ereta, a torre lustrosa.

Os cabelos do peito arfante lançavam, à luz fraca, sombras trêmulas; o olhar perigoso e brilhante não deixava a mulher que se despia. O reflexo do luar no fundo traçava uma aura de ouro pelos seus ombros e transformava em ouro a artéria que sobressaía do pescoço. Era o autêntico ouro da carne, ouro do luar, e do suor brilhante. A mãe levou muito tempo para se despir. Talvez o fizesse propositalmente.

De repente, o longo gemido da sirene de um navio entrou pela janela aberta e inundou o quarto em penumbra — o grito de uma dor sem limites,

sombria, exigente; escuro como breu e glabro como o dorso de uma baleia, sobrecarregado de todas as paixões das marés, da memória de viagens fora de conta, de alegrias e humilhações: o mar estava gritando. Impregnada do brilho e da loucura da noite, a sirene trovejava, transmitindo ao pequeno quarto desde o mar largo e distante, desde o centro morto do mar, uma sede do néctar escuro.

Tsukazaki voltou-se com um movimento brusco dos ombros e olhou para fora, na direção da água.

Foi como participar de um milagre: naquele instante tudo o que se acumulara no peito de Noboru desde o seu primeiro dia de vida foi liberado e consumado. Até o momento em que o apito soou, havia sido apenas um esboço experimental. Os melhores materiais haviam sido preparados e tudo estava pronto, convergindo para aquele momento irreal. Faltava, porém, um elemento: o poder necessário à transfiguração daqueles fragmentos heterogêneos da realidade num palácio resplendente. E a um apito do navio, as partes fundiram-se num todo perfeito.

Montados nesse todo estavam a lua e um vento febril, a carne excitada e nua de um homem e uma mulher, suor, perfume, as cicatrizes da vida no mar, a enevoada lembrança de portos em torno do mundo, um buraco espião numa parede num canto apertado e abafado, o coração de ferro de um rapazinho — mas estas cartas de um baralho cigano estavam espalhadas, nada profetizando. A ordem universal finalmente realizada, graças ao grito súbito da sirene, revelou um círculo inelutável de vida — as cartas se ajustaram: Noboru e mãe, mãe e homem, homem e mar, mar e Noboru...

Sentiu-se sufocado, molhado, extático. Vira sem dúvida um emaranhado de fios desenrolar-se para formar uma figura reverenciada. E era preciso protegê-la: pelo que Noboru sabia, ele era o seu criador, de treze anos.

— Se isso algum dia for destruído, será o fim do mundo — murmurou, mal consciente do que dizia. — *Acho que farei qualquer coisa, por mais terrível que seja, para impedi-lo!*

Capítulo Dois

Surpreso, Ryuji Tsukazaki acordou numa casa estranha. A cama ao lado da sua estava vazia. Pouco a pouco, lembrou-se do que a mulher lhe dissera antes de adormecer: Noboru ia nadar com amigos em Kamakura, pela manhã; ela se levantaria cedo para acordá-lo, e voltaria para o quarto logo que o menino saísse... que ele por favor esperasse por ela sem fazer barulho. Apalpou a mesinha-de-cabeceira à procura do relógio e o examinou à luz que filtrava pelas cortinas. Dez minutos para as oito: provavelmente o menino ainda estava em casa.

Havia dormido cerca de quatro horas, tendo adormecido na hora exata em que costumava deitar-se, depois do quarto noturno. Não teria sido mais do que um cochilo, e mesmo assim tinha a cabeça clara, o prolongado prazer da noite ainda enroscado dentro dele, apertado como uma mola. Espreguiçou-se, cruzando os pulsos na frente. À luz da janela, o cabelo de seus braços musculosos parecia remoinhar em poços dourados; estava satisfeito.

Embora ainda fosse cedo, estava muito quente. As cortinas pendiam imóveis em frente da janela aberta. Espreguiçando-se novamente, Ryuji apertou, com o dedo estendido, o botão do ventilador.

Quinze minutos para o quarto do Segundo Piloto — preparar-se, por favor. Ouviu distintamente o chamado do Contramestre, num sonho. Durante todos os dias de sua vida, Ryuji fazia o quarto de meio-dia às quatro, e novamente da meia-noite às quatro da manhã. As estrelas eram suas únicas companheiras, e o mar.

A bordo do cargueiro *Rakuyo* Ryuji era considerado pouco sociável, e um tanto excêntrico. Nunca havia sido bom conversador, jamais gostara dos bate-papos que eram considerados como a única fonte de prazer do marinheiro. Histórias de mulheres, anedotas de terra, jactância interminável... Odiava a conversa meio simplória destinada a amenizar a solidão, o ritual da afirmação de laços com a fraternidade humana.

Os homens, em sua maioria, vão ser marinheiros porque gostam do mar. Ryuji, porém, fora levado por uma antipatia pela terra. O decreto das Forças de Ocupação, proibindo os navios japoneses de viajar por alto-mar, foi revogado pouco antes de sua formatura numa escola de marinha mercante, e ele embarcou no primeiro cargueiro que, depois da guerra, viajou para Formosa e Hong Kong. Mais tarde, esteve na Índia e acabou chegando até o Paquistão.

Que alegria, os trópicos! Esperando conseguir náilons ou relógios de pulso, as crianças nativas iam ao encontro deles em todos os portos, com bananas, abacaxis e mamões, pássaros de cores vistosas e macaquinhos. E Ryuji gostava dos palmeirais refletidos num rio lamacento e vagaroso. As palmeiras deviam ter sido comuns em sua terra natal, nalguma vida anterior, pensou ele, pois do contrário não poderiam tê-lo encantado tanto.

Com o tempo, porém, ele se foi tornando indiferente à atração de terras exóticas. Viu-se naquela estranha situação enfrentada por todos os marinheiros: essencialmente, não pertencia à terra, nem ao mar. Um homem que odeia a terra deveria morar para sempre na praia. A alienação e as prolongadas viagens marítimas o obrigariam a sonhar outra vez com a terra, atormentando-o com o absurdo de desejar alguma coisa que detesta.

Ryuji odiava a imobilidade da terra, as superfícies para sempre inalteráveis. O navio, porém, era outro tipo de prisão.

Aos vinte anos, tivera a certeza apaixonada: *só há uma coisa para a qual estou destinado, é a glória: sim, a glória!* Não tinha ideia de que glória desejava, ou qual a que lhe era mais adequada. Sabia apenas que nas profundezas das trevas do mundo havia um ponto luminoso que se destinava apenas a ele, e algum dia se aproximaria para iluminá-lo, a ele só e a ninguém mais.

E parecia incrivelmente óbvio que o mundo teria de sofrer uma grande transformação para que ele alcançasse a glória que era legitimamente sua. Eram consubstanciais: a glória e o mundo de pernas para o ar. Ansiava por uma tempestade. Mas a vida a bordo do navio ensinou-lhe apenas a regularidade das leis naturais e a estabilidade dinâmica do mundo oscilante. Começou a examinar suas esperanças e seus sonhos, um a um, e a apagá-los um a um, como um marinheiro vai riscando os dias no calendário na sua cabine.

Por vezes, durante o quarto, no meio da noite, podia sentir a sua glória cortando as águas em sua direção como um tubarão no mar negro e encrespado, podia quase vê-la, brilhar como as noctíluas que inflamam a água, convergindo sobre ele para inundá-lo de luz e lançar sua silhueta heroica sobre o mundo dos homens. Numa dessas noites, de pé na casa branca do piloto em meio a numerosos instrumentos e sinos de bronze para os sinais, Ryuji ficou mais convencido do que nunca:

Deve haver um destino especial que me é reservado; um destino brilhante, especial, que não é permitido a nenhum homem comum.

Ao mesmo tempo, gostava de música popular. Comprava todos os discos novos e os aprendia de cor quando estava no mar. Cantarolava as músicas se tinha tempo, parando quando alguém se aproximava. Gostava das canções de marinheiros (desprezadas pelo resto da tripulação) e a sua favorita chamava-se

“Não Posso Abandonar a Vida de Marinheiro”.

A sirene chora, rompem-se as bandeirolas,
nosso navio afasta-se do cais.
Eu sei que agora minha casa é o mar.
Mas até eu sinto vontade de chorar.
Enquanto aceno, aceno com tristeza,
pois em terra o coração deixei ficar.

Logo que o quarto da tarde terminava, ele se fechava na cabine que ia escurecendo e tocava o disco várias vezes, até a hora do jantar. Sempre baixava o volume, porque não queria que outros ouvissem; além disso, receava que algum colega entrasse para conversar, se ouvisse a música. O resto da tripulação conhecia seus sentimentos e ninguém jamais o perturbava.

Por vezes, ao ouvir a canção ou cantarolá-la, seus olhos se enchiam de lágrimas, tal como na letra da música. Estranho que um homem sem ligações se tornasse sentimental em relação a um “porto”, mas as lágrimas vinham diretamente de uma parte dele mesmo, sombria, distante, enervada, que havia negligenciado durante toda a vida e não podia controlar.

Na realidade, o espetáculo da terra que se afastava a distância nunca lhe provocou lágrimas. Cais e docas, guindastes e telhados de armazéns deslizando tranquilamente para desaparecer, eram por ele vistos com desprezo. Outrora, a largada havia provocado um fogo em seu peito; mais de dez anos no mar, porém, haviam debelado essas chamas. Ganhara apenas um rosto queimado e os olhos vivos.

Ryuji fazia o quarto, e dormia, acordava, fazia o quarto e voltava a dormir. Nele pulsavam sentimentos sem expressão, ao mesmo tempo que suas economias aumentavam constantemente, pois procurava ficar sempre sozinho. Tornou-se perito em tirar a altura do sol com o sextante, contava as estrelas como amigas, dominou as artes da amarração, alquebramento e reboque, até que finalmente, ouvindo o repetido barulho das ondas à noite, podia distinguir as marés. E enquanto se familiarizava melhor com as acetinadas nuvens tropicais e os mares de coral multicoloridos, seu saldo bancário aumentava: agora, tinha quase dois milhões de ienes^[1] no banco, soma extraordinária para um segundo piloto.

Experimentou também os prazeres da dissipação. Perdeu a virgindade na primeira viagem. Estavam em Hong Kong e um oficial superior o levou a uma prostituta chinesa...

Ryuji ficou deitado na cama, enquanto o ventilador espalhava as cinzas do cigarro, com os olhos semicerrados, como se quisesse medir o saldo da

quantidade e da qualidade do prazer da noite anterior, em comparação com as lamentáveis sensações daquela primeira experiência. Os olhos perdidos no espaço, começou a ver novamente, com a memória, o cais de Hong Kong à noite, as águas pesadas e escuras batendo contra o píer, as lanternas fracas das sampanas...

A distância, além da floresta de mastros e das velas arriadas e feitas de esteira dos barcos ancorados, as janelas brilhantes e os anúncios de neon de Hong Kong obscureciam as débeis lanternas no primeiro plano e pintalgavam a água com suas cores. Ryuji e o colega mais velho que lhe servia de guia estavam numa sampana pilotada por uma mulher de meia-idade. O remo na popa sibilava cortando a água, enquanto deslizavam pelo porto estreito. Quando chegaram ao lugar onde se concentravam as luzinhas, Ryuji viu os quartos das mulheres balançando-se sobre a água, muito claros.

Os barcos ficavam ancorados em três longas linhas, formando uma espécie de pátio interno sobre a água. Todas as popas estavam voltadas para o centro desse pátio, decoradas com varetas de incenso que soltavam fumaça, e com bandeirolas de papel vermelho e verde celebrando divindades regionais. Tecidos de seda, com estampados floridos, forravam os quartos semicirculares, de lona, nos conveses. No fundo de cada um desses aposentos havia um nicho, forrado do mesmo material, com um espelho: uma imagem da sampana de Ryuji pulava de quarto para quarto, ao passarem.

As mulheres fingiam não tomar conhecimento deles. Algumas estavam envoltas em cobertores, desnudando ao frio apenas o pescoço de boneca, branco de pó-de-arroz. Outras, com os cobertores enrolados em volta das coxas, manuseavam cartas de dizer a sorte. Os vermelhos e dourados vivos das cartas brilhavam entre os dedos esbeltos e pálidos.

— Qual delas você quer? — perguntou o oficial. — São todas jovens.

Ryuji não respondeu. Ia escolher a primeira mulher de sua vida e, tendo viajado 1.600 léguas para chegar até aquela alga marinha avermelhada e suja que flutuava nas águas escuras de Hong Kong, sentia-se curiosamente fatigado, perplexo. Mas as mulheres eram sem dúvida jovens e atraentes. Escolheu antes que o companheiro mais velho tivesse a oportunidade de fazer uma sugestão.

A prostituta estava sentada em silêncio, o rosto contraído com o frio, mas quando Ryuji entrou em seu barco, riu com satisfação. E ele acreditou um pouco na felicidade que estava proporcionando à mulher, que puxou a cortina de estampado florido sobre a entrada de seu aposento.

Fizeram em silêncio o que tinham de fazer. Ele tremeu um pouco, por vaidade, como na ocasião em que escalara o mastro pela primeira vez. A parte inferior do corpo da mulher, como um animal semiadormecido na hibernação, mexia-se letargicamente sob as cobertas; ele percebeu as estrelas da noite

inclinarem-se perigosamente no alto do mastro. As estrelas pendiam para o sul, para o norte, giravam, projetavam-se para leste e pareciam finalmente fixar-se no alto do mastro. Quando chegou a perceber que estava com uma mulher, havia acabado...

Bateram à porta e Fusako Kuroda entrou com uma grande bandeja, trazendo o café.

— Desculpe tê-lo feito esperar tanto. Noboru saiu há um minuto.

Colocando a bandeja sobre a mesinha de café, ela abriu as cortinas.

— Não há brisa nenhuma. Vai ser um dia quente, outra vez.

Até mesmo a área de sombra sob o peitoril da janela estava quente como o asfalto fervendo. Ryuji sentou-se na cama e enrolou no peito o lençol amassado. Fusako estava vestida para sair. Os braços nus, movendo-se não para abraçá-lo, mas para despejar nas xícaras o café matinal, pareciam-lhe estranhos. Já não eram os braços da noite anterior.

Ryuji puxou Fusako para a cama e beijou-a. A fina e sensível pele dos lábios da moça traíram a indecisão de seu olhar: pela manhã, antes mesmo que abrisse os olhos, estava pouco à vontade, e ele sabia.

— A que horas você vai trabalhar? — perguntou Ryuji.

— Posso chegar lá pelas onze horas. E o que vai você fazer?

— Talvez vá um pouco até as docas, para ver o que estão fazendo.

Haviam criado, numa única noite, uma situação nova, que agora parecia desconcertá-los em pouco. Naquele instante, esse constrangimento era a única coisa que tinham para orientar-lhes o comportamento. Ryuji, com o que gostava de chamar de inacreditável arrogância das pessoas intoleráveis, calculava até onde poderia ir.

A expressão no rosto radiante de Fusako sugeria várias coisas. Ressurreição. Ou um total esquecimento. Ou até mesmo a determinação de mostrar a si mesma, e ao mundo, que não havia sido um *erro*, em nenhum sentido da palavra.

— Vamos tomar café aqui? — perguntou, passando para o sofá.

Ryuji levantou-se da cama e vestiu-se. Fusako estava de pé junto da janela.

— Gostaria que se pudesse ver o seu navio, daqui.

— Se aquele cais não fosse tão distante da cidade...

Aproximando-se dela por trás, Ryuji envolveu-lhe a cintura com os braços. Juntos, ficaram olhando para o porto.

A janela estava a cavaleiro dos telhados vermelhos dos velhos armazéns. Um bloco de armazéns novos, semelhantes a edifícios de apartamentos, subia do píer em direção ao norte. O canal estava enterrado sob os remos de popa e

as barcaças. Além da área dos armazéns, pilhas de madeira que secavam misturavam-se num complicado mosaico. Como um dedo de concreto, um longo quebra-mar estendia-se desde o pátio onde estava a madeira até o mar.

O sol da manhã de verão pousava como uma ofuscante folha de metal martelado por sobre a bigorna colossal do cenário portuário.

Os dedos de Ryuji tocaram por sobre o vestido de algodão azul o bico dos seios de Fusako, que sacudiu a cabeça, e os fios de cabelo fizeram cócegas no nariz dele. Como sempre, sentia que havia viajado um longo caminho, por vezes até extremos do mundo, para chegar finalmente a um ponto de sensação delicada — uma excitação na ponta dos dedos perto de uma janela, numa manhã de verão.

O cheiro de café e geleia de laranja enchia o quarto.

— Havia alguma coisa em Noboru, agora de manhã, que me deu a impressão de que ele sabia. É claro, ele parece gostar muito de você, e portanto, isso não tem realmente importância... Ainda não compreendo como isso pode ter acontecido. Quero dizer...

A confusão dela parecia um pouco falsa.

— ... parece incrível!

Capítulo Três

Rex, Ltda. era uma das mais antigas e mais conhecidas lojas de artigos de luxo de Yokohama, localizada no elegante bairro de Motomachi. Desde a morte do marido, Fusako assumira a direção dos negócios. A arquitetura mourisca do pequeno edifício de dois andares era característica: a vitrine com estilo de mesquita, na frente da loja, estava sempre arranjada com gosto. Dentro, uma sobreloja aberta como uma varanda voltava-se para um pátio de cerâmica espanhola importada. Um pequeno chafariz borbulhava no centro do pátio. Um Baco de bronze, algumas gravatas Vivax negligentemente penduradas em seus braços, era uma das muitas curiosidades colecionadas pelo marido de Fusako, antes de sua morte, e cujos preços eram fixados de modo a não estimular possíveis compradores.

Fusako tinha um velho gerente e quatro caixeiras. Entre a clientela estavam os estrangeiros ricos que moravam em Yokohama, um grande número de pessoas elegantes e estrelas de cinema de Tóquio, e até mesmo alguns compradores de pequenas lojas de varejo de Ginza, que vinham abastecer-se, pois a Rex tinha a reputação de um discernimento fantástico no que se relacionava com a boa qualidade, em particular em artigos masculinos importados. Tanto Fusako como o gerente, cujo nome era Shibuya e tinha o mesmo gosto de seu marido, eram compradores exigentes.

Sempre que um navio atracava em Yokohama, um agente de importação, velho amigo da família, usava suas ligações para conseguir levá-los ao armazém, antes de as mercadorias passarem pela alfândega, logo depois de descarregadas. Muitas vezes Fusako podia fazer uma oferta antes que outros compradores tivessem visto a mercadoria. Sua política era ressaltar as etiquetas de qualidade e ao mesmo tempo oferecer uma ampla variedade de preços para cada artigo. Uma encomenda da Rex para suéteres Jaeger, por exemplo, seria dividida igualmente entre as linhas mais exclusivas e as mais modestas, mantidas pelo fabricante. O mesmo ocorria com o couro italiano importado: a seleção da Rex incluía couro da escola de curtume ligada à Chiesa Santa Croce, em Florença, bem como as luvas e bolsas mais caras da Via Condotti.

Embora Fusako não pudesse viajar ao exterior, devido a Noboru, mandara o Sr. Shibuya numa viagem de compras à Europa, no ano anterior, e ele estabelecera novos contatos por todo o continente europeu. Shibuya havia dedicado toda a sua vida à elegância do vestuário: a loja Rex tinha até mesmo polainas inglesas, artigo que não se encontrava em nenhuma das lojas de

Ginza.

Fusako chegou à hora habitual e foi recebida com a costumeira cordialidade matinal. Fez algumas perguntas relacionadas com o trabalho e subiu para o escritório, na sobreloja, para abrir a correspondência do dia. O aparelho de ar-condicionado, na janela, zumbia de maneira sonolenta.

Sentia-se aliviada por ter conseguido chegar à hora de sempre. Tinha de ser assim. Não poderia imaginar o que teria acontecido, logo hoje, se não tivesse vindo trabalhar.

Tirou da bolsa um cigarro feminino e olhou, ao acendê-lo, a agenda sobre a sua mesa. Yoriko Kasuga, atriz de cinema que estava filmando em Yokohama, devia chegar ao meio-dia para compras enormes: acabava de voltar de um festival de cinema na Europa, e tendo gasto em outras coisas o dinheiro destinado aos presentes, esperava resolver o problema com presentes da Rex. “Alguns acessórios franceses originais”, dissera, pelo telefone, “para cerca de vinte homens — escolha o que quiser.” Mais tarde, a secretária particular dos Yokohama Importers viria apanhar algumas das camisas italianas de gola rulê que seu chefe, o presidente da companhia, usava para jogar golfe. Clientes fiéis, essas mulheres satisfaziam-se com notável facilidade.

Uma parte do pátio era visível sob as portas de vaivém com venezianas. Havia calma. As portas das folhas de uma seringueira, num canto, brilhavam opacamente. Ninguém parecia ter chegado ainda.

Fusako estava preocupada com a possibilidade de o Sr. Shibuya perceber o que lhe parecia serem suas olheiras. O velho olhava para as mulheres como se estivesse examinando um pedaço de tecido nas mãos. Mesmo que fosse a sua patroa.

Nunca, até aquela manhã, ela se havia dado conta do tempo passado: cinco anos desde a morte do marido! Não custara a passar, mas de repente, como um obi branco que jamais conseguiria enrolar, cinco anos representavam um tempo muito extenso.

Fusako brincou com o cinzeiro onde repousava seu cigarro, apagando-o. O homem ainda estava impregnado em todos os poros do seu corpo. Tinha consciência da carne sob as roupas como uma coisa contínua, coxa e seios em cáldio acordo: era uma sensação nova. E ainda podia sentir o cheiro do suor do homem. Como se os quisesse colocar à prova, contraiu os dedos dos pés, dentro das meias.

Fusako conheceu Ryuji dois dias antes. Noboru, que era fanático por navios, convencera-a a pedir a um amigo, diretor de uma empresa de navegação, uma carta de apresentação, e foram ver o *Rakuyo*, um cargueiro de dez mil toneladas, ancorado no píer de Takashima...

Parando por um minuto no extremo mais distante das docas, mãe e filho

contemplaram o navio creme e verde, que brilhava a distância. Fusako abriu uma sombrinha com um longo cabo branco, de pele de cobra.

— Vê aqueles navios ao largo? — perguntou Noboru, com ar de entendido. — Estão esperando a vez para atracar e descarregar.

— É por isso que nossas encomendas demoram tanto a chegar — disse Fusako. Sentia calor só de olhar para o navio.

O céu pontilhado de nuvens estava dividido por um complicado emaranhado de espias; e em direção a ele, numa reverência, como um queixo fino, levantava-se a proa do *Rakuyo*, imensamente alta, com a bandeira verde da empresa flutuando ao alto. A âncora apegava-se ao molinete como um grande caranguejo de metal negro.

— Vai ser ótimo — disse Noboru, exultando de animação juvenil. — Acho que poderemos percorrer o navio de popa à proa.

— Não devemos esperar muita coisa, meu querido, até termos certeza de que precisamos apenas desta carta.

Pensando em tudo aquilo, mais tarde, Fusako compreendeu que também seu coração começara a bater mais depressa, quando ficaram olhando o navio. *Engraçado: estou tão excitada quanto Noboru.*

Esse sentimento empolgou-a no auge de seu langor — o simples gesto de levantar a cabeça parecia uma tarefa quente e cansativa — de repente, e sem qualquer razão.

— O navio tem um convés corrido, mamãe. Parece um belo navio.

Incapaz de calar todo o conhecimento que lhe enchia a cabeça, Noboru falou detidamente, apesar do desinteresse de sua mãe. Ao se aproximarem, o *Rakuyo* cresceu à sua frente como grande música. Noboru adiantou-se e subiu correndo a prancha de desembarque, brilhante e prateada.

Mas Fusako teve de percorrer o corredor, em frente dos aposentos dos oficiais, segurando desalentada a carta ao capitão. Os conveses, onde se processava um descarregamento, estavam agitados e barulhentos, mas no abafado corredor havia um desagradável silêncio.

Abriu-se, então, a porta de uma cabine marcada “segundo piloto” e Tsukazaki apareceu.

— Por favor, diga-me, onde posso encontrar o capitão?

— Ele não está a bordo, no momento. Em que lhe posso ser útil?

Fusako mostrou-lhe a carta; Noboru, olhos brilhantes, contemplava extasiado o marinheiro.

— Percebo... Uma espécie de excursão de estudo. Acho que posso mostrar-lhes o navio.

Tinha as maneiras um pouco bruscas, e seu olhar fixou-se no rosto dela, enquanto falava.

Foi esse o primeiro encontro. Fusako jamais esqueceria os olhos dele, ao se encontrarem no corredor. Eram profundos, no rosto sério e trigueiro, e a olhava como se fosse um pequeno ponto no horizonte, o primeiro sinal de um navio distante. Pelo menos, foi essa a impressão que teve. Olhos que se voltavam para um objeto tão próximo não precisavam ser penetrantes daquele jeito, focalizando de maneira tão intensa — pois não havia léguas de mar entre eles, não era natural. Fusako ficou pensando se todos os olhos que examinavam interminavelmente o horizonte eram assim. Sinais não buscados de um navio divisado — receios e prazer, prudência e expectativa... o navio avistado apenas capaz de perdoar a afronta devido à enorme extensão de mar entre eles: um olhar devastador. Os olhos do marinheiro fizeram-na tremer.

Tsukazaki levou-os primeiro à ponte de comando. Na escada que subiram para o convés principal, o sol de verão colocava degraus de luz oblíquos. Mostrando os cargueiros ancorados ao largo, Noboru repetiu sua observação:

— Suponho que aqueles navios estejam esperando vez para atracar...

— Você tem razão. Alguns deles talvez tenham de esperar lá fora quatro ou cinco dias.

— Eles recebem aviso pelo telégrafo, quando há uma vaga?

— Isso mesmo. Recebem um telegrama da companhia. Há uma comissão que se reúne todos os dias para determinar as prioridades de atracação.

O suor molhava a camisa branca de Tsukazaki com pequenas manchas que revelavam os músculos de suas costas fortes: Fusako ficou constrangida. Sentia-se grata àquele homem por levar Noboru a sério, mas ele a deixava pouco à vontade, quando se voltava para ela, com perguntas diretas:

— O menino sabe do que está falando. Ele quer ser marinheiro? — Os olhos de Tsukazaki a penetravam novamente.

Parecia ser um homem forte e simples, mas ainda assim havia nele um ar de indiferença, que Fusako não soube se era o orgulho profissional. Quando, abrindo a sombrinha para proteger-se do sol e olhando de perto o rosto dele, tentou formar uma opinião, teve a impressão de descobrir alguma coisa inesperada na sombra de suas sobrancelhas grossas. Alguma coisa que nunca havia visto à luz clara do dia.

— Ele faria bem se esquecesse isso. É uma vida miserável, se é que existe uma — disse o marinheiro, sem se dar ao trabalho de esperar uma resposta. — Por aqui. Este é o conjunto do sextante.

O instrumento que ele mostrou parecia um cogumelo branco, com um longo caule.

Quando chegaram à casa do leme, Noboru queria tocar em tudo: o tubo

de comunicação com a sala de máquinas e a agulha giroscópica do piloto automático; as telas de radar e o seletor eletrônico de canais. Os indicadores onde estava escrito: PARAR — ATENÇÃO — ADIANTE e inúmeros outros relógios e mostradores pareciam invocar visões de perigo em mar aberto. Na sala de mapas, ao lado, ele ficou admirado com as estantes cheias de mapas e tabelas, e examinou um mapa, todo raspado e manchado, ainda em elaboração. A carta traçava no mar linhas caprichosas que apareciam e desapareciam de acordo com uma curiosa ageometria. Mais fascinantes ainda eram os diários de bordo: amanhecer e anoitecer eram registrados como semicírculos, um par de chifres dourados marcava a passagem da lua, e as marés eram mostradas em curvas suaves, ondeadas.

Enquanto Noboru mergulhava em seus sonhos pessoais, Tsukazaki permanecia ao lado de Fusako, em quem o calor de seu corpo, na cabine abafada, começava a provocar uma opressão: quando a sombrinha, que havia apoiado a uma mesa, caiu subitamente ao chão, Fusako sentiu como se ela mesma tivesse desmaiado e tombado.

Deu um pequeno grito. A sombrinha bateu-lhe no pé. O marinheiro abaixou-se imediatamente e a apanhou. Fusako achou que ele se movimentava tão devagar quanto um mergulhador submarino. Apanhou a sombrinha e em seguida, vindo do fundo desse mar de tempo irrespirável, seu quepe branco subiu lentamente na direção da superfície...

Shibuya abriu as portas de vaivém e anunciou:

— Yoriko Kasuga acabou de chegar.

— Está bem! Eu desço logo.

O velho a acordara um pouco bruscamente demais; e ela lamentou a resposta dada quase como um reflexo.

Estudou por um momento o rosto num pequeno espelho pendurado na parede. Sentia-se como se ainda estivesse na sala dos mapas.

Yoriko estava no pátio com uma de suas acompanhantes. Usava um enorme chapéu, como um girassol.

— Quero que Mamãe escolha tudo. Eu não sei nada.

Fusako não gostava de ser chamada de “Mamãe”, como se fosse a dona de um bar. Desceu lentamente as escadas, e caminhou até onde estava Yoriko, conversando.

— E como vai você? Está muito quente, não é?

A atriz queixou-se do calor devastante e das multidões que se juntavam no cais, onde estavam filmando. Fusako imaginou Ryuji no meio daquela gente, e sentiu-se desanimada.

— Trinta cenas esta manhã, você pode imaginar isso? É o que o Sr. Honda chama de “correr com um filme”.

— O filme vai ser bom?

— Impossível. Mas não é o tipo de filme que ganha prêmios, de qualquer maneira.

Ganhar um prêmio de melhor atriz era uma obsessão de Yoriko. Na verdade, os presentes que estava comprando hoje constituíam um dos seus “gestos” inimitáveis para com o júri que distribuía prêmios. Sua disposição de acreditar em qualquer escândalo (exceto os que a envolviam) sugeria que estava pronta a oferecer o corpo a todos os membros do júri, sem hesitação, se achasse que isso poderia ajudá-la a ganhar o prêmio.

Embora conseguisse, com dificuldade, manter uma família de dez pessoas, Yoriko era uma beldade ingênua e, pelo que Fusako sabia, uma mulher muito solitária. Ainda assim, considerava-a uma mulher difícil de tolerar, embora fosse boa cliente.

Mas naquele dia Fusako estava dominada por uma gentileza paralisante. As falhas de Yoriko, sua vulgaridade, eram tão evidentes como sempre, mas pareciam inocentes e inofensivas, como os peixinhos dourados que nadavam no aquário.

— A princípio pensei que seria bom escolher suéteres, já que estamos próximos do outono, mas esses artigos foram comprados no último verão, e por isso escolhi gravatas Caldin, camisas de gola rulê e algumas canetas Jiff. Para as esposas, acho que não podemos errar, escolhendo perfumes. Vamos até lá em cima? Tenho tudo junto, no escritório.

— Gostaria de ir, mas não tenho tempo. Mal consegui engolir alguma coisa como almoço, hoje. Posso deixar tudo a seu cargo? O importante são as caixas e os embrulhos — isso é que dá alma ao presente, não acha?

— Vamos fazer embrulhos muito bonitos.

A secretária dos Yokohama Importers chegou no momento em que Yoriko estava de saída, e foi a última cliente regular do dia. Fusako mandou levar para o escritório o sanduíche e a xícara de chá que encomendava todos os dias de um café do outro lado da rua, e sentou-se à frente da bandeja, mais uma vez sozinha. Aconchegando-se confortavelmente na cadeira, como alguém que dorme e se afunda sob as cobertas, na tentativa de recapturar um sonho interrompido, ela fechou os olhos e voltou sem esforço para a ponte do *Rakuyo*...

Tsukazaki desceu com eles as escadas, até o convés, de onde podiam ver a carga sendo retirada do porão nº 4. A abertura do porão era grande, um rasgão negro nas placas de aço do convés aos seus pés. Um homem com um capacete de aço amarelo, de pé numa viga estreita imediatamente abaixo de onde estavam, dirigia o guindaste com sinais de mão.

Os corpos seminus dos estivadores brilhavam opacamente na penumbra

do fundo do porão. A carga só recebia o sol quando era suspensa pelo guindaste, oscilando, desde o fundo até bem perto da boca da abertura do porão. Faixas de sol passavam com rapidez pelos guindastes, quando se movimentavam no ar, mas a carga era levada com rapidez ainda maior, e ficava pairando sobre a barcaça que a esperava.

O prelúdio, aterrorizantemente deliberado, e a súbita e descuidada fuga; o brilho perigoso da prata numa volta do cabo já velho — de pé sob a sombrinha aberta, Fusako observava tudo aquilo. Sentiu fardos após fardos, pesados, da carga, serem retirados dela e levados pelo braço poderoso de um guindaste — de repente, mas depois de uma longa e cuidadosa preparação. Sentiu-se excitada ao ver um fardo que nenhum homem poderia suspender, pendurado levemente no ar, e poderia ter ficado olhando a cena para sempre. Isso podia constituir um destino adequado para a carga, mas era uma maravilha que também encerrava uma indignidade. “Fica cada vez mais vazio”, pensou. O avanço era incessante, e mesmo assim havia tempo para hesitação e demora, tempo tão quente e prolongado que podia provocar um desmaio, um tempo arrastado, congestionado.

Ela deve ter dito, então:

— Foi muita bondade sua acompanhar-nos, quando eu sei que deve estar muito ocupado. Eu gostaria de saber se está livre amanhã à noite, e então talvez pudéssemos jantar juntos.

Era um convite social e sem dúvida Fusako disse friamente aquelas palavras; para os ouvidos de Tsukazaki, elas soaram como o balbúcio de uma mulher que sofrera um ataque com o calor. Olhou-a com olhos perfeitamente sinceros e intrigados...

E na noite anterior haviam ido ao Novo Grande Hotel, para jantar. *Eu estava ainda apenas tentando agradecer-lhe. Ele comeu com educação, como seria de esperar de um oficial. Aquela longa caminhada depois do jantar. Ele disse que me acompanharia até a casa, mas chegamos ao novo parque no morro e não tínhamos ainda vontade de nos separarmos, por isso sentamos num banco do parque. Tivemos então uma longa conversa. Falamos de tudo. Desde que meu marido morreu, eu nunca havia conversado tanto com um homem...*

Capítulo Quatro

Depois de deixar Fusako a caminho do trabalho, Ryuji voltou rapidamente ao *Rakuyo*, retornando em seguida de táxi pelas ruas vazias e escaldantes, até o parque onde haviam parado na noite passada. Não conseguiu imaginar nenhum outro lugar para ir, até o final da tarde, quando haviam marcado encontro.

Era meio-dia e o parque estava vazio. O bebedouro estava vazando, tingindo o passeio de pedra com um negro aquoso; as cigarras lançavam seu canto estridente nos ciprestes. O porto, espalhando-se na direção do mar desde o sopé do morro, fazia um ruído surdo e cavo. Mas para Ryuji, o cenário do meio-dia estava pintado das cores da lembrança da noite.

Reviveu-a, fazendo pausas para saborear um momento, recompondo várias vezes o seu curso. Sem se dar ao trabalho de secar o suor que lhe escorria pelo rosto, retirou distraidamente um pedacinho do papel do cigarro que se prendera ao seu lábio, enquanto repetia, por várias vezes, mentalmente: *como pude ter falado tão mal!*

Não havia sido capaz de explicar suas ideias de glória e morte, ou o anseio e a tendência melancólica que sentia no peito, ou as outras paixões sombrias que o sufocavam ao embalo do mar. Ao tentar falar dessas coisas, fracassou. Se houve momentos em que se sentiu sem valor, em outros era como se a magnificência do poente na baía de Manila o traspassasse com seu fogo radiante e ele sabia ter sido escolhido para pairar acima dos outros homens. Mas não fora capaz de transmitir à mulher essa convicção. Lembrava-se de ter ela perguntado:

— Por que você não se casou?

E lembrava-se de sua resposta pouco espontânea:

— Não é fácil encontrar uma mulher que queira ser esposa de um marinheiro.

O que havia desejado dizer era: “Todos os outros oficiais têm dois ou três filhos, já, e leem cartas vindas de casa, muitas vezes, e olham para retratos que seus filhos tiraram de casas e do sol e de flores. Esses homens jogaram fora a oportunidade — não há mais esperanças para eles. Eu nunca fiz muita coisa, mas vivi toda a minha vida pensando em mim como o único homem real. E se estou certo, então, algum dia, uma trombeta límpida e solitária vai soar no alvorecer, e uma nuvem túrgida entremeada de luz baixará, e a voz pungente da glória me chamará a distância. E então, terei de pular da cama e partir

sozinho. É por isso que nunca me casei. Esperei, esperei, e aqui estou, com mais de trinta anos.”

Mas não disse nada que se parecesse com isso; em parte, porque tinha dúvidas de que a mulher fosse capaz de compreender. Nem havia mencionado seu conceito do amor ideal: o homem só encontra a mulher perfeita uma vez na vida, e em cada caso, a morte se interpõe entre eles — Pândaro invisível — e os atrai ao abraço predeterminado. Essa fantasia era provavelmente produto da hipérbole das canções populares. Mas com o passar dos anos, havia adquirido substância em algum recesso de sua mente, fundindo-se ali com outras coisas: o grito agudo de uma onda grande, a força inelutável da maré alta, a avalanche que era a quebra de uma onda numa praia...

E tinha a certeza de que a mulher à sua frente era a mulher do sonho. Mas faltaram-lhe as palavras para dizê-lo.

No grande sonho que Ryuji guardava secretamente como um tesouro por tanto tempo, ele era um protótipo de masculinidade, e ela, a mulher consumada. E vindos de cantos opostos do mundo, eles se reuniam num encontro ocasional, e a morte os casava. E distanciando-se das despedidas espalhafatosas, com bandeiras flutuando e acordes de canções sobre os velhos bons tempos, e distanciando-se também dos amores inconstantes dos marinheiros, deveriam descer ao fundo das grandes profundezas do coração, onde nenhum homem jamais esteve...

Mas não foi capaz de transmitir nem mesmo um fragmento de sonho louco. Em lugar disso, falou de legumes:

— De vez em quando, numa longa viagem, passamos pela cozinha e vemos, de relance, rabanetes ou folhas de nabos. E você sabe, aqueles fragmentos de verde nos fazem estremecer. Sentimos vontade de cair de joelhos e adorá-los.

— Posso imaginar. Creio que sei exatamente como você se deve sentir.

Fusako concordou prontamente. Sua voz tinha a alegria que a mulher sente ao consolar o homem.

Ryuji pediu-lhe o leque e espantou os mosquitos. As lâmpadas, em postes distantes, piscavam como estrelas de ocre; as lâmpadas nos beirais dos armazéns, bem abaixo deles, estendiam-se em filas regulares e brilhantes.

Ele queria falar da estranha paixão que agarra o homem pelo pescoço e o transporta para um reino além do medo da morte. Mas em lugar de encontrar as palavras para isso, começou espontaneamente um relato das dificuldades que havia conhecido, e sua língua ficou travada.

Seu pai, um funcionário público, criou-o, e a seu irmão, sozinho, depois da morte da mãe; velho e doente, ele trabalhava extraordinário para mandar Ryuji à escola; apesar de tudo, Ryuji cresceu e transformou-se num homem

forte e saudável; no fim da guerra, sua casa foi destruída num bombardeio aéreo e sua irmã morreu de tifo pouco depois. Formou-se na escola de marinha mercante e estava iniciando sua carreira quando o pai também morreu. Suas únicas recordações da vida em terra eram de pobreza, doença e morte, uma devastação interminável. Ao tornar-se marinheiro, desligara-se para sempre da terra... Era a primeira vez que falava dessas coisas, tão demoradamente, a uma mulher.

A exaltação dominou a voz de Ryuji quando mencionou a miséria de sua vida, e ao recordar o total de sua conta bancária, deixou de falar sobre o poder e a benevolência do mar, que era a história que desejava contar, a fim de gabar-se de suas proezas, como um homem realmente muito vulgar. Era apenas mais um aspecto de sua vaidade.

Queria falar do mar — poderia ter dito alguma coisa assim:

— Foi o mar que me fez começar a pensar secretamente sobre o amor, mais do que sobre qualquer outra coisa; você sabe, um amor digno de se morrer por ele, ou um amor que nos consome. Para um homem preso num navio de aço durante todo o tempo, o mar se parece demais com uma mulher. Coisas como suas calmarias e tempestades, ou seu capricho, ou a beleza de seu seio refletindo o sol poente, são óbvias. Mais do que isso, estamos num navio que monta o mar e anda pelo mar, e não obstante, o nega constantemente. É o velho provérbio sobre milha e milha de água belíssima, e não se pode saciar a sede. A natureza cerca o marinheiro com todos esses elementos, como uma mulher, e não obstante, ele é mantido o mais longe possível de seu corpo quente e vivo. É aí que começa o problema, exatamente aí — tenho certeza disso.

Mas ele pôde apenas murmurar alguns versos da sua canção: *Eu sei que agora minha casa é o mar. Mas até eu sinto vontade de chorar...*

— Acho isso muito engraçado. É a minha canção favorita.

— Acho uma canção maravilhosa — disse ela. Mas estava apenas protegendo o orgulho dele, sabia. Evidentemente, era a primeira vez que ouvia a canção, embora fingisse conhecê-la muito bem. *Ela não pode penetrar nos sentimentos que há no fundo de uma canção como esta; nem ver através das trevas da minha masculinidade até o anseio que por vezes me faz chorar; é justo: então, no que me diz respeito, ela é apenas um outro corpo.*

E viu, de relance, como esse corpo era delicado e fragrante.

Fusako usava um quimono de renda negra sobre um fundo vermelho, e seu obi era de brocado branco. O rosto leitoso flutuava, fresco, na penumbra. O vermelho deixava-se ver sedutoramente através da renda negra. A presença dela enchia o ar que os cercava da doçura feminina, a doçura de uma mulher requintada, elegante — Ryuji não havia nunca visto nenhuma outra igual a

ela.

A cor da roupa variava fantasticamente, indo do vermelho a tons de roxo, quando os sutis movimentos de seu corpo alteravam o jogo das luzes das lâmpadas distantes. E ele percebeu nas dobras sombreadas da roupa a respiração silenciosa das próprias dobras da mulher. O suor e o perfume dela, que lhe vinham com a brisa, pareciam clamar pela morte de Ryuji. “MORRE! MORRE! MORRE!”, gritava; e ele ficava imaginando quando as delicadas pontas dos dedos, agora furtivas e relutantes, se transformariam rapidamente em línguas de chamas.

Seu nariz era perfeito, os lábios, delicados. Como o mestre colocando uma pedra *go* no tabuleiro, depois de longa deliberação, ele colocava os detalhes de sua beleza, um a um, no escuro enevoadado e recuava para saboreá-los.

Os olhos dela eram tranquilos e frios, e sua frieza era a própria lascívia, a indiferença ao mundo transforma-se numa luxúria sem peias. Os olhos haviam perseguido Ryuji desde que combinaram jantar, no dia anterior, mantendo-o acordado durante toda a noite.

E que ombros voluptuosos! Como uma praia, começavam sem um começo real, a inclinar-se delicadamente para baixo a partir da curva do pescoço; ombros graciosos, dignificados, modelados de modo que a seda pudesse escorrer e cair. *Quando eu lhe segurar os seios, eles se aninharão nas palmas de minhas mãos com um peso maravilhoso, suado. Sinto-me responsável por toda a carne dessa mulher porque ela me provoca suavemente, como outras coisas que são minhas. Tremo com a doçura de estar aqui, e quando ela me sentir tremer, se inclinará como uma folha de uma árvore batida pelo vento, e mostrará o branco daqueles olhos seus.*

Uma história tola e estranha ocorreu inesperadamente a Ryuji. Certa vez o capitão lhe recomendara que fosse a Veneza e visitasse certo belo palacete na maré alta; e ao chegar lá, Ryuji surpreendeu-se de ver que os pisos de mármore estavam sob a água... Ele quase disse as palavras em voz alta: *um belo palacete inundado.*

— Por favor, fale um pouco mais — pediu Fusako, e ele soube que poderia beijá-la. O jogo suave e inflamado dos lábios de ambos alterou-se sutilmente com todo contato e separação difícil, como se de ângulo a ângulo eles se lançassem, um sobre o outro, transformando num único fio luminoso toda a suavidade e toda a doçura. Os ombros, sob as suas mãos grossas, eram agora mais reais do que qualquer sonho.

Como um inseto que dobra as asas, Fusako baixou os longos cílios. “Felicidade bastante para deixar louco um homem”, pensou Ryuji. Felicidade que desafiava qualquer descrição. A princípio a respiração dela parecia subir de

algun lugar no seu peito, mas aos poucos seu calor e seu odor se foram modificando até dar a impressão de que poderiam ter vindo de alguma profundidade incalculável dentro dela. Agora, o que dava fogo à sua respiração também se tornava diferente.

Agarraram-se e chocaram-se em movimentos frenéticos, inábeis, como animais numa floresta cercados por um anel de fogo. Os lábios de Fusako se amaciaram e se tornaram mais lisos; Ryuji estava pronto a morrer de felicidade, naquele momento. Só quando as pontas frias do nariz de ambos se roçaram é que ele compreendeu, com espanto, que eram dois corpos firmes e separados.

Ele não sabia quanto tempo se passou até que ela dissesse, apontando para um telhado de ardósia pouco acima dos ciprestes, na orla do parque:

— Por que não passa a noite conosco? Nossa casa fica bem ali.

Levantaram-se e olharam em torno. Ryuji enterrou o quepe na cabeça e colocou o braço em volta dos ombros de Fusako. O parque estava deserto; o farol vermelho e verde na Torre Marinha varria os bancos de pedra da praça vazia, o bebedouro, os canteiros, e os degraus de pedra branca.

Por hábito, Ryuji olhou o relógio. Mal pôde ver o ponteiro, à luz do posto, fora do parque: poucos minutos depois das dez. Habitualmente, teria ainda duas horas de quarto da noite...

Não suportava mais o calor do meio-dia. O sol estava agora a oeste, queimando-lhe a nuca: deixara o quepe no *Rakuyo*.

O Primeiro Piloto dera a Ryuji uma licença de dois dias, atribuindo o seu quarto ao Terceiro Piloto, e ele teria de substituir o colega no próximo porto. Havia mudado de roupa no navio e trazia consigo um paletó esporte e uma gravata que pretendia usar naquela noite, mas o suor já havia amarfanhado sua camisa social.

Olhou o relógio. Eram apenas quatro horas. Seu encontro com Fusako seria às seis. O café onde deveriam encontrar-se tinha, ao que tudo indicava, televisão a cores — mas não haveria nada de interessante a essa hora do dia.

Ryuji caminhou até as grades do parque e ficou olhando o porto. Os telhados dos armazéns bem abaixo estendiam suas sombras tríplexes na direção da praia. Uma vela branca retornava à marina dos iates. Ficou vendo o sol esculpir um braço de músculos tensos, em detalhes maravilhosos, nos blocos brancos de nuvens reunidas acima do largo. Eram nuvens de tempestade, sim, mas não suficientemente grandes para um temporal à noite.

A lembrança de uma diabrura que costumava fazer quando criança levou-o a atravessar o gramado, até o bebedouro. Fechando a torneira com o polegar, fez esguichar água sobre as dalias e crisântemos brancos que

murchavam com o calor: as folhas tremeram, surgiu um pequeno arco-íris, as flores recuaram. Ryuji inverteu a pressão do dedo e da sua garganta ao peito e barriga, espalhou-se uma leve e refrescante cortina — um prazer indescritível.

Sacudiu-se como um cachorro e, levando no braço o paletó esporte, dirigiu-se à entrada do parque. A camisa estava encharcada, mas ele não se deu ao trabalho de tirá-la: o sol a secaria com bastante rapidez.

Ryuji deixou o parque. Encantou-se com a serenidade das casas que margeavam as ruas, com os tetos sólidos, as cercas firmes, rígidas. Como sempre, os detalhes da vida em terra pareciam-lhe abstratos e irreais. Mesmo quando passava por uma cozinha aberta e via o brilho das caçarolas e frigideiras areadas, a tudo parecia faltar peso. Também seus desejos sexuais, e estes ainda mais porque eram físicos, eram vistos como puras abstrações; desejos que o tempo havia relegado à memória, continuavam apenas como essências brilhantes, como o sal cristalizado na superfície de uma água. *Iremos novamente para a cama esta noite — e esta é a última: provavelmente não dormiremos. Parto amanhã ao anoitecer. Não me surpreenderei se desaparecer mais depressa do que uma lembrança, graças a essas duas fantásticas noites...*

O calor não o estava deixando sonolento. Mas a imaginação aguçava-lhe o desejo enquanto caminhava, e evitou por pouco um carro estrangeiro, grande, que subia correndo o morro.

Viu então um grupo de meninos saindo de uma trilha, no pé do morro, e tomando a estrada principal. Vendo-o, um dos meninos parou — era Noboru. Ryuji viu os joelhos, logo abaixo dos calções, enrijecerem-se abruptamente, viu a tensão subir no rosto que olhava para ele; e lembrou-se do que Fusako dissera: *Havia alguma coisa em Noboru, agora de manhã, que me deu a impressão de que ele sabia...* Lutando contra uma parte de si mesmo que ameaçava perturbar-se na frente do garoto, Ryuji forçou um sorriso e gritou:

— Olá! O mundo é mesmo pequeno, não? Estava boa a praia?

O menino não respondeu; seu olhar claro e indiferente estava fixado na camisa de Ryuji.

— Por que... como a sua camisa ficou molhada desse jeito?

— Ora, isto?

O sorriso artificial voltou a espalhar-se pelo seu rosto.

— Tomei uma espécie de banho na torneira, ali no parque.

Capítulo Cinco

O encontro com Ryuji perto do parque preocupou Noboru. Ficou pensando o que poderia fazer para evitar que o marinheiro falasse à sua mãe sobre esse encontro. Em primeiro lugar, não tinha ido nadar em Kamakura, como os adultos supunham. Além do que, um dos garotos no grupo visto por Ryuji era o chefe. Isso, porém, não tinha maior importância. Ninguém seria capaz de dizer quem era o chefe, entre eles, apenas olhando — impossível.

Naquela manhã, os garotos haviam deixado a cidade levando merendas e foram até o píer Yamauchi, em Kanagawa. Durante algum tempo, andaram sem rumo em torno do desvio da estrada de ferro, por detrás dos barracos no cais, e em seguida realizaram o encontro habitual, para discutir a inutilidade da Humanidade, a insignificância da Vida. Gostavam de realizar reuniões em lugares pouco seguros, onde havia sempre a possibilidade de uma intrusão.

O chefe, o número um, o número dois, Noboru (que era o número três), o número quatro e o número cinco eram todos meninos pequenos, delicados, e alunos excelentes. A maior parte dos professores fazia rasgados elogios a esse grupo destacado, e até mesmo o apontava como um exemplo para alunos menos brilhantes.

O número dois havia descoberto o local de reunião daquela manhã, e todos os outros o haviam aprovado. Atrás de um grande barracão marcado “Manutenção da cidade A”, um enferrujado ramal ferroviário, evidentemente há muito sem uso, arrastava-se em meio a altos crisântemos silvestres e velhos pneus abandonados, num terreno baldio maltratado. À distância, no pequeno jardim em frente ao escritório do armazém, bananeiras decorativas torravam ao sol. Eram chamas de final do verão, em diminuição, mas enquanto fossem visíveis os meninos não se sentiam livres do olho do vigia, e por isso afastaram-se do barracão e retomaram o desvio. A linha férrea acabava em frente de uma porta de armazém negra, pesadamente aferrolhada. Descobriram num dos lados desse armazém uma faixa gramada escondida por uma alta parede de tambores vermelhos, amarelos e marrom-escuros, e ali se sentaram. O sol violento estava próximo do alto do telhado, mas o pequeno gramado ainda permanecia na sombra.

— Aquele marinheiro é um barato! É como um animal fantástico que acabou de sair do mar, escorrendo água. Na noite passada, eu o vi fazer amor com a minha mãe.

Noboru começou um relato excitado do que havia visto na noite

anterior. Os meninos mantinham expressões indiferentes, mas podia sentir todos os olhos fixos nele e a atenção com que ouviam cada palavra o deixou satisfeito.

— E é esse o seu herói? — perguntou o chefe, quando ele terminou. Seu fino lábio superior tinha a tendência a enrugar-se quando falava. — Não percebe que não há heróis neste mundo?

— Mas ele é diferente. Vai realmente fazer alguma coisa.

— Ah, sim? O que, por exemplo?

— Não sei dizer exatamente, mas fará alguma coisa... formidável.

— Você está brincando? Um sujeito como aquele nunca faz nada. Ele provavelmente está atrás do dinheiro de sua mãe, é isso. Primeiro vai tomar tudo o que ela tiver, e depois, passe bem muito obrigado, minha senhora. Vai ser essa sua frase final, de efeito.

— Bem, mesmo isso é alguma coisa, não? Alguma coisa que não poderíamos fazer.

— As suas ideias sobre as pessoas ainda são bastante ingênuas — disse friamente o chefe de treze anos. — Nenhum adulto vai ser capaz de fazer alguma coisa que nós não possamos fazer. Há um selo enorme, chamado “impossibilidade”, colocado por todo este mundo. E não se esqueça de que somos os únicos que podemos arrancá-lo de uma vez por todas.

Amedrontados, os outros ficaram calados.

— E você, o que acha? — perguntou o chefe, voltando-se para o número dois. — Suponho que eles ainda se recusem a comprar uma espingarda de ar comprimido para você?

— É, acho que não tem jeito — resmungou o rapaz, abraçando os joelhos.

— Eles provavelmente dizem que é perigoso, não?

— Sim...

— Isso é bobagem! — As bochechas do chefe, que eram brancas mesmo no verão, marcaram-se de covinhas. — Eles nem mesmo conhecem a definição de perigo. Achar que o perigo é alguma coisa física, como um arranhão e um pouco de sangue em torno do que os jornais fazem um grande escândalo. Bem, isso nada tem a ver com a questão. O verdadeiro perigo está apenas em viver. É claro, viver é simplesmente o caos da existência, mas mais do que isso, é uma louca confusão em que temos de desmontar a existência instante a instante, até restabelecer o caos original, e tirar força da incerteza e do medo que o caos provoca, para recriar a existência instante a instante. Não há outra tarefa mais perigosa do que esta. Não há nenhum medo na existência em si, ou qualquer incerteza, mas as criaturas vivas as criam. A sociedade é basicamente destituída de significado, um banho misto ou romano. E a escola é apenas a

sociedade em miniatura: é por isso que estão sempre nos dando ordens. Um grupo de homens cegos nos dizem o que fazer, despedaçando em fragmentos a nossa capacidade ilimitada.

— Mas, e o mar? — insistiu Noboru. — E um navio? Na noite passada, tenho certeza de que percebi o significado da ordem interna de que você falou.

— Suponho que o mar seja aceitável, até um certo ponto.

O chefe respirou profundamente a brisa salgada que soprava entre os barracões.

— Na verdade, o mar é mais aceitável do que qualquer uma das poucas outras coisas aceitáveis. Quanto ao navio, não sei. Não vejo por que um navio seja diferente de um carro.

— Porque você não compreende.

— Será isso?

Uma expressão de sofrimento, com esse golpe no seu orgulho, surgiu entre as finas sobrancelhas, em formato de crescente, do chefe. Sua aparência artificial, como se estivessem pintadas, era culpa do barbeiro, que insistiu, apesar dos seus protestos, em raspar-lhe a testa acima das pálpebras.

— Será isso? Desde quando cabe a você dizer-me o que compreendo e o que não compreendo?

— Ora, vamos comer.

O número cinco era um rapaz tranquilo e delicado.

Acabavam de desembulhar a merenda no colo quando Noboru viu uma sombra estender-se sobre o relvado, e olhou para cima, surpreso. O velho vigia do armazém, com os cotovelos apoiados num tambor, os estava observando.

— Vocês sem dúvida escolheram um lugar sujo para um piquenique.

Com uma pose admirável, o chefe deu um sorriso bem comportado de menino de escola para o velho, e disse:

— Seria melhor procurarmos outro lugar? Viemos ver os navios, e depois queríamos um lugar à sombra para comer nossas merendas...

— Pois fiquem aqui, então. Não estão fazendo nenhum mal. Mas não deixem os restos por aí.

— Sim, senhor.

Os sorrisos eram juvenis, inocentes.

— Não se preocupe com isso. Estamos com tanta fome que acho que comeremos até o papel, e tudo mais, não é mesmo, rapazes?

Ficaram olhando o corcunda descer a trilha, acompanhando o limite entre a área iluminada pelo sol e a sombra. O número quatro foi o primeiro a falar:

— Há muitos tipos desses por aí, são muito comuns; são os que “adoram os jovens”. Aposto que ele se está sentindo muito generoso, neste momento.

Os garotos dividiram entre si os sanduíches e os legumes crus e os pequenos bolos de suas merendas, e tomaram chá gelado das garrafas térmicas. Algumas andorinhas sobrevoaram o local e pousaram ao lado do círculo dos meninos, mas nenhum deles lhes deu sequer uma migalha. A desumanidade era um ponto de orgulho entre eles.

Eram meninos de “boas famílias”, e suas mães lhes haviam preparado merendas ricas e variadas: Noboru estava um pouco envergonhado dos sanduíches simples que havia trazido. Sentavam-se de pernas cruzadas no chão, alguns de *shorts*, outros de macacão. A garganta do chefe trabalhava penosamente enquanto ele engolia sua comida.

Fazia muito calor. O sol chamejava agora diretamente sobre o teto do armazém, e os beirais estreitos mal protegiam os meninos.

Noboru mastigava a comida com uma pressa nervosa, hábito que sua mãe censurava com frequência, olhando obliquamente para o brilho da luz, ao comer, como se quisesse apanhar o sol com a boca aberta. Recordava-se do desenho do quadro perfeito que vira na noite anterior. Havia sido quase que uma manifestação do céu absolutamente azul da noite. O chefe sustentava não haver nada de novo em parte alguma do mundo, mas Noboru ainda acreditava na aventura que pairava sobre algumas terras tropicais atrasadas. E acreditava no mercado multicolorido, em pleno clamor e confusão, nalgum distante porto marítimo, nas bananas e papagaios vendidos nos braços brilhantes dos nativos negros.

— Você está sonhando enquanto come, não? Isso é um hábito infantil.

Noboru não respondeu; não podia competir com o desprezo que havia na voz do chefe. Além disso, raciocinou ele, irritar-se seria uma tolice, já que estavam praticando a “indiferença absoluta”.

Noboru havia sido educado de tal maneira que praticamente nada do que fosse sexual, nem mesmo a cena da noite anterior, poderia surpreendê-lo. O chefe se havia esforçado muito para que nenhum dos membros do grupo se envergonhasse com cenas assim. Havia conseguido fotos de relações sexuais em todas as posições imagináveis e uma seleção notável de técnicas preliminares do coito, tendo explicado todas em detalhe, ressaltando com veemência, para os garotos, a falta de dignidade de tal atividade.

Habitualmente, é o rapaz que tem uma simples vantagem física sobre seus colegas quem promove tais lições, mas o caso do chefe era totalmente diferente: ele recorria diretamente ao intelecto. Para começar, afirmava que os seus órgãos genitais eram para copular com as estrelas na Via-Láctea. Os pelos púbicos, raízes de índigo enterradas profundamente sob a pele branca, e os poucos fios que já eram fortes e engrossavam, cresceriam a fim de irritar a modéstia da poeira de estrelas, quando o estupro ocorresse... Esse tipo de

loucura divina os encantava e eles desdenhavam seus companheiros de turma, garotos tolos, sujos, dignos de pena, cheios de curiosidade sobre o sexo.

— Quando terminarmos de comer, iremos para minha casa — disse o chefe. — Tudo está preparado para aquilo que vocês sabem.

— Arranjou o gato?

— Ainda não, mas arranjamos logo. Será tudo muito rápido.

Como a casa do chefe era perto da casa de Noboru, tinham de tomar um trem para chegar até lá, e os meninos gostavam dessa excursão trabalhosa e desnecessária.

Os pais do chefe nunca estavam em casa, onde predominava sempre o silêncio. Menino solitário, ele havia lido, aos treze anos, todos os livros existentes na casa, e sentia-se sempre aborrecido. Afirmava que podia saber qual o assunto de um livro, apenas ao olhar-lhe a capa.

Havia indícios de que essa casa deserta tinha alimentado as ideias do chefe sobre o vazio que predominava no mundo. Noboru nunca havia visto tantas entradas e saídas, tantos quartos elegantes e frios. A casa dava-lhe medo até de ir ao banheiro sozinho: as sirenes de cerração no porto ecoavam ocas pelas salas vazias.

Por vezes, o chefe levava os meninos para o gabinete do pai e sentava-se numa bela mesa forrada de couro marroquino, e escrevia sugestões para debates, movendo a pena com importância entre o tinteiro e o papel timbrado. Sempre que cometia um erro, amassava o grosso papel importado e o jogava fora, despreocupadamente. Noboru perguntou-lhe certa vez:

— Seu pai não fica zangado por você fazer isso?

O chefe brindou-lhe com um silêncio e um sorriso de desprezo.

Mas todos os meninos gostavam de um grande barracão no quintal, onde podiam ir sem ter de passar pelo olhar do mordomo. Com exceção de algumas achas de lenha e algumas prateleiras cheias de ferramentas e garrafas de vinho vazias, e números antigos de revistas estrangeiras, o chão do barracão estava nu, e quando se sentavam na terra úmida e escura, seu frescor passava diretamente para as suas nádegas.

Depois de caçarem durante uma hora, encontraram um gato vagabundo, bastante pequeno para caber na mão de Noboru, um gatinho mosqueado, miador, com olhos embaçados.

Já então estavam suando muito, e por isso despiram-se e molharam-se numa pia num canto do barracão. Enquanto se banhavam, o gatinho foi passado de mão em mão. Noboru sentiu o coração quente do bicho batendo contra o seu peito nu e molhado. Era como se tivesse roubado e levado para o barracão um pouco da escura e alegre essência da brilhante luz solar do verão.

— Como vamos fazer?

— Há uma acha de lenha ali. Podemos bater com ele ali, será fácil. Vamos, número três.

Afinal, a prova do coração duro e frio de Noboru! Apenas um minuto antes, ele havia tomado um banho frio, mas estava suando muito, novamente. Sentiu soprar dentro do peito como a brisa matinal do mar: o propósito de matar. Seu peito parecia um cabide de roupas feito de varas metálicas ocas e cheio de camisas brancas que secavam ao sol. Dentro em pouco as camisas estariam farfalhando ao vento e então ele estaria matando, quebrando a cadeia interminável dos desprezíveis tabus da sociedade.

Noboru agarrou o gato pelo pescoço e levantou-se. O animal pendia, em silêncio, dos seus dedos. Controlou-se para não ter pena; como uma janela iluminada vista de um trem expresso, ela pairou por um instante a distância, e desapareceu. Sentiu-se aliviado.

O chefe sempre insistiu em que eram necessários atos como esses para encher os grandes vazios do mundo. Embora nada mais pudesse realizar isso, dizia ele, o assassinato encheria esses buracos abertos, da mesma maneira que uma fratura enche toda a face de um espelho. E então eles conseguiriam um poder real sobre a existência.

Decidido, Noboru levantou o gato muito alto, acima da sua cabeça, e bateu com ele na acha de lenha. A coisa morna e macia projetou-se no ar num voo maravilhoso. Mas a sensação da descida do animalzinho entre os seus dedos perdurou.

— Ainda não está morto. Faça outra vez — ordenou o chefe.

Espalhados pela obscuridade do barracão, os cinco meninos nus estavam imóveis sobre seus pés, os olhos brilhando.

O que Noboru levantou entre dois dedos já não era um gato. Um poder resplendente palpitava nele até a ponta dos dedos e bastava-lhe levantar o arco ofuscante projetado no ar por esse poder e lançá-lo novamente e quantas vezes *fosse* necessário, contra a acha de lenha. Sentia-se como um gigante. E o gato, no segundo impacto, deu apenas um grito breve, gorgolejante...

O gato bateu na lenha e voou novamente pela última vez. Suas patas traseiras se contorceram, traçando amplos círculos imprecisos no chão sujo, e em seguida pararam. Os garotos ficaram superalegres com o sangue respingado na lenha.

Como se contemplasse um poço profundo, Noboru examinou o gatinho, em seu mergulho no buraco estreito da morte. Sentiu, na maneira pela qual baixava o rosto para o corpo, a sua própria ternura corajosa, ternura essa tão fria e indiferente que quase se transformava em bondade. Um sangue vermelho-escuro correu do nariz e da boca do gato, e a língua enrolada

agarrava-se ao palato.

— Vamos, aproximem-se para que possam ver. Vou começar por aqui.

Sem que os outros percebessem, o chefe havia calçado um par de luvas de borracha que lhe chegavam aos cotovelos, e agora inclinava-se sobre o cadáver tendo na mão uma tesoura faiscante, que, brilhando friamente na penumbra do barracão, era magnífica em sua fria dignidade intelectual: Noboru não podia imaginar uma arma mais adequada para o chefe.

Agarrando o gato pelo pescoço, ele furou a pele do peito com a ponta da lâmina e abriu um longo corte com a tesoura, até a garganta. Depois, empurrou a pele para os lados com as duas mãos: a camada lustrosa de gordura sob o couro era como uma cebola descascada. Sem a pele, o pescoço caía graciosamente no chão, parecendo usar uma máscara de gato. O gato era apenas um exterior, era a vida organizada como gato.

Mas sob a superfície havia um interior liso e inexpressivo, uma camada plácida, de um branco lustroso, que era uma vida interior em perfeita consonância com Noboru e os outros; e eles podiam sentir os seus próprios interiores, complexos e escuros, que se inclinavam sobre o do gato, refletindo-se nele como sombras de navios sobre a água. Agora, por fim, os meninos e o gato, ou mais exatamente o que havia sido um gato, tornavam-se uma coisa só, perfeitamente unida.

Aos poucos, o endoderma foi desnudado; sua beleza transparente de madrepérola não era repelente, de modo algum. Eles podiam ver através dele até as costelas, e observar, sob o grande momento, o pulsar cálido e familiar do cólon.

— O que acham? Não parece nu demais? Não me parece muito bonito, é como se fosse uma quebra das boas maneiras, não?

O chefe continuou arrancando a pele do tronco com suas mãos enluvadas.

— É, não há dúvida de que esteja nu — disse o número dois.

Noboru tentou comparar o cadáver, que enfrentava o mundo assim tão desnudo, com as figuras insuperavelmente nuas de sua mãe e do marinheiro. Mas em comparação com isto, não estavam suficientemente nus. Estavam ainda envoltos pela pele. Nem mesmo aquela maravilhosa sirene e o grande e amplo mundo cuja área ela havia delimitado podiam ter penetrado tão profundamente assim... O bater do coração desnudado colocava o gatinho despelado num contato direto e penetrante com o núcleo do mundo.

Apertando um lenço amassado contra o nariz para proteger-se do mau cheiro crescente, e respirando um ar quente pela boca, Noboru perguntava-se: “O que está começando aqui, neste momento?”

O gatinho sangrou muito pouco. O chefe cortou a membrana

circundante e expôs o fígado grande, vermelho e escuro. Depois, desenrolou os intestinos imaculados e os colocou no chão. Elevou-se um vapor que se acumulou contra as luvas de borracha. Cortou o cólon em pedaços e deles espremeu, para que todos os meninos vissem, um caldo cor de limão.

— Isso aqui é tão fácil de cortar como flanela.

Noboru conseguiu, ao mesmo tempo em que continuava com os seus devaneios, prestar atenção cuidadosa aos detalhes. As pupilas mortas do gato eram vermelhas, pintadas de branco; a boca aberta estava cheia de sangue coagulado, a língua retorcida era visível entre os dentes. Ouviu as costelas estalarem, quando a tesoura, amarelada de gordura, as cortou. E observou atentamente, enquanto o chefe explorava a cavidade abdominal, retirando o pequeno pericárdio, e dele arrancou o diminuto coração oval. Ao espremê-lo entre dois dedos, o sangue que ainda restava esguichou em suas luvas de borracha, avermelhando-as até a ponta dos dedos.

O que está realmente acontecendo aqui?

Noboru suportara a prova do princípio ao fim. Agora, seu cérebro meio tonto imaginava que o calor das vísceras espalhadas e os lagos de sangue na barriga estripada reencontravam a sua integridade e perfeição no êxtase da grande alma lânguida do gato. O fígado, flácido ao lado do cadáver, tornou-se uma península fofa, o coração esmagado passou a ser um pequeno sol, e os intestinos desenrolados, um atol branco, enquanto o sangue na barriga eram as águas tépidas de um mar tropical. A morte transfigurara o gato num mundo perfeito, autônomo.

Eu o matei sozinho — mão distante penetrou o sonho de Noboru e entregou-lhe um certificado imaculado de mérito. — *Posso fazer qualquer coisa, por mais terrível que seja.*

O chefe retirou as luvas de borracha, que estalavam, e colocou a bela mão branca no ombro de Noboru.

— Você fez um bom trabalho. Acho que podemos dizer que isso o transformou realmente num homem — e todo esse sangue não constitui uma visão para olhos cansados!

Capítulo Seis

O encontro com Ryuji, ao voltarem da casa do chefe logo depois de terem enterrado o gato, foi falta de sorte. Noboru havia lavado as mãos, mas e se houvesse ainda algum sangue no seu corpo ou em suas roupas? E se estivesse cheirando ao gato morto? E se seus olhos o traíssem — como os de um criminoso que encontra um conhecido logo depois de um crime?

Entre outras coisas, poderia haver problemas se sua mãe ficasse sabendo que ele estava andando perto do parque, àquela hora do dia: deveria estar em Kamakura com um grupo de amigos diferentes. Noboru foi colhido de surpresa, estava até mesmo um pouco receoso, e lançou arbitrariamente a culpa em Ryuji.

Os outros meninos dispersaram-se depois de despedidas apressadas e eles ficaram sozinhos na rua quente, com as longas sombras da tarde.

Noboru sentia-se mortificado. Havia esperado uma oportunidade para apresentar Ryuji acidentalmente. Se, em circunstâncias perfeitas, a apresentação tivesse êxito, o chefe poderia ter admitido, com relutância, que Ryuji era um herói e a honra de Noboru estaria salva.

Mas nesse encontro infeliz, inesperado, o marinheiro se havia apresentado como uma figura lamentável, numa camisa encharcada, e como se isso não bastasse, sorriu como um completo idiota. O sorriso era um desdouro, pois tinha a intenção de agradar a uma criança; além disso, transformava Ryuji numa desagradável caricatura do adulto que gosta de crianças. Aquele sorriso excessivo e artificial, desnecessário, ultrajante, era um erro!

E, além disso, Ryuji dissera coisas que não deveria ter dito nunca:

— O mundo é mesmo pequeno, não? Estava boa a praia?

E quando Noboru perguntou sobre a camisa molhada, ele deveria ter respondido:

— Ah, isto? Salvei uma mulher que se havia jogado do cais. É a terceira vez que tenho de mergulhar com todas as roupas...

Mas não dissera nada parecido. Em lugar disso, oferecera uma explicação absurda:

— Tomei uma espécie de banho na torneira, ali no parque.

E com aquele sorriso inoportuno por todo o rosto!

Ele quer que eu goste dele. Se o filhinho da nova amante gostar dele, isso pode ser bastante cômodo em determinadas ocasiões.

Caminhavam na direção da casa. Ryuji, que ainda tinha duas horas até o encontro, acompanhou os passos do menino, sentindo-se satisfeito por ter encontrado alguém com quem passar o tempo.

— Há alguma coisa de engraçado em nós dois, hoje — disse, enquanto caminhavam.

Noboru não gostou do tom que se pretendia simpático, mas isso facilitou o pedido de um favor importante:

— Sr. Tsukazaki, o senhor se importaria de não dizer à mamãe que me viu no parque?

— Claro que não.

O prazer do marinheiro em compartilhar de um segredo, seu sorriso tranquilizador e seu assentimento rápido decepcionaram Noboru. Ele podia, pelo menos, ter ameaçado um pouco.

— Eu devia passar o dia todo na praia... Um momento, por favor.

Noboru pulou sobre um monte de areia à margem da rua, tirando o tênis, e começou a esfregar os pés e pernas com areia. Aquele menino presunçoso, afetado, movimentou-se com uma rapidez animal que Ryuji não havia observado antes. Consciente de estar sendo observado, Noboru se exibia, espalhando a areia na barriga das pernas e até as coxas. Quando se deu por satisfeito, tornou a calçar os sapatos cuidadosamente, a fim de não retirar a areia, voltou-se para Ryuji e disse, rebuscadamente:

— Olhe — e apontou a areia na sua coxa suada —, agarrou-se à perna na forma da curva de um desenhista.

— Para onde você vai agora?

— Para casa. Não quer vir também, Sr. Tsukazaki? Temos um aparelho de ar refrigerado na sala, e é bastante fresco.

Ligaram o ar refrigerado e Ryuji deixou-se cair numa cadeira de vime. Noboru, depois de voltar de uma excursão ao banheiro — contra a qual fingiu relutar — por ordem da governanta, para lavar os pés, estendeu-se no sofá de vime perto da janela fechada.

A governanta entrou com refrescos e começou a censurá-lo novamente:

— Vou dizer à sua mãe como você se comportou mal na frente dos outros — desarrumando a casa toda desse jeito.

Os olhos de Noboru buscaram ajuda de Ryuji.

— Isso não me aborrece nem um pouco. E passar o dia nadando não parece tê-lo cansado.

— É, parece que não... Mas ele devia saber comportar-se melhor.

Era evidente que a governanta ressentia-se da presença de Ryuji e parecia estar descarregando em Noboru o seu descontentamento. Rebolando as nádegas pesadas de insatisfação, ela arrastou-se para fora da sala.

A defesa de Ryuji os aproximara num pacto tácito. Noboru bebeu seu refresco, deixando escorrer pela garganta o suco amarelo da fruta. Depois, voltou-se para o marinheiro e pela primeira vez seus olhos sorriam:

— Eu sei quase tudo sobre navios.

— Você provavelmente faria envergonhar-se um velho profissional como eu.

— Não gosto de ser elogiado.

Noboru ergueu a cabeça que repousava numa almofada bordada por sua mãe. Por um instante, havia fúria em seus olhos.

— A que horas faz o seu quarto, Sr. Tsukazaki?

— Do meio-dia às quatro e da meia-noite às quatro da manhã. É o que chamam de “quarto dos ladrões”.

— “Quarto dos ladrões!” Menino, isso é ótimo!

Desta vez, Noboru riu francamente, e seu corpo curvou-se num arco.

— Quantos homens fazem o quarto juntos?

— O oficial de dia e dois timoneiros.

— Sr. Tsukazaki, quanto aderna um navio, numa tempestade?

— Trinta a quarenta graus, quando ela é realmente violenta. Tente andar numa inclinação de quarenta graus. É como escalar a parede de um poço — fantástico. Há ocasiões em que. . .

Buscando as palavras, Ryuji deixou o olhar perder-se no vazio. Noboru viu em seus olhos as ondas de um mar tempestuoso e sentiu-se vagamente enjoado. Estava extático.

— O *Rakuyo* é um vaporzinho vagabundo, não é, Sr. Tsukazaki?

— Sim, é mesmo — respondeu sem muita convicção: seu orgulho estava um pouco ferido.

— Suponho que a maioria das suas viagens seja entre o Japão e a China, e depois a Índia, não?

— Você conhece bem esse assunto. Por vezes transportamos trigo da Austrália para a Inglaterra, também.

As perguntas de Noboru eram precipitadas, seu interesse passava de um assunto para outro.

— Qual era mesmo o produto principal das Filipinas?

— Madeira, creio.

— E da Malásia?

— Minério de ferro, sem dúvida. E uma pergunta para você; qual o principal produto de Cuba?

— Açúcar. E o que mais? Todo mundo sabe disso. O senhor já esteve nas Antilhas?

— Sim, mas apenas uma vez.

— Chegou até o Haiti?

— Sim.

— Maravilha! E as árvores lá?

— Árvores?

— Sim, as árvores de sombra, ou...

— Ah, isso... Palmeiras, principalmente. E as montanhas estão cobertas das árvores que eles chamam de *flamboyants*. E árvores da seda. Não me posso lembrar se os *flamboyants* se parecem com as árvores da seda, ou não. De qualquer modo, quando florescem, parecem estar em fogo. E quando o céu se escurece totalmente, pouco antes de uma tempestade noturna, elas apresentam cores fantásticas. Nunca vi florescência semelhante, em nenhum outro lugar.

Ryuji queria falar do seu misterioso apego a um bosque de palmeiras. Mas não sabia como contar isso a uma criança, e sentado ali, pensativo, o brilho (que se parecia ao juízo final) do poente no golfo Pérsico veio-lhe à lembrança, com o vento do mar acariciando-lhe o rosto quando ele ficava junto do molinete da âncora, enquanto a queda acentuada do barômetro indicava um tufão iminente: teve de novo consciência do poder do mar, influenciando interminavelmente, como um pesadelo, os seus estados de espírito e as suas paixões.

Noboru, tal como havia visto as ondas tempestuosas um minuto antes, percebeu agora, um a um, nos olhos do marinheiro, os fantasmas que havia invocado. Cercado de visões de terras distantes e de jargão náutico, ele estava sendo arrastado para o golfo do México, o oceano Índico, o golfo Pérsico. E a viagem tornava-se possível devido a esse Segundo Piloto real. Ali estava finalmente o meio sem o qual sua imaginação era impotente. Quanto tempo havia esperado por ele!

Enlevado, Noboru fechou bem os olhos.

O motor de dois cavalos do condicionador de ar zumbia na sala. Estava agora bastante fresco, e a camisa de Ryuji havia secado. Cruzou as mãos grossas atrás da cabeça: as aberturas no trançado de vime ajustaram-se perfeitamente aos seus dedos.

Percorreu a sala com o olhar e admirou o relógio dourado, entronizado sobre o aparador, o candelabro de vidro pendurado no teto, os graciosos vasos de jade delicadamente colocados em prateleiras abertas: tudo requintado, tudo absolutamente imóvel. E perguntou-se que providência sutil impedia que a sala jogasse. Até ontem, os objetos que ali estavam nada significavam para ele, e amanhã estaria partindo. Não obstante, naquele momento, mantinha com esses objetos uma relação. O elo era um olhar que é correspondido por uma mulher, um sinal que vem das profundezas da carne, o poder bruto de sua própria masculinidade; saber isso enchia-o de uma sensação de mistério, como

ao avistar um navio desconhecido em mar aberto. Embora o laço tivesse sido moldado pela sua própria carne, sua imensa irrealidade em relação àquela sala o fazia tremer.

O que estou fazendo aqui numa tarde de verão? Quem sou eu, sentado e semiadormecido ao lado do filho de uma mulher com quem fui para a cama na noite passada? Até ontem eu tinha minha canção — “minha casa é o mar” — e as lágrimas que verti por ela, e dois milhões de ienes na minha conta bancária como garantia de minha realidade — e o que tenho, agora?

Noboru não percebeu que Ryuji estava afundando num vazio. Não percebeu nem mesmo que o marinheiro não estava olhando mais para ele. A falta de sono e a sucessão de choques o haviam esgotado, os olhos injetados que havia dito à governanta serem consequência da água salgada começavam a fechar-se. Refletiu, enquanto adormecia, sobre as figuras brilhantes da realidade absoluta duas vezes entrevistas desde a noite anterior, como lapsos no mundo imóvel, tedioso, estéril...

Viu-as como maravilhosos bordados em ouro que se destacavam de um fundo negro e plano: o marinheiro nu se retorcendo ao luar para ouvir o canto de uma sirene — a máscara da morte do gatinho, grave e com os dentes de fora — seu coração vermelho... todas entidades maravilhosas e absolutamente autênticas: e então Ryuji também era um herói autêntico... Todos os incidentes sobre o mar, no mar, sob o mar — Noboru sentia-se afogar no sono. “A felicidade”, pensou. “A felicidade que desafia descrição...” Adormeceu.

Ryuji olhou o relógio: era hora de ir. Bateu levemente na porta que levava à cozinha e chamou a governanta.

— Ele adormeceu.

— É o que sempre faz.

— Ele poderia resfriar-se, se não tiver uma coberta, ou alguma coisa. . .

— Vou buscar uma lá em cima.

— Bem... Eu já vou.

— Acho que poderemos esperá-lo novamente à noite?

Um brilho irônico surgiu em volta dos olhos dela e arrastou-se pelo seu rosto abaixo, enquanto lançava um rápido olhar para Ryuji.

Capítulo Sete

Desde a mais remota antiguidade, essas palavras foram ditas por mulheres de todas as castas a marinheiros, em todos os portos; palavras de dócil aceitação da autoridade do horizonte, de despreocupada homenagem àquela misteriosa fronteira azulada; palavras que nunca deixam de despertar, até mesmo na mulher mais orgulhosa, a tristeza, as esperanças vazias, e a liberdade que a prostituta experimenta: “Você partirá pela manhã, não?”

Mas Fusako estava resolvida a não ceder, embora soubesse que Ryuji tentaria fazê-la falar. Compreendeu que ele estava jogando o seu orgulho de homem simples nas lágrimas de uma mulher lamentando a partida. E que homem simples ele era! Sua conversa, no parque, na noite anterior, era prova disso. A princípio, ele a havia feito esperar, com seu olhar pensativo, observações profundas ou mesmo uma declaração apaixonada, e em seguida havia feito um monólogo sobre pedaços de folhas verdes e falado de sua história pessoal, e por fim, horivelmente emaranhado em suas próprias palavras, acabou mencionando o estribilho de uma canção popular!

Mas Fusako sentia-se aliviada ao constatar que ele não era um sonhador, e sua objetividade, que constituía uma qualidade mais durável do que a imaginação, como uma peça de mobília pesada e velha, pareceu-lhe tranquilizadora. Fusako precisava de uma garantia de segurança, pois havia mimado a si mesma por demasiado tempo, evitado o perigo sob qualquer forma, e seus atos inesperados e perigosos, desde a noite anterior, lhe haviam causado medo. Tateando no ar, como estava, parecia-lhe vitalmente importante que o homem com quem se estava envolvendo fosse de espírito prático. É claro que havia ainda outras coisas a saber, mas pelo menos estava convencida de que Ryuji não era o tipo de homem a se constituir num ônus financeiro para ela.

A caminho de um restaurante no Bashado, passaram por um pequeno café com um chafariz no jardim, e pequenas lâmpadas vermelhas e amarelas penduradas ao longo do toldo na entrada, e resolveram tomar ali alguma coisa, antes do jantar.

A bebida de hortelã fresca pedida por Fusako foi servida adornada com uma cereja, com cabo e tudo. Ela cortou a fruta com os dentes, habilmente, e colocou o caroço num cinzeiro raso, de vidro.

O brilho que perdurava no céu filtrava-se pelas cortinas rendadas da

ampla janela fronteira, espalhando-se pela sala quase vazia. Devia-se naturalmente aos raios de luz delicadamente coloridos: a semente da cereja, lisa, cálida, mal se percebendo que começava a secar, e inefavelmente rósea, pareceu incrivelmente atraente a Ryuji. Apanhou-a, de repente, e levou-a à boca. Fusako teve uma exclamação de surpresa, depois começou a rir. Não havia conhecido nunca um momento de tão tranquila intimidade física.

Escolheram uma área sossegada para um passeio depois do jantar. Cativos de uma ternura que poderia ter enfeitiçado a noite estival, caminharam em silêncio, dando-se as mãos. Fusako arrumou os cabelos com a mão livre. Naquela tarde, havia esperado uma hora de menor movimento na loja e correria a um salão de beleza para um penteado rápido. Lembrando-se da expressão de surpresa no rosto do cabeleireiro quando ela declinou o óleo perfumado que sempre usava levemente nos cabelos, Fusako enrubesceu. Agora, todo o seu corpo ameaçava desmoronar como uma trouxa desajeitada, em meio aos cheiros da cidade e da noite de verão.

Amanhã, os grossos dedos que estavam entrelaçados aos seus mergulhariam no horizonte. Era inacreditável, como uma mentira absurda, espetacular. Fusako disse, repentinamente, ao passarem por uma escola maternal, que àquela hora já estava fechada:

— Caí muito baixo, graças a você.

— Por quê? — Surpreso, Ryuji parou.

Fusako olhou por entre a grade de arame as árvores, arbustos e roseiras, todos muito próximos uns dos outros, no jardim da escola. Estava escuro, a folhagem exuberante parecia estranhamente misturada e emaranhada: teve de súbito a impressão de que um olho terrível a estava contemplando.

— Por quê? — perguntou Ryuji novamente.

Fusako não respondeu. Como senhora de uma família respeitável, em terra, ela queria protestar contra o fato de lhe estar sendo imposto um padrão de vida que começava com a despedida de um homem, comportamento esse familiar a qualquer prostituta de cais. Mas se dissesse isso, estaria apenas a um passo de dizer aquelas outras palavras: “Você partirá pela manhã, não?”

Uma vida solitária a bordo ensinara Ryuji a não sondar coisas que não compreendia. A queixa de Fusako foi por ele recebida como um lamento típico das mulheres: seu segundo “por quê?” foi, portanto, dito em tom quase que de brincadeira. A ideia de que se separaria dela no dia seguinte era dolorosa, mas ele tinha uma máxima para neutralizar a dor, um refrão sem substância que repetia sempre em seus sonhos: “O homem parte em busca da Grande Causa; a mulher fica para trás.” Não obstante, Ryuji sabia, melhor do que qualquer outra pessoa, que não se encontrava nenhuma Grande Causa no mar. No mar havia apenas quartos que ligavam a noite e o dia, o tédio

prosaico, as circunstâncias penosas da vida de um prisioneiro.

E os telegramas de censura: “Recentemente, navios desta linha foram vítimas de uma sucessão de colisões no canal Irako e na entrada setentrional dos estreitos de Kijima. Solicito extrema cautela em canais estreitos e entradas, de portos, tendo em vista que a atual situação da empresa exige esforços redobrados para eliminar todos os acidentes no mar. Diretor de Embarques Marítimos.” O lugar-comum “tendo em vista que a atual situação da empresa” havia sido incluído em todos os telegramas, desde o início da chamada recessão nos transportes marítimos.

E o registro do contramestre, uma anotação diária do tempo, da velocidade do vento, pressão atmosférica, temperatura, umidade relativa, velocidade, distância registrada e revoluções por minuto, um diário que registrava com precisão os caprichos do mar, em compensação à incapacidade que tinha o homem de mapear os seus próprios humores.

E no refeitório, as tradicionais mesas com suporte, cinco vigias, um mapa-múndi na parede. A garrafa de molho de soja suspensa do teto por uma tira de couro: por vezes, raios de sol iam de encontro à garrafa, e deslizando por ela voltavam, para se relançarem como se quisessem lambe aquele líquido oscilante e de uma cor de chá marrom, e novamente iam embora. Na parede da cozinha havia um cardápio da primeira refeição, numa letra caprichada:

Sopa de pasta de soja com berinjela e coalhada de feijão

Rabanetes brancos cozidos

Cebolas cruas, mostarda, arroz.

O almoço era ao estilo ocidental e começava sempre com sopa.

E o motor verde, sacudindo-se e gemendo dentro de seus tubos revirados como a vítima febril de uma doença fatal...

Dentro de um dia, tudo isso voltaria a ser o mundo de Ryuji.

Haviam parado em frente a um pequeno portão da grade da escola. O ombro de Ryuji encostou-se nele, que se abriu com um pequeno estalo, girando para dentro do jardim.

— Veja, podemos entrar.

Os olhos de Fusako brilhavam como os de uma criança. Com uma olhadela furtiva para a janela iluminada do barraco do vigia, eles entraram na densa floresta feita pelo homem; quase não havia espaço para andar. Deram-se as mãos e abriram caminho em meio ao mato que lhes batia pelos ombros, empurrando para o lado as pequenas roseiras e pisando nas flores, até chegar a um canto do jardim ocupado por árvores e plantas tropicais, seringueiras e todas as variedades de palmeiras.

Vendo Fusako ali com sua roupa branca, Ryuji sentiu que o primeiro encontro deles devia ter sido em alguma floresta tropical. Deliberadamente, tomando cuidado com as pontas de folhas à altura dos olhos, eles se aproximaram e abraçaram. A fragrância do perfume dela elevou-se acima do zumbido surdo dos mosquitos: Ryuji sentiu-se angustiado, perdida a consciência do tempo e do lugar.

Lá fora, separadas apenas por uma frágil cerca de arame, pequenas luzes de neon brilhavam como peixinhos dourados; frequentemente, os faróis de um carro que passava penetravam nas sombras da floresta deles. O brilho de um anúncio de neon vermelho que acendia e apagava do outro lado da rua, refletido no rosto de Fusako obscurecido por uma palmeira, dava um colorido delicado, róseo, às faces brancas e escurecia-lhe os lábios vermelhos. Ryuji beijou-a.

O prolongado beijo mergulhou-os em mundos de sensações diferentes. Fusako só tinha consciência da partida do dia seguinte. Afagando o rosto de Ryuji, tocando as superfícies quentes e lisas que eram barbeadas, sentindo o cheiro da carne que vinha de seu peito agitado, ela percebia todos os nervos do corpo dele, grilando adeus. Seu abraço apertado, furioso, mostrou-lhe como desejava desesperadamente afirmar que ela era real, que estava realmente com ele.

Para Ryuji o beijo foi a morte, a própria morte no amor com a qual sempre sonhara. A maciez dos lábios de Fusako, a boca tão vermelha na escuridão que a podia ver com os olhos fechados, tão infinitamente úmida, um mar de coral tépido, a língua inquieta tremendo como sargaços... No êxtase escuro de tudo isso havia alguma coisa ligada diretamente à morte. Ele tinha perfeita consciência de que ia deixá-la no dia seguinte, e não obstante, estava pronto a morrer, feliz, por ela. A morte ergueu-se dentro dele, instigada.

Em seguida, o tremor pálido da sirene de um navio chegou até eles, vindo da direção do píer Central, instalando-se sobre o jardim. Neblina nebulosa de som, jamais teria sido percebida pelo ouvido de Ryuji se não fosse marinheiro. *Estranho um cargueiro partir a esta hora da noite — como terão descarregado tão depressa?* O pensamento rompeu a magia do beijo e ele abriu os olhos. Podia sentir a sirene soando fundo lá dentro dele, despertando a sua paixão pela Grande Causa. Mas o que era ela? Talvez um outro nome para o sol tropical.

Ryuji afastou-se dos lábios de Fusako e começou a mexer no bolso do paletó. Ela esperou. Houve um ruído seco de papel, ele retirou um cigarro amassado e colocou-o nos lábios. Irritada, arrancou-lhe o isqueiro da mão. Ryuji inclinou-se para ela.

— Não espere que lhe dê fogo, porque não vou dar.

O isqueiro acendeu com um clique metálico, a chama dançou nos olhos duros de Fusako, que a encostou numa folha de cânhamo. Os pendões secos deviam ter-se incendiado rapidamente, mas a chama não pegava. A decisão dela, e a firmeza de sua mão, fizeram medo em Ryuji.

Então a pequena chama iluminou-lhe o rosto e ele viu a marca das lágrimas. Fusako apagou o isqueiro quando sentiu que ele havia percebido. Ryuji abraçou-a novamente e, aliviado pela segurança de suas lágrimas, começou a chorar também.

Noboru esperava, irritado, que a mãe chegasse. Às dez horas ouviu o telefone tocar. Um minuto depois a governanta entrou no quarto com um recado.

— Sua mãe acabou de telefonar dizendo que vai ficar esta noite na casa de uma amiga. Voltará pela manhã, para trocar de roupa antes de ir para a loja; e você deve aproveitar o tempo pondo em dia os seus deveres escolares do verão.

Nunca, até então, pelo que ele se podia lembrar, sua mãe havia dormido fora de casa. O fato em si não constituía surpresa, mas ele corou de raiva e apreensão. Havia pensado no buraco na parede durante todo o dia: que revelações, que milagres poderia ter mostrado, novamente, naquela noite! Não tinha sono, pois dormira durante a tarde.

A mesa estava coberta de deveres que tinha de terminar antes do início do novo semestre; restavam-lhe poucos dias. Mas Ryuji partia no dia seguinte e então sua mãe voltaria a ajudá-lo. Ou ficaria perambulando, distraída, demasiado preocupada para ocupar-se com os deveres escolares do filho? Não que isso fosse muito importante: japonês, inglês e arte eram as únicas matérias de que ela entendia. Não fora nunca de muita utilidade nos estudos sociais, e Noboru sabia mais matemática e ciência do que ela. Como uma pessoa ruim em matemática podia administrar um negócio? Ela provavelmente estava à mercê do Sr. Shibuya.

Noboru abriu um livro e passou algumas páginas, mas não se pôde concentrar. Estava demasiado perturbado pelo fato indiscutível de que Ryuji e sua mãe não estavam na casa. Levantou-se, sentou-se, e por fim começou a andar pelo pequeno quarto. O que poderia fazer para dormir? Ir para o quarto de sua mãe e ficar vendo as lâmpadas dos mastros no porto? As luzes vermelhas em alguns navios piscavam durante toda a noite; poderia até mesmo haver algum cargueiro partindo, novamente, e outra sirene gritando.

Ouviu então a porta do quarto ao lado abrir-se. Talvez a mãe estivesse querendo enganá-lo, e tivesse, afinal de contas, voltado para casa com Ryuji. Retirou silenciosamente a gaveta da cômoda e colocou-a no chão. Já estava molhado de suor.

Desta vez, houve uma batida na sua porta! Não podia deixar ninguém ver a gaveta no meio do quarto, àquela hora da noite: correu para a porta e segurou-a com toda a sua força. A maçaneta girou, asperamente.

— O que está fazendo? Posso entrar?

Era a voz da governanta.

— Você está bem? Se você quer ser teimoso, está bem. Mas é melhor apagar as luzes e ir dormir. Já são quase onze horas.

Noboru ainda estava apoiado na porta, mantendo um silêncio obstinado, quando a chave foi introduzida na fechadura, e a porta foi trancada! Irritou-se. Nunca lhe havia ocorrido que a governanta poderia ter uma chave: havia suposto que a mãe levava consigo todas as chaves, ao sair.

Furioso, com o suor pingando da testa, ele sacudiu a maçaneta com toda a força, mas a porta não se abriu. Os passos da governanta desapareceram à medida que descia as escadas que rangiam.

Noboru havia esperado aproveitar essa oportunidade excepcional para dirigir-se furtivamente à casa do chefe e acordá-lo com uma senha murmurada do lado de fora de sua janela. Agora, esta última e fervorosa esperança era totalmente arruinada. Desprezou toda a humanidade. E escreveu um longo trecho no seu diário, não se esquecendo de anotar os crimes de Ryuji:

ACUSAÇÕES CONTRA RYUJI TSUKAZAKI

UM: *sorrir para mim covardemente, querendo ser agradável,
quando nos encontramos ao meio-dia.*

DOIS: *usar uma camisa ensopada e explicar que havia tomado um
banho na torneira do parque — como um vagabundo qualquer.*

TRÊS: *decidir, arbitrariamente, passar a noite com mamãe,
colocando-me assim numa posição terrivelmente isolada.*

Mas, pensando melhor, Noboru riscou o terceiro item. Era evidentemente uma contradição dos dois primeiros, que eram juízos de valor estético, idealistas e, portanto, objetivos. O problema subjetivo na terceira acusação era apenas prova de sua própria imaturidade, e não devia ser visto como um crime da parte de Ryuji.

Noboru espremeu uma montanha de pasta na escova e esfregou demoradamente os dentes, até que as gengivas sangraram. Olhando no espelho, viu uma espuma cor de pistache cobrir seus dentes irregulares, deixando de fora apenas as extremidades pontudas dos caninos juvenis: estava desesperado. O cheiro de hortelã dava à sua raiva um odor de pureza.

Arrancando a camisa, Noboru vestiu o paletó do pijama e olhou em

torno do quarto. Como se constituísse uma prova material, a gaveta da cômoda ainda estava à mostra no meio do chão. Levantou-a, surpreendendo-se com o seu peso que não havia notado antes, e ia recolocá-la no lugar, quando mudou de ideia e voltou a deixá-la no chão. Entrou no espaço da parede com a facilidade possibilitada pela prática.

O buraco havia sido tapado, pensou, durante um instante aterrorizador; depois, tateando com os dedos, descobriu que continuava aberto, como antes. Simplesmente não havia luz bastante do outro lado que permitisse vê-lo imediatamente.

Noboru encostou o olho no buraco. Quando a porta fora aberta, antes, percebeu então, era a governanta que ia fechar as cortinas. Aos poucos, a pupila abriu-se e ele conseguiu ver à volta do bronze das cabeceiras das camas, num brilho de luz, numa réstia de claridade, pouco mais do que a sugestão de uma forma.

Capítulo Oito

Passaram a noite num pequeno hotel antigo, não longe das docas: Fusako tinha medo de ser reconhecida num dos grandes hotéis do centro da cidade. Ela havia passado várias vezes por aquele edifício pesado, de dois andares, sem imaginar jamais, ao ver pelas portas de vidro da entrada o vestíbulo demasiado grande, sombrio, o balcão de atendimento manchado, e o grande calendário de uma empresa de navegação enfeitando uma parede pintada de cal, que algum dia se hospedaria ali.

Dormiram um pouco nas primeiras horas da manhã, depois se separaram até a hora da partida. Fusako foi para casa mudar de roupa antes de ir para o trabalho, Ryuji voltou ao cais. Tinha de substituir o Primeiro Piloto, que ia a terra fazer compras. De qualquer modo, teria bastante ocupação, porque a manutenção das cordas e das talhas em geral, tão importante nas operações de carga, era uma de suas obrigações regulares.

O *Rakuyo* devia partir às seis, e graças a quatro dias e noites de tempo perfeito, a descarga se processara a tempo. O cargueiro destinava-se a Santos, e sua rota incerta deveria ser determinada pelos consignatários nos portos ao longo do caminho.

Fusako chegou a casa às três, trocou seu vestido por uma *yukata* para que Ryuji pudesse ver pela última vez uma mulher de quimono, e partiu para o cais com Noboru. O trânsito estava bom: passavam poucos minutos das quatro quando chegaram. Alguns caminhões e um guindaste ainda estavam nas proximidades dos armazéns de concreto, e o pau de carga na coberta de proa do *Rakuyo* ainda oscilava entre as aberturas do porão e o cais. Fusako resolveu esperar no carro, que era refrigerado, até que Ryuji descesse ao encontro deles.

Mas Noboru não conseguiu esperar com calma. Saltou logo do carro e correu pelo cais cheio, para cima e para baixo, examinando as barcas ancoradas lá embaixo e explorando os barracões abertos.

Dentro do maior deles, e chegando quase que às vigas de aço verde que se cruzavam no teto, havia pilhas de caixas de madeira branca com proteções de metal negro nos cantos e palavras em inglês nos lados. Noboru, vendo uma linha férrea terminar em meio à carga alta, sentiu uma excitação de alegria por ter chegado ao fim dos sonhos que as ferrovias provocam nas crianças, e sentiu também um leve desapontamento: era como acompanhar o curso de um rio conhecido e descobrir a sua minúscula fonte.

— Mamãe! Ei, mamãe!

Correndo de volta ao carro, Noboru bateu na janela: havia visto Ryuji

perto do bolinete da proa.

Fusako saiu do automóvel e eles acenaram para a figura distante, vestida numa camisa cáqui suja. Ryuji levantou a mão em resposta, e depois, ocupado, afastou-se. Noboru pensou no marinheiro que naquele momento trabalhava, e dentro em pouco partiria, e sentiu-se tomado de orgulho.

Fusako esperava, impaciente, que Ryuji aparecesse de novo. Abrindo uma sombrinha de cabo de prata, observou as espias balançantes do *Rakuyo* abrirem linhas espessas na face do porto. O cais fervia ao sol do oeste, brilhante, muito luminoso; e penetrando todo o aço e concreto, como o sal num vento marinho, havia uma dor intensa, pungente. A mesma dor estava difusa no ar brilhante, sua força transmitia-se ao barulho ocasional das placas do convés e do choque dos cabos, dando-lhes um eco prolongado e cavo.

O cais de concreto captava a luz e a lançava de volta como um reflexo escorchante; a leve brisa que soprava da água não trazia qualquer alívio.

Agacharam-se na beira do píer, com as costas para o sol intenso, e ficaram vendo as ondinhas partindo-se ao quebrar e espumar contra a pedra branca. Oscilando levemente como um berço falquejado, uma das barcas atracadas abaixo lançava-se em direção ao muro, depois recuava, quando outra tomava seu lugar. Uma gaiivota sobrevoava a água que batia sobre o convés aberto; um pedaço brilhante de madeira flutuava em meio ao lixo no mar sujo, dando voltas ao embalo da maré. As ondas avançavam em fila, seus flancos fundindo-se sutilmente até parecer que esse desenho interminavelmente repetido era tudo o que Fusako e Noboru podiam ver, enquanto olhavam para a água.

Noboru leu os números relativos ao calado, pintados no costado do *Rakuyo*: 60 estava logo acima da água, 84 e 86 marcavam a linha-d'água, 90 estava quase à altura do escovém.

— Você acha que a água chega alguma vez a essa altura? Deve ser algo digno de ver, se chegar.

Noboru havia adivinhado o estado de espírito de sua mãe, que, ao deixar perder o olhar pelo mar, lembrava-lhe aquela solitária figura nua em frente do espelho: a pergunta foi a mais infantil que ele conseguiu fazer, mas Fusako não respondeu.

Do outro lado do porto uma fumaça cinzento-pálida elevava-se acima das ruas de Naka Ward; a torre do farol, pintada de faixas vermelhas e brancas, subia para um céu mais claro. Ao largo havia uma densa floresta de mastros brancos e, mais longe ainda, um banco de nuvens luminosas ao sol do fim da tarde amontoava-se e torcia-se sobre a água.

Uma lancha a vapor, rebocando uma barcaça vazia, afastou-se do costado do *Rakuyo* que estava voltado para o mar e perdeu-se de vista.

Passava pouco das cinco quando Ryuji desceu do navio. As correntes prateadas que iriam levantar a prancha de embarque já haviam sido colocadas. Um grupo de estivadores com capacetes amarelos desceu pela prancha e

amontou-se num ônibus do Sindicato dos Estivadores, deixando em seguida o píer. O grande guindaste de oito toneladas da Administração do Porto já se fora, as escotilhas haviam sido fechadas. Foi então que finalmente Ryuji apareceu.

Noboru e Fusako avançaram na direção do marinheiro, projetando à sua frente longas sombras. Ryuji amassou o chapéu de palha de Noboru com a palma da mão, e riu com os esforços do menino para endireitá-lo. O trabalho o havia deixado animado.

— Partiremos imediatamente. Estarei na popa quando largarmos.

E fez um gesto mostrando a popa distante.

— Resolvi usar um quimono. Você vai passar muito tempo sem ver um, agora...

— Sim, creio que passarei. Exceto talvez nas velhas senhoras nisei, em excursões americanas.

Tinham surpreendentemente pouca coisa a dizer. Fusako pensou em falar da solidão que enfrentaria, mas resolveu calar. A separação, como a polpa branca de uma maçã que perde imediatamente a cor em volta do ponto onde é mordida, havia começado três dias antes, quando se encontraram a bordo do *Rakuyo*. Dizer adeus, agora, não provocava nenhuma emoção nova.

Noboru, fingindo-se infantil, montava guarda à perfeição dos adultos, do momento. Seu papel era o da sentinela. Quanto menos tempo tivessem, melhor. Quanto mais breve aquele encontro, menor seria o desgaste sofrido pela perfeição. No momento, como um homem que deixa uma mulher para fazer uma viagem em volta do mundo, como um marinheiro, e como Segundo Piloto, Ryuji era perfeito. Também sua mãe era perfeita. Como a mulher que fica, como uma bonita vela enfunada por lembranças felizes e pela dor da separação, também ela era perfeita. Ambos haviam cometido erros perigosos nos dois últimos dias, mas naquele momento tiveram um comportamento acima de qualquer restrição. Que Ryuji não dissesse alguma coisa idiota e estragasse tudo, antes de partir. Olhando sob a aba larga de seu chapéu de palha, Noboru estudou com preocupação primeiro um rosto, depois o outro.

Ryuji queria beijar Fusako, mas estava intimidado por Noboru. Além disso, como um homem que sabe estar morrendo, sentia a necessidade de ser igualmente terno para com todos. No momento, as recordações e sentimentos dos outros pareciam-lhe muito mais importantes do que os seus; não obstante, em algum ponto, sob a doce agonia da abnegação, havia um desejo de afastar-se o mais depressa possível.

Fusako ainda não se permitia pensar na ansiosa e esgotante espera que viria. Devorava o homem com os olhos, colocando à prova a força daquele elo. Mas ele parecia muito encerrado em si mesmo, como um objeto refratário, que nem mesmo procura estender-se além de seu contorno. Fusako desejava que

ele fosse um pouco menos definido, como a névoa. Esse homem forte assemelhava-se demais a uma rocha, para que pudesse afastá-lo da lembrança: as sobranceiras pesadas, por exemplo, ou esses ombros demasiado sólidos...

— Não se esqueça de escrever... E use selos de tipos diferentes — disse Noboru, dominando perfeitamente o seu papel.

— Claro que sim. Mandarei uma carta de cada porto. E você, também, escreva. O que o marinheiro mais deseja receber são cartas.

Explicou que tinha de voltar para o navio, para ajudar nos preparativos finais. Apertaram-se as mãos. Ryuji subiu a prancha prateada, voltou-se para eles ao chegar ao alto, e acenou-lhes com o quepe.

O sol estava bem por cima dos telhados dos armazéns, incendiando o céu do oeste e criando, com as sombras, imagens de postes enormes e de ventiladores que se assemelhavam a cogumelos, nas ofuscantes placas de aço claro da ponte. Noboru ficou olhando as gaivotas que circulavam no alto: tinham asas escuras, e a barriga ficava amarela como a gema do ovo quando se punham de frente para a luz.

Caminhões, guindastes e vagonetas se haviam afastado do *Rakuyo* e o cais estava vazio, ainda mergulhado na luz. Um marinheiro esfregava um corrimão alto no convés do navio e um outro, com uma venda num dos olhos e uma lata de tinta na mão, pintava o que poderia ter sido um caixilho de janela. Noboru não havia percebido as bandeiras de sinalização azul, branca e vermelha que foram içadas no mastro, em cujo topo flutuava a azul, sinal de partida. Caminharam lentamente na direção da popa.

Todas as portas dos armazéns, verde-escuras e providas de respiradouros, estavam arriadas; grandes cartazes “Não Fume” e os nomes dos principais portos escritos com giz — Cingapura, Hong Kong, Lagos — cobriam a grande extensão da parede. Pneus, latas de lixo e as vagonetas alinhadas em fileiras retas lançavam suas longas sombras pelo píer de concreto.

A popa, lá no alto acima deles, estava ainda deserta. Havia o som tranquilo de uma água correndo, uma bandeira japonesa farfalhava à sombra do molinete da âncora.

O primeiro e estridente apito da sirene foi dado quando faltavam quinze minutos para as seis. Noboru, ao ouvi-lo, compreendeu que o fantasma que havia observado duas noites antes era real, compreendeu que estava presente no lugar em que todos os sonhos começam e terminam. Depois, viu Ryuji: de pé junto da bandeira japonesa.

— Ele talvez ouvisse, se você gritar com bastante força — sugeriu Fusako.

O grito deixou a garganta de Noboru no momento em que a sirene parou: ficou horrorizado com a estridência de sua voz. Ryuji olhou para baixo, para eles, e acenou; estava muito distante para que se pudesse ver a expressão de seu rosto. Depois, voltou ao trabalho, com o mesmo movimento de ombros com que se voltara para a sirene ao luar, e não olhou outra vez para eles.

Fusako desviou os olhos para a proa. A prancha de embarque foi levantada; o último elo entre o navio e a terra fora rompido. O casco do *Rakuyo*, de um verde-creme, parecia a lâmina de um machado colossal que tivesse caído dos céus para fender a terra.

A fumaça começou a sair das chaminés. De um negro acentuado, ela se projetava no céu em nuvens enormes, que subiram fazendo empalidecer o zênite.

— Atenção, guarnição de proa. Preparar-se para levantar ferro.

— Esticar bem!

Houve um outro apito rápido da sirene.

— Muito bem, guarnição de proa.

— Certo.

— Levantar o ferro. Soltar cabo de proa. Soltar cabos laterais!

O *Rakuyo* afastou-se lentamente do píer, enquanto o rebocador avançava para o centro da baía, rebocando-o pela popa. A faixa d'água entre o navio e o cais ampliou-se, e enquanto eles procuravam acompanhar com os olhos o brilho decrescente das linhas douradas do quepe de Ryuji, o navio deu uma volta de 90 graus completos e ficou em posição perpendicular ao píer.

O *Rakuyo* transformou-se num fantasma ilusório, quando os ângulos começaram a modificar-se rapidamente. Aos poucos, a popa foi puxada mais para o meio da baía, o longo navio girou como se estivesse sobre pinos, a aparelhagem do convés se transformou numa confusão de linhas e orifícios superpostos, através dos quais brilhava o sol. Toda aquela estrutura se projetou para o céu como um brilhante pagode de aço. Mas o efeito foi apenas momentâneo. O rebocador começou a dar a volta a fim de colocar a proa voltada para o mar aberto, e o castelo ilusório que se formara no convés desmanchou-se. Cada objeto, em sua devida ordem de proa a popa, retomou a forma habitual e por fim a própria popa apareceu, e uma figura diminuta, mal reconhecível como Ryuji, voltou a colocar-se no esplendor do sol poente.

— Soltar cabos de reboque.

A voz no alto-falante ainda era clara, trazida até eles pelo vento. O rebocador afastou-se.

Imóvel sobre a água, o navio soltou três apitos. Seguiu-se um silêncio estranho, um intervalo de calma durante o qual parecia que Ryuji a bordo e Fusako no cais estavam capturados pelo mesmo momento viscoso do tempo.

Finalmente, sacudindo todo o porto e transmitindo-se a cada janela da cidade, fazendo tremer as cozinhas onde o jantar jazia no fogão, e os quartos de hotéis ordinários onde os lençóis não são nunca trocados, e mesas que esperavam em casa a volta das crianças, escolas e quadras de tênis e cemitérios; mergulhando tudo num momento de dor e impiedosamente rasgando até mesmo o coração dos que não estavam envolvidos, o apito do *Rakuyo* soou pela última vez, num adeus enorme. Deixando uma linha de fumaça branca, o navio rumou direto para o mar. Ryuji perdeu-se de vista.

Parte II

Inverno

Capítulo Um

Às nove horas da manhã de 30 de dezembro Ryuji saiu do edifício da alfândega, no píer Central. Fusako estava à sua espera.

O píer Central ficava num bairro curioso. As ruas eram desertas e limpas demais; os plátanos que as margeavam estavam secos. Num desvio que corria entre armazéns arcaicos de tijolos vermelhos e um escritório de navegação em estilo de pseudo-Renascença, uma velha locomotiva a vapor ofegava, lançando nuvens de fumaça negra. Mesmo a pequena passagem ferroviária parecia irreal, como se pertencesse a um conjunto de trens de brinquedo. O mar era responsável pela irrealidade do lugar, pois era a seu serviço que estavam dedicados todas as ruas, edifícios e até mesmo os tijolos mudos nas paredes. O mar havia simplificado e resumido, e o cais, por sua vez, havia perdido seu senso de realidade e parecia viver num sonho.

Além disso, chovia. Uma grossa água vermelha escorria das velhas paredes de tijolos e se acumulava em poças na rua. Os mastros que se elevavam sobre os telhados pingavam.

Não querendo chamar a atenção, Fusako esperava no banco traseiro do carro. Pela janela marcada dos pingos da chuva, viu a tripulação sair, um a um, do barraco de madeira batido pelo tempo. Ryuji parou por um momento na porta, para levantar a gola de sua japona e puxar o quepe mais para cima dos olhos. Depois, saiu sob a chuva, levando um velho saco de fecho-ecler. Fusako mandou o motorista correr para chamá-lo.

Ryuji desabou ruidosamente no carro, como uma peça de bagagem desajeitada e ensopada de chuva.

— Eu sabia que você viria... eu sabia — disse ele ofegante, agarrando Fusako pelos ombros cobertos com o casaco de marta.

Seu rosto estava marcado pelas gotas de chuva — ou seriam lágrimas? — e mais queimado de sol do que antes. Fusako estava mais pálida, tinha o rosto como uma janela aberta na penumbra do interior do carro. Beijaram-se, e ambos choravam. Ryuji enfiou a mão sob o casaco de Fusako e agarrou avidamente o seu corpo, como se buscasse a vida num cadáver que tivesse retirado do mar, cerrando os braços em volta de sua cintura para encher novamente o coração e a mente com os detalhes desse corpo. A viagem até a casa era de apenas seis ou sete minutos. Finalmente, quando o carro atravessava a Ponta de Yamashita, puderam começar uma conversa normal.

— Obrigado por todas as cartas. Li-as mais de cem vezes.

— Eu também li as suas mais de cem vezes. Você ficará conosco pelo menos até o Ano-Novo, não?

— Obrigado... E como vai Noboru?

— Queria vir esperá-lo no cais, mas está um pouco resfriado e teve de ir para a cama. Não é nada sério... quase não tem febre...

A conversa era comum, observações que poderiam ter sido feitas por quaisquer moradores de terra, e fluía facilmente. Havia imaginado, durante os meses da separação, que sua conversação seria difícil, quando voltassem a encontrar-se; parecia impossível restabelecer o laço entre eles, tal como havia sido depois daqueles dias de verão. Por que as coisas corriam tão docemente quanto um braço que se introduz na manga de um paletó que não foi usado durante seis meses?

Mas as lágrimas de alegria haviam afastado a ansiedade e elevaram-nos a uma altura em que nada era impossível. Ryuji estava como que paralisado: a visão dos lugares que lhe eram familiares, lugares que tinham visitado juntos, não o comoveu. O fato de que o Parque Yamashita e a Torre Marinha surgissem tal como ele havia lembrado parecia apenas óbvio, inevitável. E a cortina criada pela chuva, tornando menos distinto o cenário e fazendo com que se assemelhasse mais às imagens na memória, apenas intensificava a realidade de tudo aquilo. Ryuji esperou, por algum tempo depois do desembarque, sentir que o mundo oscilava precariamente sob seus pés, mas naquele dia, mais do que nunca, como uma peça de quebra-cabeça, ele se sentia encaixar num mundo firme e agradável.

Deixaram a ponte, rodaram por pouco tempo ao longo do canal, enterrado sob barcaças cinzentas cobertas de lona, e começaram a subir o morro logo depois do Consulado Francês. Lá no alto, nuvens esgarçadas deixavam ver o céu azul e se separavam: o tempo começava a melhorar. Estavam agora no topo do morro, passando a entrada do parque. O carro dobrou à esquerda entrando numa ruazinha e parou em frente da residência Kuroda. Entre o portão e a porta da casa a distância era de apenas alguns passos, mas o caminho de tijolos estava encharcado. O velho motorista cobriu Fusako com um guarda-chuva, acompanhando-a até a porta, e tocou a campainha.

Quando a governanta abriu, Fusako disse-lhe que acendesse a luz do vestibulo. Ryuji subiu a pequena soleira da porta e entrou na obscuridade.

No instante em que levava para cruzar a porta, uma dúvida sutil o assaltou. Era de presumir que o círculo dourado em que haviam reingressado juntos fosse o mesmo que haviam deixado. A diferença era inefavelmente pequena, mas alguma coisa, em algum lugar, se havia modificado. Fusako tivera o cuidado de não aludir nunca ao futuro, nem mesmo ao se despedirem

ao final do verão, nem em qualquer de suas muitas cartas, e ainda assim o abraço que trocaram minutos antes deixara claro que era para ali, para aquela casa, juntos, que ambos ansiavam por voltar. Mas a ansiedade de Ryuji não lhe permitiria deter-se para examinar melhor a discrepância. Ele nem mesmo notou que estava entrando numa casa totalmente diferente.

— Tem chovido muito — dizia Fusako. — Mas agora parece estar melhorando um pouco.

A luz do vestibulo acendeu-se naquele momento, destacando o chão de mármore importado.

O fogo brilhava na lareira da sala de estar, sobre cuja prateleira, instalada e pronta para o dia do Ano-Novo, via-se uma pequena estante de madeira com os bolos de arroz de oferenda e enfeitada de grinaldas, ao estilo tradicional, com lódão branco, e ramos de plantas marinhas. A governanta trouxe-lhes chá e conseguiu dizer algumas palavras de saudação, que soaram com alguma sinceridade:

— É um prazer vê-lo de volta. Noboru e a Sra. Kuroda estavam à sua espera há uma semana.

As únicas modificações na sala de estar eram algumas amostras novas dos bordados de Fusako e um pequeno troféu de tênis, exposto num dos cantos. Ela levou Ryuji pela sala, explicando cada novidade. Quando ele partiu, o interesse de Fusako pelo tênis e pelos bordados aumentou. Ela costumava jogar no clube próximo do Templo Myokoji, todos os fins de semana, por vezes saindo até mesmo mais cedo da loja, nos dias úteis; as noites, passara-as sozinha em seu quarto, bordando em seda. Muitos de seus trabalhos recentes tinham motivos relacionados com navios. As novas almofadas, concluídas durante o outono, tinham como temas rodas antigas e pequenas frotas estilizadas de escunas portuguesas. O troféu havia sido ganho numa competição de duplas femininas, e conquistado no torneio de fim de ano realizado pelo clube. Para Ryuji, tudo isso era prova da castidade dela durante a sua ausência.

— Mas nada de realmente maravilhoso aconteceu — disse Fusako —, enquanto você esteve fora, nada aconteceu...

Confessou que se sentiu irritada ao descobrir que estava à espera dele, apesar de sua decisão em contrário. Lançara-se ao trabalho, confiante em esquecê-lo, e quando o último cliente do dia saía e a loja ficava em silêncio, Fusako ouvia o chafariz borbulhando no pátio. E ao ouvir, era tomada de terror. Sabia, então, que estava à espera de Ryuji...

Desta vez, Fusako pôde expressar-se com fluência e sinceridade. As ousadas cartas que escrevera, semana após semana, asseguravam-lhe uma

liberdade inesperada e nova. E Ryuji falava mais do que antes, estava mais animado. A mudança começou um dia, em Honolulu, ao receber a primeira carta. Tornou-se perceptivelmente mais cordial, começou até mesmo a gostar das conversas no refeitório. E não foi preciso muito tempo para que os oficiais do *Rakuyo* soubessem os detalhes do seu caso de amor.

— Você gostaria de subir, agora, para ver Noboru? Ele estava tão empolgado com a perspectiva de vê-lo... Acho que não conseguiu dormir bem a noite...

Ryuji levantou-se da cadeira onde estava sentado. Era evidente agora, fora de qualquer dúvida: era o homem pelo qual esperavam, o homem que amavam.

Depois de tirar da mala um presente para Noboru, Ryuji acompanhou Fusako subindo as mesmas escadas escuras que havia subido, trêmulo, nas pontas dos pés, naquela noite de verão. Desta vez, seus passos tinham a firmeza de um homem que foi aceito.

Na cama, em seu quarto, Noboru ouviu os passos que subiam. Tenso com a espera, seu corpo sob as cobertas estava rígido como uma tábua e, ainda assim, de certa maneira aqueles passos não eram exatamente os que esperava.

Bateram à porta, que se abriu totalmente. Noboru viu um jacaré pequeno, de um marrom avermelhado.

O animal ficou por um momento à porta, flutuando na luz aguada que iluminava o quarto, vinda do céu lá fora, agora claro e limpo, e por um instante os brilhantes olhos de conta, e a boca aberta, as pernas rígidas espalhadas no ar, pareceram vivos. Uma pergunta passou-lhe pela cabeça febril: alguém já teria usado algo vivo num brasão? Certa vez Ryuji lhe falara do Mar de Coral: a água no interior de um atol era tranquila como a superfície de um lago, mas ao largo, ondas enormes trovejavam e partiam-se sobre os recifes externos, as cristas brancas das vagas espumantes pareciam enormes e distantes fantasmas. Sua dor de cabeça, que comparada à de ontem se havia afastado e distanciado, parecia unia crista branca ondeando além do atol. E o jacaré era o brasão da dor de cabeça, o símbolo de sua própria autoridade distante. Era verdade que a doença dera majestade ao rosto do menino.

— Gosta? É para você.

Ryuji estava de pé na entrada do quarto, segurando o jacaré com os braços estendidos. Entrou. Usava uma suéter cinza de gola rulê; seu rosto estava muito queimado de sol.

Noboru prepara-se para a entrada de Ryuji com a decisão de não sorrir com prazer. Usando a doença corno pretexto, conseguiu manter uma expressão séria.

— Que estranho! Ele estava tão contente e animado ainda há pouco.

Você se sente febril, novamente, meu querido?

Um pequeno discurso inoportuno! Nunca, antes, sua mãe lhe parecera tão insignificante.

— Esse bicho tem uma história — continuou Ryuji, sem se preocupar com a tensão no quarto. Colocou o animal junto do travesseiro de Noboru. — Este jacaré foi empalhado pelos índios no Brasil. Por índios autênticos. E quando chega o carnaval, os guerreiros colocam jacarés como este, ou por vezes aves aquáticas empalhadas, na cabeça, na frente das penas que usam nos cabelos. E prendem pequenos espelhos redondos na testa. Quando os espelhos refletem a luz da fogueira, os índios ficam parecendo demônios de três olhos. Penduram dentes de leopardo em volta do pescoço, embrulham-se nas suas peles. E todos levam uma aljava nas costas, e belos arcos com flechas de cores diferentes. É essa a história do jacaré. É parte do vestuário cerimonial que os índios brasileiros usam no carnaval.

— Obrigado — disse Noboru.

Correu a mão pelas bossas brilhantes nas costas do jacaré e pelos membros engelhados. Examinou a poeira que se acumulara sob os olhos de contas vermelhas enquanto o animal permanecera na prateleira de alguma loja do interior brasileiro, e pensou no que Ryuji havia dito. O quarto estava demasiado quente; os lençóis estavam febris, amarrotados, úmidos. Os fragmentos de pele no travesseiro se haviam soltado dos lábios secos do menino. Ele as arrancara furtivamente alguns minutos antes. E no momento em que começou a preocupar-se com a possibilidade de que seus lábios estivessem demasiado vermelhos, olhou involuntariamente para a gaveta que escondia o buraco na parede. Como pudera ser tão imprevidente! Sentiu-se angustiado. E se os adultos acompanhassem seu olhar e lançassem olhares desconfiados para a parede? Mas não, tudo estava bem. Eram ainda mais insensíveis do que pensava: estavam aninhados nos braços entorpecedores do amor.

Noboru olhou com dureza para o marinheiro. Sua face bronzada pelo sol tinha uma aparência ainda mais viril do que antes, as sobrançelas espessas e os dentes brancos tinham um contraste mais acentuado. Mas Noboru percebeu alguma coisa de pouco natural no seu monólogo, uma tentativa forçada de relacionar-se com as fantasias suas, uma convivência com os sentimentos exagerados que havia manifestado nas cartas frequentes. Havia alguma coisa de falso nesse Ryuji. Quando não conseguiu suportar mais, Noboru falou.

— Não sei... Há alguma coisa de esquisito nisso...

— Você está brincando? É por que ele é tão pequeno? Era um mal-entendido sem hostilidade.

— Até mesmo os jacarés são pequenos, quando filhotes. Vá ao zoológico, que você poderá ver.

— Noboru! Estou surpresa com você! Por que não deixa de ser tão indelicado e mostra ao Sr. Tsukazaki o seu álbum de selos?

Antes que ele se pudesse mexer, a mãe já havia apanhado o álbum na mesa e mostrava a Ryuji os selos cuidadosamente pregados, que havia mandado a Noboru de portos de todo o mundo.

Ela estava sentada na cadeira com o rosto voltado para a luz, e virava as páginas enquanto Ryuji, com um braço sobre o encosto da cadeira, olhava por sobre o ombro de Fusako. Noboru notou que ambos tinham bonitos perfis: a leve e clara luz de inverno lhes prateava o nariz. Pareciam esquecidos da presença do menino no quarto.

— Sr. Tsukazaki, quando partirá novamente? — perguntou Noboru de súbito.

Sua mãe voltou-se com um rosto espantado e o menino percebeu que ela havia empalidecido. Era a pergunta que mais queria fazer, e mais receava. Ryuji estava junto à janela, com as costas voltadas para eles. Semicerrou os olhos e respondeu, muito lentamente:

— Ainda não sei.

Noboru ficou espantado. Fusako não falou, mas parecia uma garrafa cheia de sentimento, fervendo sob a pressão de uma rolha de cortiça. Sua expressão poderia ter significado alegria ou um inexpressivo rosto feminino. Para Noboru, ela parecia uma faxineira.

Uma breve pausa e Ryuji voltou a falar, calmamente. Seu tom era de simpatia, a compaixão que o homem sente quando tem certeza de dispor do poder de afetar o destino de outro:

— De qualquer modo, será necessário um prazo até depois do Ano-Novo, para descarregar o navio...

Vermelho de raiva e tossindo violentamente, Noboru tirou o diário que estava sob o travesseiro tão logo eles saíram, e fez uma rápida anotação.

ACUSAÇÕES CONTRA RYUJI TSUKAZAKI

TRÊS: *responder, quando lhe perguntei se voltaria a partir: “Ainda não sei.”*

Noboru pousou a caneta e pensou durante um minuto, enquanto a raiva aumentava. E acrescentou:

QUATRO: *voltar aqui novamente, em primeiro lugar.*

Mas logo depois começou a ter vergonha de sua raiva. De que havia servido todo o treinamento em “indiferença absoluta”? Explorou cuidadosamente todos os recantos de seu coração para certificar-se de que não restava nem mesmo um fragmento de raiva, e releu o que havia escrito. Quando terminou, estava convencido: não era necessário rever o que havia dito.

Ouviu então um barulho no quarto contíguo. Sua mãe devia ter ido para lá. Ryuji também parecia estar ali... A porta do quarto de Noboru não estava trancada, e seu coração começou a bater forte. Como, pensou, num quarto não trancado, àquela hora da manhã, e rapidamente — isso era importante — poderia retirar a gaveta e introduzir-se no espaço junto da parede, sem ser descoberto?

Capítulo Dois

O presente para Fusako era uma carteira de couro de tatu. Era estranha, com uma alça que se parecia a um pescoço de rato, com fechos e costuras grosseiras, mas ela saiu de casa levando-a, satisfeita, e a exibiu com orgulho na loja, sob o olhar desaprovador do Sr. Shibuya.

Passaram separados o último dia do ano: Fusako tinha de ficar na loja e Ryuji tinha de fazer um quarto à tarde. Parecia-lhe agora perfeitamente natural que se ocupassem de coisas distintas durante metade do dia.

Já passavam das dez quando Fusako voltou, naquela noite. Ryuji havia ajudado Noboru e a governanta na tradicional limpeza de Ano-Novo, e juntos conseguiram terminar a tarefa mais rapidamente do que nos anos anteriores. Dava instruções secas, como se estivesse dirigindo a lavagem do convés, e Noboru, cuja febre baixara naquela manhã, cumpria as ordens com satisfação.

Fusako chegou quando eles estavam levando para baixo as escadas, com esponjas e baldes, depois de terem limpadado todos os quartos do andar superior. Ryuji havia dobrado as mangas do suéter e enrolado uma toalha na cabeça; Noboru usava um turbante no mesmo estilo, o rosto corado e brilhante. A cena surpreendeu e alegrou muito a Fusako, que apesar disso não pôde deixar de preocupar-se um pouco com a saúde do filho.

— Não se preocupe tanto! Um bom suadouro é a melhor maneira de curar um resfriado.

A observação poderia ser inábil como tentativa de tranquilizar, mas pelo menos era uma “fala de homem”, coisa que a casa de Fusako não ouvia há muito tempo. As paredes e as velhas vigas do teto pareceram encolher-se ante a manifestação masculina.

Quando toda a família se reuniu para ouvir os sinos da meia-noite e comemorar com macarrão de trigo mourisco, a governanta contou uma anedota do seu passado, que repetia a cada Ano-Novo:

— Na casa dos Macgregor, a família para a qual eu trabalhava, o Ano-Novo era sempre comemorado com uma grande festa com muitos convidados. E à meia-noite em ponto todos começavam a beijar-se, com a maior naturalidade! Certa vez, até mesmo um velho senhor irlandês com suíças beijou-me no rosto — ele ficou agarrado no meu rosto, como uma sanguessuga, ou qualquer coisa assim...

Ryuji abraçou Fusako tão logo ficaram sozinhos no quarto. Mais tarde, quando a primeira promessa pálida do alvorecer apareceu, ele propôs uma

coisa meio infantil: por que não ir até o parque e observar o primeiro amanhecer do Ano-Novo? Fusako ficou entusiasmada pela loucura de ir para o frio. Pulou da cama e embrulhou-se em tudo o que pôde encontrar — meias, calças, um suéter de caxemira e um esplendido suéter dinamarquês de esquiar, por cima de tudo. Desceram as escadas nas pontas dos pés, abriram a porta de entrada e saíram.

O ar da madrugada era gostoso contra seus corpos aquecidos. Correndo pelo parque deserto, riam alto e se perseguiam entre os abetos, respiravam profundamente, competindo para ver quem era capaz de exalar o vapor mais branco, contra o ar frio e escuro. Sentiam como se finas camadas de gelo estivessem revestindo suas bocas onde o amor deixara um gosto pesado.

Passavam já das seis quando se inclinaram sobre a cerca que ficava a cavaleiro do porto: Vênus estava então no sul. Embora as luzes dos edifícios e as lâmpadas vermelhas que piscavam nos mastros distantes ainda fossem bem visíveis, e embora as lâminas de luz vermelha e verde ainda cortassem a escuridão do parque, a silhueta das casas podia ser percebida e o céu estava manchado de um vermelho purpúreo.

Pequeno e distante, o primeiro canto de galo do ano chegou até eles no frio vento da manhã, um grito trágico e adequado ao momento.

— Que este ano seja bom para todos nós.

Fusako fez o seu voto em voz alta. Estava frio e quando encostou o rosto no de Ryuji, ele beijou-lhe os lábios, tão próximos dos seus, e disse:

— Será. Tem de ser.

Gradualmente, uma forma imprecisa junto do mar começou a ser distinguida: era um edifício. Ao olhar para a lâmpada vermelha no alto de uma saída de emergência, ele teve uma consciência dolorosa da tessitura da vida em terra. Teria trinta e quatro anos em maio. Era o momento de abandonar o sonho que alimentara carinhosamente por tempo demais. O momento de compreender que nenhuma glória estava à sua espera. Era o momento de abrir os olhos, mesmo que as pequenas lâmpadas dos beirais ainda desafiassem a luz cinza-esverdeada da manhã, recusando-se a despertar, a abrir os olhos.

Embora fosse o dia do Ano-Novo, uma ligeira movimentação espalhava-se pelo porto. De vez em quando uma barça desvencilhava-se da frota ali atracada e descia pelo canal. Quando um tom róseo manchou a superfície da água e espalhou-se generosamente à volta, os postes de luz, distanciando-se dos navios ancorados, começaram a encolher. Vinte minutos depois das seis: as lâmpadas de mercúrio do parque foram apagadas.

— Está sentindo frio? — perguntou Ryuji.

— Minhas gengivas estão ásperas, de tanto frio... mas não me importo. O sol deve sair a qualquer momento, agora.

— Está com frio?... Está com frio?... — Ryuji perguntou várias vezes, e ao mesmo tempo fazia a si mesmo outra pergunta: Você vai realmente deixar tudo aquilo? *O sentimento do mar, o sombrio e embriagante sentimento que o balançar do navio, tão estranho à terra, provoca? A emoção da despedida? As doces lágrimas que a sua canção lhe provoca? Você vai abandonar a vida que o desligou do mundo, o manteve distante, impeliu-o para as culminâncias da masculinidade?* O secreto anseio da morte. A glória além e a morte além. Tudo era “além”, certo ou errado, sempre estivera “além”. *Você vai abandonar tudo isso?* Seu coração contraiu-se, porque ele estava sempre em contato com o escuro balanço do mar e a luz majestosa que vinha da orla das nuvens, retorceu-se, murchou, até abafar-se, para voltar a crescer novamente, enquanto ele continuava incapaz de distinguir os sentimentos mais exaltados dos mais mesquinhos, e isso realmente não tinha importância, porque ele não podia considerar o mar como responsável — *você vai abandonar essa liberdade luminosa?*

E não obstante, Ryuji havia descoberto, na viagem de volta, que estava cansado, mortalmente cansado, da pobreza e do tédio da vida de marinheiro. Estava convencido de que havia provado tudo, até mesmo as borras, e estava saciado. Como havia sido tolo! Não havia glória a ser encontrada, em parte alguma do mundo. No Hemisfério Norte, no Hemisfério Sul, nem mesmo sob aquela estrela com que sonha todo marinheiro, o Cruzeiro do Sul!

Agora já podiam perceber os pátios de depósito de madeira além do canal: os galos haviam cantado aos céus até que um leve tom rosa se espalhou no rosto dela. Finalmente as lâmpadas dos mastros se apagaram e os navios se retiraram, como fantasmas, para o nevoeiro que envolvia o porto. E então, quando um vermelho irritado começou a surgir ao longo da orla do céu, o espaço do parque atrás deles dissolveu-se num vazio esbranquiçado e o leque luminoso do farol desapareceu, deixando apenas pequenos pontos brilhantes de luz vermelha e verde.

Fazia muito frio; apoiados na cerca, abraçados, batiam com os pés.

— Não pode demorar, agora — disse Fusako, a voz elevando-se acima do chilrear dos passarinhos. O batom que passara apressadamente antes de deixarem a casa, uma mancha de vermelho vivo saindo da brancura de seu rosto gelado e emaciado, pareceu belo a Ryuji.

Um minuto depois, bem à direita da madeira flutuante e a uma altura surpreendente, um leve anel vermelho pairou no céu de um cinza apagado. Imediatamente o sol tornou-se um globo de um vermelho intenso, mas ainda tão fraco que podiam olhá-lo de frente, como uma lua cheia de sangue.

— Sei que será um bom ano. Não poderia ser de outro modo, conosco aqui dessa maneira, vendo juntos o primeiro amanhecer. E sabe de uma coisa?

É a primeira vez que vi o amanhecer no dia do Ano-Novo.

O frio deformava a voz de Fusako. Ryuji ouviu-se dizer, no tom decidido que usava para gritar ordens ao vento, no convés de inverno:

— Você quer casar comigo?

— O quê?

Aborrecido por ter de repetir, lançou coisas que seria melhor ter silenciado:

— Estou lhe pedindo para casar-se comigo. Posso ser apenas um marinheiro inculto, mas nunca fiz nada de que me tivesse de envergonhar. Você pode rir quando digo isso, mas tenho quase dois milhões de ienes economizados — você poderá ver minha caderneta bancária depois. É tudo o que tenho de meu e vou dar tudo para você, quer se case comigo ou não.

Sua proposta sem elegância emocionou a mulher mundana muito mais profundamente do que ele poderia perceber. A grande alegria de Fusako provocou-lhe o pranto.

O sol havia saído completamente, e brilhava de maneira demasiado ofuscante para os olhos ansiosos de Ryuji; a cacofonia do porto, com seus apitos e ranger de guindastes, estava chegando ao auge. Com o horizonte ainda envolto em névoa, o reflexo do sol espalhava-se como uma bruma avermelhada sobre a superfície da água.

— Sim, claro que sim. Mas acho que há alguns problemas que temos de discutir primeiro. Há, por exemplo, Noboru, e o meu trabalho na loja. Posso estabelecer apenas uma condição? Quero dizer, o que você acaba de propor... se você estiver planejando partir novamente dentro em pouco... seria difícil...

— Não pretendo viajar, por algum tempo. Na verdade...

Ryuji hesitou, e calou-se.

Na casa de Fusako não havia um único aposento decorado ao estilo japonês. Seu modo de vida era totalmente ocidental, exceto no Ano-Novo, quando observava a tradição, servindo um desjejum especial da data, em bandejas de laca, e fazendo brindes com saquê temperado.

Ryuji não havia dormido nada. Lavou o rosto com a “água jovem”, a primeira água tirada no ano, e foi para a sala de jantar. Era uma sensação estranha, como se estivesse ainda na Europa, no consulado japonês em algum porto do norte. No passado, ele e outros oficiais do *Rakuyo* haviam sido convidados para o desjejum do Ano-Novo em consulados no exterior: a concha de tirar o saquê e os copinhos de madeira colocados numa prateleira revestida de ouro, e as caixas laqueadas cheias das guloseimas tradicionais, estavam sempre dispostos numa mesa, numa brilhante sala de refeições ocidental, tal como agora.

Noboru desceu usando uma gravata nova, e foram trocados os cumprimentos de Ano-Novo. Em anos anteriores, Noboru sempre fizera o primeiro brinde, mas quando chegou o momento e ele estendeu a mão para o copo colocado mais ao alto, e o menor dos três, Fusako o deteve com um olhar de reprovação.

Fingindo-se embaraçado, ele disse, com afetação:

— Parece uma tolice que o Sr. Tsukazaki beba no menor copo.

Seus olhos, porém, não deixaram o copo, que parecia desaparecer envolto pela mão grande e grossa que o levou aos lábios do marinheiro. Enterrado nos dedos grandes daquela mão acostumada a segurar cordas, o copo de ameixeira, pintado de vermelho-vivo, parecia horrivelmente vulgar.

Quando terminou o brinde, Ryuji começou a descrever um furacão nas Caraíbas, antes mesmo que Noboru tivesse a oportunidade de pedir.

— Quando a arfagem é realmente muito forte, quase que não se pode cozinhar o arroz. Mas sempre se consegue, e então ele é comido puro, amassado em pequenas bolas. É claro que as tigelas não ficam sobre a mesa, por isso as mesas são colocadas contra a parede e sentamo-nos no chão, tentando engolir a comida.

“Mas esse furacão nas Caraíbas foi realmente excepcional. O *Rakuyo* foi construído no exterior, há mais de vinte anos, e começa a vaziar quando pega tempo muito ruim. Desta vez, a água começou a entrar pelos buracos dos arrebites no casco. E numa hora dessas, não há diferenças entre oficiais e marinheiros, todos trabalham em conjunto como ratos que se afogam, lançando fora a água e colocando cimento com a mesma rapidez com que se pode misturá-lo. E mesmo se somos jogados contra uma parede, ou ficamos no escuro, não temos tempo de sentir medo.

“Mas vou dizer-lhe uma coisa: não importa o tempo em que se vive num navio, nunca nos habituamos às tempestades. Quero dizer, sempre que enfrentamos uma, achamos que é chegada a nossa hora. De qualquer modo, no dia anterior a este último furacão, o sol poente se parecia muito com um grande incêndio, o vermelho no céu parecia um tanto sombrio, e a água tinha a placidez de um lago. Tive então uma espécie de pressentimento de que alguma coisa ia acontecer...”

— Pare, por favor, pare! — exclamou Fusako, tapando os ouvidos com as mãos. — Por favor, não fale mais de coisas como essas.

A atitude exagerada da mãe irritou Noboru; por que tinha de tapar os ouvidos e protestar contra uma história de aventuras que evidentemente estava sendo contada para ele! Ou estaria sendo dirigida a ela, em primeiro lugar?

Essa ideia lhe foi desagradável. Ryuji já havia contado antes o mesmo tipo de histórias do mar, mas desta vez a apresentação parecia diferente. O tom

de sua voz lembrou a Noboru um mascate que vende artigos diversos e os vai segurando com as mãos sujas. Tira a mochila das costas e abre-a no chão, para que todos vejam: um furacão ao estilo das Caraíbas, cenário ao longo das margens do canal do Panamá, um carnaval polvilhado de poeira vermelha do interior do Brasil, uma tromba-d'água tropical que inunda uma aldeia num piscar de olhos, papagaios de cores berrantes berrando sob um céu escuro... Não havia dúvidas quanto a isso: Ryuji tinha uma mercadoria sortida...

Capítulo Três

No dia cinco de janeiro o *Rakuyo* partiu, e Ryuji não estava a bordo. Ficou como convidado na residência Kuroda.

A loja Rex abriu no dia seis. Aliviada, e de muito bom humor porque Ryuji havia ficado, Fusako chegou pouco antes do meio-dia e recebeu as congratulações do Ano-Novo do Sr. Shibuya e dos outros empregados. À espera dela, na mesa, havia uma fatura de um distribuidor inglês.

Srs. Rex, Ltda., Yokohama
Pedido nº 1062-B

A mercadoria havia chegado no *El Dorado*, durante os dias feriados; havia duas dúzias e meia de coletes e pulôveres de homem, e uma dúzia e meia de calças esporte, tamanhos 34, 38 e 40. Incluindo a comissão de 10% para o distribuidor, a fatura elevava-se a noventa mil ienes. Mesmo que guardassem o pedido por um mês aproximadamente, poderiam esperar um lucro de cinquenta mil: metade da mercadoria cobria pedidos especiais, e podia ser vendida em qualquer época do ano. E o fato de não se ter de preocupar com depreciação, qualquer que fosse o tempo que a mercadoria ficasse nas prateleiras, era uma das vantagens de negociar com produtos ingleses por meio de um distribuidor de primeira categoria. Os preços a varejo eram fixados na Inglaterra, e a conta seria cancelada se tentassem vender mais barato.

O Sr. Shibuya entrou no escritório e anunciou:

— A Companhia Jackson vai fazer um desfile de apresentação de suas coleções de primavera e verão no dia 25. Recebemos um convite.

— Ah, é? Suponho então que estaremos competindo com os compradores das grandes lojas de Tóquio, novamente. Mesmo que sejam cegos como morcegos.

— Eles não têm o senso do tecido ou da padronagem, porque nunca usaram boas roupas.

— Isso é verdade!

Fusako anotou a data na sua agenda sobre a mesa.

— É amanhã que temos de ir ao Ministério do Comércio Exterior? Os burocratas sempre me deixam nervosa, eu provavelmente apenas ficarei sentada com um sorriso forçado. Conto com o senhor para nos livrarmos deles.

— Farei o possível. Um dos principais funcionários é um velho amigo

meu.

— Ah, sim, o senhor já me falou disso. Já me sinto melhor...

Esperando satisfazer o gosto de alguns clientes novos, a loja Rex firmara um acordo especial com a loja Men's Town and Country, de Nova Iorque: já haviam sido emitidas cartas de crédito e cabia agora a Fusako solicitar ao Ministério do Comércio Exterior uma licença de importação.

— Há muito quero perguntar-lhe — disse Fusako, repentinamente, com os olhos na abertura em V do colete de pelo de camelo do velho elegante. — Como o senhor se vem sentindo, ultimamente?

— Não muito bem, obrigado. Acho que é a minha artrite que voltou novamente, mas a dor parece estar se espalhando.

— Bem, e procurou um médico?

— Não, com o movimento das festas e tantas outras coisas...

— Mas o senhor não se vem sentindo bem desde antes do Ano-Novo.

— Não tenho tempo para perder sentado na sala de espera de um consultório médico, especialmente nesta época do ano.

— De qualquer modo, eu gostaria que o senhor se fizesse examinar sem demora. Se alguma coisa lhe acontecesse, nós estaríamos liquidados.

O velho sorriu de maneira vaga, a mão branca e enrugada mexeu nervosamente o nó apertado da gravata.

Uma vendedora entrou para dizer que a Srta. Yoriko Kasuga havia chegado.

Fusako desceu até o pátio. Desta vez, Yoriko viera sozinha. Usava um casaco de marta, e estava olhando uma vitrine, com as costas voltadas. Quando ela se decidiu por um batom Lancôme e uma caneta Pelicano, Fusako convidou-a para almoçar: a atriz famosa teve uma expressão de grande prazer. Fusako levou-a ao Le Centaure, um pequeno restaurante francês perto do porto, onde os iatistas reuniam-se com frequência. O proprietário era um velho *gourmet* que havia trabalhado para o consulado francês.

Fusako observou a atriz, como se quisesse medir a solidão daquela mulher simples e obstinada. Yoriko não havia conquistado nenhum dos prêmios que ambicionara no ano passado, e evidentemente seu passeio a Yokohama, hoje, era para fugir um pouco dos olhos que a sociedade lança sobre uma estrela que não consegue ganhar prêmios. Embora certamente tivesse um número incontável de admiradores, a única pessoa com quem podia ser franca e estar à vontade era a proprietária de uma loja de luxo de Yokohama, de quem não era sequer amiga íntima.

Fusako achou que seria melhor não mencionar os prêmios cinematográficos durante o almoço.

Tomaram uma garrafa do famoso *vin de maison* do restaurante, com o

seu *bouillabaisse*. Fusako teve de fazer os pedidos, porque Yoriko não sabia ler o cardápio francês.

— Você sabe, Mamãe, você é realmente bonita — disse de repente a estrela. — Eu daria qualquer coisa para parecer-me com você.

Yoriko era, entre todas as mulheres que Fusako conhecia, a que menos valor dava à sua beleza. Tinha seios maravilhosos, olhos muito bonitos, um nariz bem feito, lábios voluptuosos e apesar disso vivia atormentada por vagos sentimentos de inferioridade. Acreditava até mesmo — e isso lhe provocava profundo sofrimento — que a comissão dos prêmios a havia posto de lado porque os homens, ao vê-la na tela, só pensavam numa mulher que gostariam de levar para a cama.

Fusako viu aquela atriz famosa, bela e infeliz ser tomada de um grande contentamento ao assinar o nome num livro de autógrafos que a garçonne trouxe. A reação de Yoriko ante um livro de autógrafos era sempre um bom indício de seu estado de espírito. E a julgar pela generosidade de bêbedo com que movimentava a caneta ainda há pouco, bastaria a um admirador pedir-lhe um dos seios, que ela o daria.

— As únicas pessoas do mundo em que realmente confio são os meus fãs, mesmo sabendo que me esquecerão depressa — resmungou ela, ao acender um cigarro feminino importado.

— Você não confia em mim? — brincou Fusako, prevendo a resposta satisfeita que Yoriko daria a tal pergunta.

— Você acha que eu teria vindo até Yokohama se não confiasse? Você é a única amiga verdadeira que tenho. Sinceramente, é. Há muito tempo não me sentia tão tranquila e tudo isso graças a você, Mamãe.

Outra vez aquele nome! Fusako estremeceu.

As paredes do restaurante eram decoradas com aquarelas de iates famosos, e toalhas quadriculadas, de um vermelho-vivo, cobriam as mesas vazias — eram as únicas pessoas na pequena sala. Os velhos caixilhos das janelas começavam a estalar com o vento e a página de um jornal foi arrastada pela rua deserta. A janela dava para as paredes acinzentadas e desoladas dos armazéns.

Yoriko conservou o casaco de marta enrolado nos ombros enquanto comia. Um imponente cordão de ouro pendia sobre o seu peito majestoso. Havia fugido do mundo que ama os escândalos, havia escapado de sua própria ambição, e agora, como uma mulher trabalhadora que descansasse ao sol entre duas tarefas cansativas, estava contente. Embora as suas razões para a alegria ou o sofrimento raramente parecessem convincentes a um observador, Yoriko conseguia sustentar uma família de dez pessoas, e era em momentos como aquele que a fonte de sua vitalidade se tornava evidente. Sua força vinha de

alguma coisa da qual tinha menos consciência, a sua beleza.

Fusako teve a súbita intuição de que encontraria em Yoriko a confidente ideal. Começou então a falar de Ryuji, e sentiu-se de tal modo embriagada com a felicidade da história, que revelou todos os seus íntimos detalhes.

— É mesmo? E ele realmente deu-lhe sua caderneta de banco com os dois milhões de ienes depositados?

— Tentei recusar, mas ele insistiu, e não admitiu que eu não aceitasse.

— Mas não havia nenhuma razão para você recusar. E que coisa viril, que ele fez? É claro, o dinheiro não tem nenhuma expressão para você, mas é o espírito da coisa que tem importância. Eu nunca teria sonhado que ainda houvesse homens assim no mundo. Especialmente porque todos os que se aproximam de mim são uns aproveitadores, em busca do que puderem conseguir. Espero que você compreenda a sorte que tem.

Fusako jamais havia imaginado que Yoriko pudesse ser prática, e ficou surpresa quando, tendo ouvido toda a história, a atriz aconselhou imediatamente o que devia ser feito.

Uma condição preliminar para qualquer casamento, começou ela, era uma investigação, feita por uma agência de detetives particulares. Fusako precisaria de uma fotografia de Ryuji e cerca de trinta mil ienes. Se entregasse isso logo, poderia ter os resultados dentro de uma semana. A própria Yoriko podia recomendar uma agência digna de confiança.

Embora não lhe parecesse haver nenhum motivo para preocupações, nesse caso, havia sempre a possibilidade de que um marinheiro tivesse uma doença inconfessável: seria melhor que trocassem certificados de saúde, devendo Ryuji acompanhar Fusako a um médico por esta escolhido.

Não haveria problema sério, no que se relacionava com Noboru, porque a nova relação a estabelecer-se seria entre pai e filho, sem envolver a questão de uma madrasta. E como o menino adorava Ryuji como herói (e como este parecia ser, basicamente, um homem educado), certamente iriam dar-se bem.

Seria um erro sério deixar que Ryuji permanecesse por mais tempo na ociosidade. Se Fusako tencionava prepará-lo para assumir o controle da Loja Rex algum dia, seria prudente começar a fazer com que aprendesse o negócio, trabalhando nos seus vários setores, imediatamente, sobretudo porque o gerente, Shibuya, começava a ficar muito velho.

Finalmente, e embora a atitude de Ryuji com a conta bancária deixasse clara a inexistência de qualquer objetivo mercenário nele, a verdade é que a recessão nos transportes marítimos provocou uma queda acentuada das ações da companhia de navegação, sendo evidente, além disso, que ele estava procurando deixar a carreira de marinheiro: Fusako teria de ser cuidadosa em não comprometer-se, apenas por ser uma viúva. Cabia-lhe insistir numa

igualdade no relacionamento, para ter a certeza de que não estava sendo usada.

Yoriko mencionou cada um desses pontos com firmeza, mas com paciência, como se estivesse tentando convencer uma criança, embora na verdade Fusako fosse mais velha, e se surpreendesse em ver uma mulher, que ela considerava uma idiota, falar com tamanho bom senso.

— Nunca imaginei que você fosse tão... — havia respeito em sua voz — tão capaz.

— É fácil, quando se descobre o que eles estão querendo. Há um ano, mais ou menos, apareceu um homem que eu tive vontade de desposar. E contei a um dos produtores toda a história. Talvez você tenha ouvido falar nele. Tatsuo Muragoshi. É um dos melhores. De qualquer modo, ele não falou do meu trabalho, nem de minha popularidade, nem mesmo do meu contrato. Apenas deu o mais cordial dos sorrisos, congratulou-me e em seguida aconselhou-me a fazer tudo o que eu disse a você. Parecia um trabalho tão grande, que deixei tudo a cargo dele. Bem, numa semana descobri que a tal pessoa estava saindo com três mulheres e já era pai de dois filhos ilegítimos, e como se isso não bastasse, que era doente, se você me entende. Há muito tempo não tinha um emprego decente, e parecia pretender livrar-se do resto de minha família no momento em que nos casássemos, para poder ficar sentado tomando cerveja enquanto eu mantinha a casa. Que tal lhe parece? São assim os homens. Não digo que não haja exceções...

A partir daquele momento, Fusako sentiu raiva da atriz, e a sua raiva estava carregada da indignação de uma burguesa honesta, respeitável. Considerou as últimas palavras de Yoriko pouco oportunas. Como um ataque a Ryuji, e mais, como um insulto à família dela, Fusako, e uma afronta às tradições refinadas da família Kuroda, que equivalia a um menosprezo à honra de seu falecido marido.

Em primeiro lugar, as suas origens eram totalmente diferentes e não havia razão pela qual o seu caso de amor viesse a parecer-se com o de Yoriko. *Mais cedo ou mais tarde, terei de fazê-la compreender isso. Nada posso fazer no momento, porém, porque ela é apenas uma cliente, e não uma amiga.*

Fusako não percebeu que a posição que estava tomando representava uma contradição provocada por aquela violenta paixão do verão. No fundo do coração, não se sentia ofendida tanto pelo marido morto, mas pela casa imaculada que mantivera, para si e seu filho, desde a morte dele. E a insinuação de Yoriko parecia-se com o que mais temia, a primeira manifestação de censura da sociedade à sua “indiscrição”. Agora, exatamente quando um final feliz adequado estava na iminência de apagar aquela indiscrição, Yoriko lançava sobre ela uma sombra! Propositalmente! Furiosa pelo marido morto, furiosa pela família Kuroda, furiosa por Noboru, corroída

por todas as raivas que a preocupação pode criar, Fusako empalideceu.

Se Ryuji fosse realmente um oportunista com todos os tipos de segredos horríveis, eu jamais teria me apaixonado por ele. Yoriko pode ser ingênua e tola, mas eu tenho um senso sólido do que é bom e do que não presta. Esse pensamento era equivalente a uma negação da inexplicável paixão estival, e não obstante o murmúrio interior começou a crescer de repente, a aumentar até ameaçar uma explosão.

Sem perceber a agitação da amiga, Yoriko bebia satisfeita a sua xícara de café. De súbito, como se tivesse se lembrado de alguma coisa, colocou a xícara no pires e, dobrando o punho de sua manga esquerda, mostrou a parte interna do pulso.

— Você tem de prometer guardar segredo sobre isso. Eu não contaria a ninguém, só a você, Mamãe. É uma cicatriz daquela época que eu ia me casar. Tentei suicidar-me com uma lâmina de barbear.

— É estranho, pois não me lembro de ter visto nada sobre isso nos jornais — disse Fusako com uma certa ironia, voltando a controlar-se novamente.

— Não, porque o Sr. Muragoshi percorreu toda a cidade e conseguiu abafar a notícia. Mas tive uma grande hemorragia.

Yoriko levantou um pouco o braço e tocou o pulso com os lábios, num gesto de autopiedade, antes de mostrá-lo a Fusako. Era preciso olhar bem para ver as poucas cicatrizes esbranquiçadas e irregulares que deviam ter sido cortes superficiais, apenas uma tentativa. E Fusako fez questão de examinar o pulso de Yoriko, como se fosse incapaz de localizar as cicatrizes. Depois, franziu as sobrancelhas em sinal de simpatia e disse, voltando a ser a proprietária da Loja Rex, novamente:

— Que coisa horrível! Imagine quanta gente em todo o Japão teria chorado, se você conseguisse. Uma garota maravilhosa como você — que perda! Prometa-me que não fará nada disso, nunca mais.

— É claro que não, Mamãe, uma coisa estúpida como essa. Essas pessoas que você disse que chorariam por mim são toda a razão da minha existência. Você choraria por mim, Mamãe?

— Chorar nem chegaria a ser o bastante — murmurou Fusako. — Mas vamos falar de coisas mais agradáveis.

Habitualmente, Fusako teria pensado que procurar uma agência de detetives seria um começo pouco auspicioso, mas agora estava disposta, por despeito, a receber um relatório favorável das mesmas pessoas que haviam condenado o marido desejado por Yoriko.

— Sabe de uma coisa? — começou. — Tenho de ir a Tóquio amanhã com o Sr. Shibuya, e quando tivermos terminado o que tenho de fazer, acho

que posso me livrar dele e procurar esse serviço de investigação de que você falou. Pode me escrever um cartão de apresentação?

— Com muito prazer.

Yoriko puxou a caneta que acabava de comprar e mexendo no conteúdo de sua bolsa de crocodilo, tirou dela um pequeno cartão branco.

Uma semana e um dia depois disso, Fusako teve uma longa conversa telefônica com Yoriko. Parecia estar orgulhosa:

— Quero dizer-lhe que lhe sou muito grata. Fiz o que você sugeriu... Sim, um grande sucesso. O relatório é realmente muito interessante. Trinta mil ienes é barato, considerando-se o trabalho que tiveram. Você gostaria de ouvir? Quero dizer, você tem tempo? Então faça-me um favor, e ouça:

“Investigação Especial — Relatório Confidencial. São os seguintes os resultados de uma investigação sobre Ryuji Tsukazaki, tal como determinada pela cliente.

“Um: detalhes, tal como indicado: folha corrida, relações com mulheres etc. Os detalhes da história pessoal do investigado coincidem precisamente com as informações de que dispõe a cliente. A mãe, Masako, morreu quando o investigado tinha dez anos. O pai, Hajime, era funcionário do governo em Tóquio. Não voltou a casar-se depois da morte da esposa, dedicando-se à criação e educação de seu único filho. A casa da família foi destruída num bombardeio aéreo em março de 1945. A irmã do investigado, Yoshiko, morreu de tifo em maio daquele mesmo ano. O investigado formou-se na academia de marinha mercante...”

— O relatório vai por aí afora. Não é terrível a redação? Vou pular um pouco: “... quanto às relações do investigado com as mulheres, ele não está, no momento, envolvido com nenhuma, nem há indicação de que tenha jamais coabitado com uma mulher, ou mesmo mantido um caso prolongado ou significativo...”

— Isso diz tudo, você não acha?

“... embora o investigado demonstre tendências levemente excêntricas, é cuidadoso em relação ao seu trabalho, muito responsável e muito saudável: nunca teve uma enfermidade séria. Os resultados da investigação até agora não mostram nenhum caso de enfermidade mental ou outras doenças hereditárias na família próxima...”

— Há uma outra coisa — continuou Fusako. — Ah, aqui está: “O investigado não tem dívidas; nunca tomou empréstimos sobre seu salário, nem teve débitos para com seu empregador. Todos os indícios são de uma situação financeira impecável. O investigado, ao que se sabe, prefere a solidão à vida social e nunca se sentiu bem em contatos sociais; dessa maneira, nem sempre

se deu bem com os colegas ...”

— Enquanto nós nos dermos bem, é o que importa. Ah, alguém à porta? Vou me despedir, então. Queria apenas agradecer-lhe por ter sido tão gentil, estou realmente muito agradecida. Espero que nos vejamos novamente na loja, dentro em breve... Ryuji? Sim, ele tem vindo todos os dias desde a semana passada, tal como você sugeriu. Você sabe, está começando a tomar conhecimento do trabalho. Você o conhecerá, da próxima vez que vier... sim... sim. E muito obrigada, novamente. Adeus.

Capítulo Quatro

A escola reabriu no dia onze, mas as aulas terminaram ao meio-dia. O grupo não se havia reunido durante os feriados. O chefe nem mesmo estava na cidade: seus pais o haviam arrastado para uma viagem de turismo a Kyoto e Nara. Novamente juntos, eles resolveram, depois de almoçar na escola, que a ponta do píer Yamashita, sempre deserta, seria um bom lugar de reunião.

— Vocês provavelmente pensam que ali faz muito frio. Toda gente pensa, mas é um engano — anunciou o chefe. — Há uma boa proteção contra o vento. Vocês verão, quando chegarmos lá.

Desde o meio-dia que o sol estava carregado e esfriava. O vento norte, soprando sobre eles quando caminhavam ao longo do píer, queimava como um fogo gelado.

As obras na parte da praia que se descobria com a maré baixa haviam terminado, mas uma das novas docas ainda estava sendo construída. O mar ondulava, cinzento; três boias, lavadas por intermináveis ondas, subiam e desciam. Os únicos objetos distantes na escura selva de fábricas do outro lado da baía eram as cinco chaminés de uma usina de eletricidade; uma fumaça amarelada e repulsiva acumulava-se acima da linha imprecisa dos telhados das fábricas. Para além, bem mais à esquerda da doca, os dois faróis quadrados e baixos, vermelho-e-branco, que formavam a entrada do porto, pareciam dali uma única coluna.

Atracado na doca, em frente do barracão à direita deles, estava um cargueiro de cinco ou seis toneladas, muito malconservado, com uma bandeira cinzenta caindo na popa. No extremo mais distante do barracão, numa posição que não podiam ver, estava um navio estrangeiro, provavelmente ancorado. Seus belos mastros brancos, que se elevavam acima do barracão, balançavam — o único movimento brilhante no cenário sombrio.

Viram imediatamente o que constituía a proteção contra o vento de que falara o chefe. Amontoados desde o barracão até a beira do mar, havia uma grande quantidade de caixotes de cor verde e prateada, cada qual podendo acomodar uma vaca pequena. Eram de condensado, envoltos em resistentes fitas de aço e marcados com os nomes de exportadores estrangeiros. Havia sido abandonados no píer.

Com gritos de satisfação, os meninos correram para os caixotes e começaram uma alucinada busca, passando entre eles e saltando de um para o outro, ou perseguindo-se entre as fileiras desordenadas. Estavam todos suando

quando o chefe descobriu, bem no centro daquela aldeia de caixas, um grande caixote ao seu gosto: dois lados haviam caído, mas a fita de aço estava ainda intacta e o conteúdo havia sido totalmente removido, não ficando nem mesmo os calços de madeira.

Gritando numa voz estridente, o chefe reuniu ali dentro o bando até então disperso. Três deles sentaram-se no chão, três ficaram nos cantos, os braços descansando na fita de aço. Sentiam-se como se o seu estranho veículo estivesse na iminência de ser levantado no braço de um guindaste e levado para o carregado céu de inverno.

As paredes de compensado estavam cheias de inscrições, e eles leram cada uma delas, em voz alta: VAMOS NOS ENCONTRAR NO PARQUE YAMASHITA — ESQUECER TUDO E TENTAR NOS DIVERTIR UM POUCO... Como pares de versos num poema clássico, cada linha era uma inteligente deformação das esperanças e sonhos da linha anterior: PRECISAMOS AMAR, AMIGO — ESQUEÇA AS MULHERES, QUEM PRECISA DELAS? NÃO SE ESQUEÇA NUNCA DO SEU SONHO — TENHO UMA CICATRIZ NEGRA NO MEU CORAÇÃO AZUL, AZUL... De um canto espreitava a alma trêmula de um marinheiro jovem: MUDEI, SOU UM HOMEM NOVO. Um cargueiro desenhado em negro lançava quatro setas: a da esquerda dizia YOKOHAMA, a da direita NOVA IORQUE; a terceira seta aspirava ao CÉU e a última mergulhava no INFERNO. Escritas em maiúsculas latinas e enfatizadas com um círculo estavam as palavras TODOS ESQUECEM, e havia o autorretrato de um marinheiro com olhos sofridos, usando uma japona com o colarinho virado para cima e fumando um cachimbo de marujo. A história falava da solidão e dos anseios do marinheiro, e era contada num tom de importância e de melancolia esmagadora. Demasiado típica para ser verdadeira. Um triste exagero de suas qualificações, para sonhar a seu próprio respeito.

— Essas bobagens não passam de mentiras — disse o chefe, irritado. Fechando a mão branca e impotente, ele esmurrou a parede de compensado. Sua pequena mão era um símbolo de desespero para todos os meninos. Agora, eram rejeitados até mesmo pelas mentiras. Mas não havia o chefe dito certa vez que havia um rótulo chamado “impossibilidade” pregado em todo o mundo, que eles eram os únicos que podiam arrancá-lo, de uma vez por todas?

— O que tem feito o seu herói, desde a última vez que nos reunimos? Bem, número três? Há informações de que ele voltou...

O chefe sentiu que todos os olhos se voltavam para ele, e sua voz era fria, venenosa. Enquanto falava, tirou do bolso do sobretudo um par de luvas de couro e, enfiando nelas os dedos, dobrou os punhos apenas o suficiente para que se visse o forro acolchoado, de um vermelho-vivo.

— Ele voltou — admitiu Noboru, preferindo que o assunto não tivesse sido mencionado.

— E então? Ele fez alguma coisa *sensacional* durante sua última viagem?

— Bem... sim! Ele enfrentou um furacão nas Caraíbas.

— Ah, foi? E suponho que ficou ensopado como um rato afogado? Como daquela vez que tomou um banho na torneira do parque?

Todos riram, e continuaram a rir. Noboru sabia que estava sendo ridicularizado, mas recuperou rapidamente seu orgulho e conseguiu fazer um relato das atividades de Ryuji como se estivesse descrevendo os hábitos de um inseto.

O marinheiro havia permanecido em casa, sem nada fazer, até o dia sete. Quando Noboru ficou sabendo que o *Rakuyo* havia partido no dia cinco, ficou espantado. Aquele homem, tão ligado à existência do *Rakuyo*, tão inseparavelmente parte do brilho decrescente de um navio, separara-se daquele belo conjunto, banira voluntariamente de seu sonho os fantasmas dos navios e o mar!

Naturalmente, Noboru manteve-se próximo de Ryuji durante os feriados e ouviu histórias intermináveis de mar, adquirindo um conhecimento de navegação que nenhum dos seus companheiros podia acompanhar. Mas o que desejava não era esse conhecimento, e sim a gota verde que o marinheiro deixaria para trás quando, algum dia, no meio de uma história, se levantasse, agitado, e corresse novamente para o mar.

Os fantasmas do mar e navios e das viagens oceânicas só existiam naquela brilhante gota verde. Mas a cada novo dia, algum dos repulsivos cheiros da rotina da terra se colava ao marinheiro: o cheiro de casa, o cheiro dos vizinhos, o cheiro da paz, os cheiros do peixe frito e das brincadeiras e dos móveis que nunca se mexiam, o cheiro dos livros de contabilidade da casa e das excursões de fim de semana... Todos os odores pútridos de que fediam os homens da terra, o cheiro da morte.

Tiveram início os projetos trabalhosos: Ryuji lia os romances tolos e os livros de arte recomendados por Fusako, estudava conversação inglesa, uma aula por noite na televisão, e um texto sem termos náuticos; ouvia Fusako falar de problemas da administração da loja; aprendia a usar as roupas inglesas “elegantes” que Fusako lhe dava em excesso; mandava fazer ternos, coletes e sobretudos; e a partir do dia oito, começou a ir à loja todos os dias. Naquela primeira manhã, garboso em seu novo terno de tecido inglês que havia sido feito às pressas para estar pronto no dia, alegre, esperançoso, ansioso...

— Ansioso.

Noboru disse a palavra como se tivesse gelo na ponta da língua.

— Ansioso — imitou o número dois.

Os meninos pararam de rir, enquanto ouviam. Aos poucos, compreenderam a gravidade da situação. Parecia ser o fim de um sonho comum a todos, um futuro sombrio, desalentador. E talvez estivessem errados: talvez não houvesse nada como o irreversível final.

Por uma brecha entre dois caixotes, viram uma lancha a motor rompendo a crista branca das ondas, ao atravessar a baía. O zumbido do motor pairou sobre a água por longo tempo ainda, depois de ter o barco desaparecido.

— Número três — começou o chefe, apoiando-se languidamente na parede de compensado —, você gostaria de transformar esse marinheiro novamente num herói?

Noboru sentiu-se gelar, de súbito; agachou-se e começou a brincar com a ponta fina de seus sapatos. A resposta, quando finalmente foi dada, era evasiva:

— Mas você sabe, ele ainda guarda o quepe de marinheiro e a japona, e até mesmo o seu suéter de gola rulê, todo sujo, dobrado em seu armário. Vê-se que não quer jogá-los fora.

— Só há uma maneira de fazer dele novamente um herói — continuou o chefe, sem dar qualquer mostra de ter ouvido Noboru. — Mas ainda não lhe posso dizer qual é. Mas o momento virá, e logo.

Os outros estavam proibidos de fazer indagações, quando o chefe resolvia falar por enigmas. Mudando facilmente de assunto, ele dirigiu a conversa para si mesmo.

— Quero contar-lhes as minhas férias. Nessa viagem que fizemos, eu estava sempre com meu pessoal, de manhã à noite, como há muito tempo não acontecia. Pais! Pensem nisso, nem que seja por um minuto: eles nos fazem vomitar. Os pais são um mal em si mesmos, carregados de tudo o que há de feio no Homem.

— Não existe o bom pai, porque a função, em si mesma, é um mal. Pais rigorosos, tolerantes, os pais modernos e bonzinhos, são todos ruins. Eles obstruem o caminho do nosso progresso, ao mesmo tempo em que tentam nos esmagar com os seus complexos de inferioridade, e suas aspirações não realizadas, e seus ideais, as fraquezas que nunca confessaram a ninguém, os pecados, e seus sonhos açucarados, as máximas que nunca tiveram coragem de seguir... Eles gostariam de descarregar todo esse lixo em cima de nós, todo! Até mesmo o mais negligente dos pais, como o meu, não é diferente. Suas consciências os incomodam porque nunca deram atenção aos filhos e querem que estes compreendam como sofrem por isso — querem que tenhamos simpatia com esse sofrimento!

“No Ano-Novo fomos a Arashi Yama, em Kyoto, e ao atravessarmos a Ponte das Luas fiz ao meu velho uma pergunta: ‘Papai, há alguma finalidade

na vida?’ Vocês entendem o que eu estava querendo dizer, realmente? *Papai, você pode me dar uma única razão pela qual continua vivendo? Não seria melhor desaparecer o mais depressa possível?* Mas uma insinuação assim não atinge nunca um homem como ele. Olhou-me, surpreso, os olhos se arregalaram. Tenho ódio dessa ridícula surpresa dos adultos. E quando finalmente respondeu, o que acham que disse? ‘Meu filho, ninguém pode lhe dizer qual o sentido da vida; você tem de criar o seu próprio sentido.’

“Que moral estúpida e vulgar! Ele apenas apertou um botão e lá vem uma coisa que acredita que os pais devam dizer. E vocês já viram os olhos de um pai, num momento como esse? Eles desconfiam de qualquer coisa criativa, estão ansiosos em reduzir o mundo a alguma coisa pequena, que possam manipular. O pai é uma máquina de esconder a realidade, uma máquina de produzir frases para as crianças, e pior ainda: secretamente, ele acredita que tais frases representam a realidade.

“Os pais são as moscas deste mundo. Eles voam por sobre as nossas cabeças, esperando uma oportunidade, e quando vêem alguma coisa podre, vêm zumbindo e mergulham nela. Moscas sujas e asquerosas, anunciando para todo o mundo que treparam com as nossas mães. E não há nada que não façam para contaminar nossa liberdade e nossa capacidade. Nada que não façam para proteger as imundas cidades que construíram para si.”

— Meu velho ainda não quer comprar um fuzil de ar para mim — murmurou o número dois, com os braços em volta dos joelhos.

— E nunca vai comprar. Mas já é tempo que você compreenda que o pai que compra o fuzil de ar é tão ruim como o que se recusa a isso.

— Meu pai me bateu novamente ontem. É a terceira vez, desde o Ano-Novo.

— Bateu? — repetiu Noboru, horrorizado.

— Ele me dá tapas no rosto. E às vezes, até mesmo socos.

— E por que você não faz alguma coisa?

— Porque não sou bastante forte para enfrentá-lo.

— Então você devia... por que você não...

O rosto de Noboru estava muito vermelho e ele falava muito alto:

— ... passa cianureto na torrada dele, ou qualquer coisa assim?

— Há coisas piores do que ser espancado.

O fino lábio superior do chefe contraiu-se.

— Há muita coisa pior do que isso, mas você não sabe. Você tem sorte. Quando seu pai morreu, você transformou-se num caso especial. Mas tem de conhecer o mal do mundo, também. Sem isso, jamais terá o verdadeiro poder.

— Meu pai sempre chega em casa bêbedo e briga com minha mãe — disse o número quatro. — E quando eu a defendi, certa vez, ele ficou branco

como um lençol, riu e disse: “Não se meta. Você quer acabar com o prazer de sua mãe?” Mas desta vez tenho algo contra ele. Ele tem três amantes.

— Tudo o que meu pai faz é rezar a Deus — disse o número cinco.

Noboru perguntou para que rezava.

— Bem, pela segurança da família, pela paz na terra, pela prosperidade, coisas assim. Ele acha que somos uma família-modelo, ou quase. O pior é que ele conseguiu convencer minha velha da mesma coisa. Toda a casa é um brinco, e todos devem ser honestos, impregnados daquilo que ele chama de “o bem”. Deixamos até comida para os camundongos, para que não tenham de pecar, roubando. E vocês sabem o que acontece depois do jantar? Todos se inclinam e lambem o prato até ficar limpo, para que não se perca nada da graça de Deus.

— Seu pai obriga você a fazer isso, também?

— Ele nunca me *obriga* a fazer alguma coisa. Ele começa a fazer isso, sozinho, e todos os outros têm o hábito de imitá-lo... Você realmente tem sorte, Noboru. Você devia ser grato.

Noboru envergonhava-se de sua imunidade aos germes que atacavam os outros, mas ao mesmo tempo tremia ante a fragilidade de sua boa sorte ocasional. Uma providência cujo nome desconhecia o isentara do mal. Sua pureza era tão fugaz quanto a lua nova. Sua inocência havia criado uma rede complicada de sensores estendidos sobre o mundo, mas o que aconteceria, quando se consumissem? Quando perderia o mundo a sua vastidão, e o apertaria numa camisa-de-força? Sabia que esse dia não estava muito distante, e naquele momento mesmo podia sentir uma coragem lunática crescendo no peito...

O chefe voltara o rosto para não encarar Noboru. Estava olhando por uma fresta estreita do caixote as evoluções da fumaça e das nuvens acima do mar cinzento. Mordia, com dentes pequenos, agudos e brilhantes, o forro vermelho de suas luvas de couro.

Capítulo Cinco

A atitude de sua mãe modificou-se. Passou a ser mais afetuosa, dedicando mais tempo ao cuidado de suas necessidades. Era óbvio que se tratava do prelúdio a alguma coisa que ele teria dificuldade de aceitar.

Uma noite, Noboru já se havia despedido e ia subir para seu quarto quando Fusako o acompanhou, levando a chave na mão, e dizendo:

— A chave! Quase esqueci a chave!

Noboru sentiu que havia nisso alguma coisa de falso. Ela sempre subia com ele para trancar a porta do quarto, e algumas vezes estava alegre, outras não, mas aquela era a primeira vez que fazia menção à chave.

E então Ryuji, sentado na sala de estar vestindo um roupão marrom quadriculado e lendo um livro chamado *A Realidade do Merchandising*, olhou como se tivesse ouvido as palavras de Fusako, e chamou-a.

— Sim, Ryuji? — disse ela, e voltou-se, na escada. Noboru arrepiou-se com o tom adocicado de sua voz.

— Você não acha que é tempo de deixar de trancar a porta do rapaz? Afinal de contas, Noboru não é mais criança e sabe o que deve ou não deve fazer. Não é mesmo, Noboru?

A voz forte que vinha da sala de estar subia a escada. No alto e no escuro, Noboru ficou congelado como um animal à espreita, silencioso, os olhos brilhando. Fusako, que mantinha uma atitude de suavidade, tão lisa quanto o óleo, nem mesmo o repreendeu por não ter respondido.

— Bem, acho que conheço alguém que vai ficar satisfeito, por aqui — disse ela, ao acompanhá-lo ao quarto. Examinou os livros sobre a mesa, comparando-os com os horários de aula do dia seguinte e examinou a ponta dos lápis. Ryuji o vinha ajudando nos exercícios de matemática, todas as noites, e suas notas haviam melhorado. O corpo de Fusako, ao andar pelo quarto colocando as coisas em ordem, parecia tão excepcionalmente leve e seus movimentos tão suaves que era como observar uma dança submarina. Finalmente, ela disse boa noite e saiu. O ruído, há tanto tempo familiar, da chave na fechadura, não se fez ouvir.

Tão logo se viu só, Noboru sentiu-se constrangido. Havia percebido a encenação. Mas não se sentia reconfortado por ela.

Era uma armadilha, uma armadilha para coelhos. Os adultos esperavam que a raiva do animal cativo e os cheiros familiares de sua toca se transformassem na resignação e tolerância de uma criatura que se prendeu a si

mesma. Uma armadilha medonhamente sutil: o coelho, apanhado, já não era um coelho.

Sua inquietação por estar num quarto não trancado provocou-lhe calafrios, mesmo depois de ter abotoado o pijama até o pescoço. Estavam começando a sua educação, uma educação terrível, destrutiva. Tentando impor *maturidade* num menino de treze anos. *Maturidade* ou, como diria o chefe, *perversão*. O cérebro febril de Noboru perseguia uma impossibilidade: *Não haverá um meio pelo qual eu possa continuar no quarto e, ao mesmo tempo, estar no corredor, trancando a porta?*

Poucos dias depois, ao voltar da escola, encontrou Ryuji e Fusako vestidos para a noite; disseram-lhe que iam todos ao cinema, ver um filme espetacular em 70 mm, que Noboru vinha querendo assistir, e ele ficou muito contente.

Depois do cinema, foram a um restaurante no bairro chinês e jantaram numa saleta reservada, no andar superior. Noboru gostava da comida chinesa; agradava-lhe a bandeja de madeira cheia de pratos, que girava e girava no centro da mesa.

Quando as comidas chegaram à mesa, Ryuji fez sinal a Fusako, com os olhos. Tudo indicava que ela não estava preparada para enfrentar aquele momento sóbria: tomara antes o vinho chinês Lao-chu e seus olhos já estavam um pouco avermelhados.

Noboru não havia recebido nunca um tratamento tão cordial dos adultos, nem os vira hesitar de maneira tão ridícula, em sua presença. Parecia-lhe presenciar um ritual especial dos adultos. Sabia o que iam dizer e estava pouco interessado. Mas gostou de ficar observando a maneira pela qual o tratavam, como se fosse um passarinho frágil, atemorizável e ignorante — era realmente um espetáculo. Havia colocado o terno passarinho, asas baixas, numa bandeja, e pareciam agora estar procurando uma maneira de comer-lhe o coração sem provocar sofrimento.

Noboru não fazia, na realidade, objeções à imagem agradável dele mesmo, que, como sabia, Ryuji e sua mãe haviam criado na imaginação. Precisava, apenas, de ter cuidado para parecer a vítima.

— Noboru, meu querido, quero que ouça cuidadosamente o que a mamãe vai dizer, porque é muito importante — começou Fusako finalmente. — Você vai ter novamente um pai. O Sr. Tsukazaki vai ser o seu novo pai.

Noboru conseguiu manter, enquanto ouvia, um rosto inexpressivo, e tinha a certeza de que aparentava uma desorientação total. Até ali, tudo bem. Mas não esperava o inacreditável absurdo que se seguiu:

— Seu pai de verdade era um homem maravilhoso. Você tinha oito anos quando ele morreu, e portanto deve recordar-se dele, e sentir saudades. Mas

não pode imaginar como a mamãe tem vivido sozinha nestes últimos cinco anos, e sei que também você se sentiu só. E deve ter pensado muitas vezes que nós dois precisávamos de um novo papai. Quero que você compreenda, meu querido, o quanto eu desejei um pai forte, gentil, maravilhoso, para nós dois. E encontrá-lo foi ainda mais difícil porque o seu pai era um homem tão bom, tão sincero. Mas você está grande, agora, e sei que compreenderá: como esses cinco anos foram difíceis e solitários, com nós dois apenas...

Tirou um lenço importado da bolsa e começou a chorar: era realmente uma cena muito idiota.

— Tudo o que fiz foi por você, meu querido — tudo. Não há no mundo outro homem tão forte, gentil e maravilhoso, sob todos os aspectos, quanto o Sr. Tsukazaki. Noboru, quero que você o chame agora de pai. Nós vamos nos casar em princípios do mês que vem e convidaremos muitos amigos e teremos uma ótima festa.

Ryuji afastara os olhos do rosto impassível de Noboru e ocupava-se bebendo, colocando açúcar cristal no vinho Lao-chu, mexendo-se, virando o copo e servindo-se novamente. Tinha medo de parecer impudente ao menino.

Noboru sabia que lhe tinham, ao mesmo tempo, temor e piedade, e a ameaça disfarçada lhe provocava uma sensação de bebedeira: quando voltou todo o gelo de seu coração para os adultos, um sorriso brincava-lhe nos cantos da boca. Não era mais do que a sombra de um sorriso, como se vê no rosto de um aluno que chega à aula despreparado, mas tão seguro quanto um homem que se atira de um penhasco; não obstante, do outro lado da mesa de fórmica vermelha, Ryuji viu o sorriso com o canto dos olhos e o agarrou. Outro mal-entendido. O sorriso que mandou de volta tinha o mesmo exagero do sorriso daquele dia no parque, quando, para intensa decepção e humilhação de Noboru, ele apareceu com uma camisa ensopada.

— É justo. Então eu não chamarei mais você de Noboru. De agora em diante, é Filho. O que me diz, Filho? Um aperto de mão com o Pai.

Ryuji colocou a mão grossa e aberta sobre a mesa; Noboru lutou para alcançá-la como se estivesse remando sob a água. Por mais que se esforçasse, os dedos de Ryuji pareciam estar fora de alcance. Por fim, suas mãos se encontraram, dedos grossos agarraram os seus, e o aperto de mãos, quente e áspero, começou. Noboru sentiu um redemoinho agarrá-lo e arrastá-lo rodopiando para o mundo tépido e sem formas que mais temia...

Naquela noite, logo que Fusako deixou o quarto do filho e fechou a porta sem trancá-la, a cabeça de Noboru começou a girar. Coração duro... coração duro: tentou repetir as palavras para si mesmo, mas isso apenas fez com que quisesse segurar em suas mãos o artigo autêntico. Duro como uma âncora de ferro...

Antes de deixar o quarto, sua mãe desligou o aquecedor a gás. Agora, frio e calor misturavam-se numa onda de ar tépido. Se conseguisse escovar os dentes, vestir o pijama às pressas, e abrigar-se na cama, tudo estaria bem.

Mas um langor generalizado tornava difícil até mesmo tirar o pulôver de gola alta. Nunca esperou com tanta ansiedade que a mãe reaparecesse, voltasse ao seu quarto, por exemplo, para falar de alguma coisa que tivesse esquecido. Nem experimentara nunca tamanho desprezo por ela.

Aguardou, num frio que ia aumentando aos poucos. Cansado de esperar, abandonou-se a uma fantasia absurda. Sua mãe havia voltado e estava gritando: *Era tudo mentira. Desculpe-me ter feito essa brincadeira com você. Perdoa-me? É claro que não vamos nos casar. Se fizéssemos uma coisa dessas, o mundo se transformaria num caos: dez cargueiros afundariam no porto, e mil trens descarrilariam; os vidros das janelas de toda a cidade se estilhaçariam e todas as rosas passariam a ser negras como o carvão.*

Mas ela não veio, e finalmente Noboru imaginou uma situação na qual a sua volta significaria um verdadeiro problema. Já não podia distinguir entre causa e efeito: possivelmente esse desejo irracional da mãe devia-se ao desejo de feri-la, mesmo que tivesse de sofrer também com isso.

A coragem que o impulsionava agora era atemorizadora: suas mãos começaram a tremer. Não havia mexido na cômoda desde a noite em que Fusako cessara de trancar a porta. Havia uma razão: pouco depois da volta de Ryuji, na manhã do dia 50 de dezembro, ele os observou pelo buraco e conseguiu ver a fusão progressiva das formas até o clímax estonteante; mas o perigo de enfiar-se dentro da cômoda, à luz do dia, sem que a porta estivesse sequer trancada, não o estimulava a repetir a aventura, arriscando-se novamente.

Agora, porém, sentia-se disposto a invocar maldições e ansiava por uma pequena revolução. Se era realmente um gênio e o mundo apenas um vazio, então por que não teria a capacidade de prová-lo? Teria apenas de abrir uma pequena fissura na brilhante xícara de um mundo no qual os adultos acreditavam.

Noboru correu à cômoda e agarrou o puxador. Habitualmente, ele retirava a gaveta o mais silenciosamente possível, mas desta vez arrancou-a e deixou-a cair no chão. Depois, ficou parado, escutando. Nenhum som em resposta, em parte alguma da casa, nada de passos na escada, nada. O silêncio afogava tudo, exceto o bater no seu peito.

Olhou o relógio. Eram apenas dez horas. E então uma ideia estranha tomou forma em sua cabeça: faria o dever da escola dentro da cômoda. A ironia era bela, e não haveria melhor maneira de zombar da mesquinha das suspeitas deles.

Apanhando a lanterna e algumas fichas de palavras inglesas, espremeu-se dentro da cômoda. Uma força misteriosa atrairia sua mãe para o quarto. Ela o encontraria dentro da cômoda e adivinharia a razão. Vergonha e raiva a inflamariam. Haveria de arrastá-lo da cômoda e estapeá-lo no rosto; e então ele lhe mostraria as fichas e protestaria, com o olhar inocente de um cordeiro: “Mas o que fiz de mal? Eu estava apenas estudando. É mais fácil concentrar-se num espaço pequeno...” Parou, imaginando a cena, e riu alto, meio sufocado no ar poeirento.

No momento em que se apertou dentro da cômoda, sentiu-se novamente calmo. O tremor e a agitação pareciam, agora, quase engraçados. Teve mesmo a impressão de que conseguiria estudar bem. Não que isso fosse realmente importante: havia chegado ao outro lado do mundo; enquanto estivesse ali, Noboru estava em contato com o mundo nu. Não importava: por mais longe que fosse, era impossível ir além daquele ponto.

Dobrando os braços no espaço apertado, começou a ler as fichas à luz da lanterna.

abandon

Essa palavra já era uma velha amiga: conhecia-a bem.

ability

Seria diferente de *gênio*?

aboard

Um navio, outra vez; lembrou-se do alto-falante soando no convés no dia em que Ryuji partiu. E depois a sirene colossal, dourada, como uma proclamação de desespero.

absence

absolute

Nem mesmo apagou a lanterna, afundando, antes de tomar conhecimento disso, no sono.

Era quase meia-noite quando Ryuji e Fusako subiram para o quarto. A comunicação feita durante o jantar aliviara-os de um grande peso e sentiam que uma nova fase estava começando.

Mas quando foi o momento de irem para a cama, uma vergonha estranha apossou-se de Fusako. Durante toda a noite havia discutido assuntos importantes, tocado demoradamente nas emoções do parentesco, e agora, além

de um sentimento profundo de calma e alívio, sentia-se embaraçada na presença de alguma coisa que não sabia bem o que era, alguma coisa inexplicavelmente sagrada.

Vestindo um *negligé* preto de que Ryuji gostava, Fusako deitou-se e, desprezando pela primeira vez a preferência dele por um quarto profusamente iluminado, pediu-lhe que apagasse todas as luzes. Ele a abraçou no escuro.

Quando terminaram, Fusako disse:

— Achei que não me sentiria envergonhada se todas as luzes estivessem apagadas, mas foi o contrário. A escuridão transforma-se num olho enorme e eu me sinto como se estivesse sendo observada durante todo o tempo.

Ryuji riu do nervosismo dela, e olhou à volta do quarto. As cortinas das janelas vedavam qualquer luz da rua. O aquecedor a gás, aceso num canto, lançava um reflexo pálido de uma luz azulada. Era como o céu noturno acima de uma cidade pequena e distante. O brilho leve das colunas de bronze da cama tremeluzia na escuridão.

E então os olhos de Ryuji caíram no revestimento da parede do quarto contíguo. De um ponto da madeira trabalhada um fio tênue de luz penetrava a escuridão.

— O que será aquilo? — murmurou. — Você acha que Noboru está ainda acordado? Esta casa está precisando de reforma. Pela manhã, vou tapar aquele buraco.

Como a serpente que se enrosca para o salto, Fusako levantou o branco pescoço nu da cama e olhou, através da escuridão, para o ponto luminoso. Compreendeu com uma rapidez terrível. Um movimento a projetou fora da cama e para dentro de um roupão; depois, saiu correndo do quarto, sem uma palavra. Ryuji a chamou, mas não teve resposta.

Ouviu a porta do quarto de Noboru sendo aberta. Silêncio. Um som abafado, que poderia ser Fusako chorando: Ryuji deixou a cama. Caminhou pelo quarto às escuras, tentando decidir se deveria ir logo, ou esperar; e, finalmente, sentou-se no sofá perto da janela e acendeu um cigarro.

Noboru começou a acordar quando alguma coisa terrivelmente forte o arrancou de dentro da cômoda pelos fundilhos das calças. Por um minuto, não compreendeu o que havia acontecido. As mãos esguias e leves de sua mãe caíam-lhe sobre o nariz, os lábios, a boca e ele não conseguia manter os olhos abertos. Era a primeira vez que ela o espancava.

Ficou quase prostrado no chão, uma das pernas em meio a uma confusão de camisas e roupas de baixo espalhadas quando tropeçaram na gaveta. Jamais imaginou que sua mãe pudesse ter tamanha força.

Conseguiu, finalmente, olhar para a figura ofegante que o olhava do alto.

Seu roupão azul-escuro estava aberto, os contornos carnudos de suas

pernas pareciam grotescamente maciços e ameaçadores. Agigantando-se sobre o tronco que desaparecia gradualmente, seu rosto, ofegante, marcado pela dor, se havia tornado horrivelmente velho num instante, e inundado de lágrimas. A lâmpada no teto distante colocava um halo lunático em volta de seus cabelos despenteados.

Noboru percebeu tudo isso num só olhar, e no fundo de seu cérebro gelado uma lembrança acordou: era como se tivesse participado desse mesmo momento, há longo tempo. Esta, sem dúvida, era a cena do castigo que havia visto tantas vezes em seus sonhos.

Sua mãe começou a soluçar e, ainda olhando para ele através das lágrimas, gritou, numa voz que ele mal podia compreender:

— É humilhante! É tão humilhante! Meu próprio filho, uma coisa imunda e repulsiva como isso... Ah, quem me dera morrer agora! Ah, Noboru, como você pôde fazer isso comigo!

Para surpresa sua, Noboru descobriu ter perdido todo o desejo de protestar que estava estudando inglês. Isso não fazia, agora, nenhuma diferença. Evidentemente, sua mãe não estava enganada; e havia encontrado a “realidade”, coisa que temia mais do que sanguessugas. Num certo sentido, isso os colocava agora num pé de igualdade maior do que nunca: era quase uma empatia. Apertando o rosto avermelhado e ardente com as mãos, Noboru resolveu observar cuidadosamente como uma pessoa que se aproximara tanto podia, num instante fugaz, fugir para uma distância inalcançável. Não foi, evidentemente, a descoberta da própria realidade que lhe provocou indignação e dor: Noboru sabia que a vergonha e o desespero de sua mãe vinham de um preconceito. Ela havia interpretado rapidamente a realidade, e como essa interpretação banal era a causa de toda a sua agitação, nenhuma desculpa, mesmo inteligente, teria qualquer utilidade.

— Isso está acima de minhas forças — disse Fusako finalmente, numa voz cuja tranquilidade era um mau presságio. — Um menino terrível como você é demais para mim... Espere um minuto! Vou pedir ao seu Pai que o castigue de uma maneira que você não volte a pensar nisso outra vez.

Esperava, evidentemente, que a ameaça levasse Noboru a chorar e a pedir perdão.

E então sua decisão fraquejou; pela primeira vez, pensou em adiar para mais tarde o problema. Se conseguisse fazer com que Noboru se desculpasse antes que Ryuji entrasse no quarto, poderia esconder dele os detalhes e preservar seu orgulho de mãe. Portanto, as lágrimas e as desculpas teriam de ocorrer logo; mas não lhe era possível sugerir que mãe e filho conspirassem para resolver o problema, pois havia ameaçado com o castigo do pai. Podia, apenas, esperar em silêncio.

Mas Noboru não disse uma palavra. Estava interessado apenas no destino final da grande locomotiva que entrara em movimento. Naquele buraco escuro dentro da cômoda, ele havia atingido o limite mais extremo deste mundo, na orla dos mares e dos desertos. E porque ali todas as coisas tinham vida, porque ele tinha de ser castigado por estar ali, não podia voltar às cidades tépidas dos homens, nem baixar o rosto para os seus relvados tímidos de lágrimas. Ao juramento que havia feito àquele belo pináculo da humanidade, envolto no rugir daquela sirene, feito aos brilhantes representantes da ordem que vira pelo buraco da parede naquela noite de verão, jamais poderia faltar.

A porta abriu-se, de maneira hesitante, e Ryuji olhou.

Fusako compreendeu que ela e o filho haviam perdido uma oportunidade, e a raiva cresceu outra vez dentro dela. Ryuji deveria ter ficado de fora, ou deveria ter entrado com ela no quarto, desde o começo.

Irritada pelo inoportuno aparecimento de Ryuji, e lutando para dominar seus sentimentos, Fusako ficou ainda mais furiosa com Noboru do que antes.

— Você me pode dizer o que está acontecendo aqui? — perguntou Ryuji, entrando no quarto.

— Quero que você o castigue, pai. Se este menino não for devidamente castigado, o mal que existe nele só poderá agravar-se. Ele nos estava espionando por um buraco na parede, atrás da cômoda.

— Isso é verdade, filho?

Não havia raiva na voz de Ryuji.

Ainda deitado no chão, as pernas estendidas à sua frente, Noboru fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Compreendo... Bem, suponho que a ideia lhe ocorreu de repente e você experimentou colocá-la em prática, esta noite?

Noboru sacudiu a cabeça enfaticamente.

— Ah, não? Então você já fez isso uma ou duas vezes talvez, anteriormente?

Noboru sacudiu novamente a cabeça.

— Então, você vem fazendo isso desde o princípio?

Vendo o menino acenar ainda uma vez, Fusako e Ryuji trocaram olhares involuntários. Noboru teve uma visão agradável da luz do olhar dos adultos que iluminava a vida em terra, sonhada por Ryuji, e a integridade da família almejada por Fusako, e que desmoronavam ruidosamente, fazendo-se pó — mas sua excitação o levou a exagerar o poder de sua imaginação. Esperava uma reação apaixonada.

— Compreendo.

Foi tudo o que Ryuji disse, as mãos enfiadas nos bolsos do roupão. Suas pernas cabeludas estavam bem em frente do rosto de Noboru.

E então Ryuji foi obrigado a tomar uma decisão de pai, a primeira em sua vida em terra a que era forçado. Mas a lembrança da fúria do mar temperava-lhe as noções críticas da terra e dos habitantes da terra com uma moderação incomum, e sua abordagem instintiva dos problemas era, portanto, deformada. Seria muito fácil bater no garoto, mas um futuro difícil o esperava. Teria de receber o amor deles com dignidade, livrá-los dos dilemas cotidianos, equilibrar a contabilidade diária; esperava-se, de uma maneira vaga e geral, que ele compreendesse os sentimentos incompreensíveis da mãe e do filho, e se transformasse num mestre infalível, percebendo as causas de uma situação, mesmo que fossem tão difíceis de perceber como naquele caso: não se tratava, ali, de uma ventania oceânica, mas da brisa gentil que sopra incessantemente sobre a terra.

Embora Ryuji não o compreendesse, a influência distante do mar fazia-se sentir novamente sobre ele: era incapaz de distinguir os sentimentos mais exaltados dos mais mesquinhos, e suspeitava que coisas essencialmente importantes não ocorrem em terra. Por mais que tentasse chegar a uma decisão realista, os assuntos de terra continuavam impregnados dos tons da fantasia.

Em primeiro lugar, seria um erro interpretar literalmente o pedido de Fusako, de que castigasse Noboru. Mais cedo ou mais tarde, sabia que ela se sentiria grata pela sua tolerância. Além disso, Ryuji acreditava nos instintos paternos. Apressou-se a banir da mente uma preocupação que fosse apenas um dever para com esse menino reticente e precoce, enfadonho, esse menino a quem não amava realmente; conseguiu convencer-se de que sentia uma afeição verdadeiramente paternal. Além disso, parecia-lhe estar descobrindo essa emoção pela primeira vez, e surpreendia-se com o caráter imprevisível de suas afeições.

— Compreendo — disse novamente, sentando-se lentamente no chão e cruzando as pernas.

“Você, mãe, sente-se também. Estive pensando e Noboru não me parece ser o único culpado do que aconteceu. Quando cheguei a esta casa, filho, também a sua vida modificou-se. Não que eu não tivesse o direito de vir, mas a sua vida *realmente* mudou, e é natural a um menino na escola secundária ter curiosidade em relação às mudanças em sua vida. O que você fez está errado, não há dúvida quanto a isso, mas de agora em diante quero que você dirija essa curiosidade para o seu trabalho escolar, compreende?”

“Você nada tem a dizer em relação ao que viu. E nada a perguntar. Você não é mais uma criança e algum dia poderemos rir juntos e conversar sobre o que aconteceu aqui, como três adultos. Mamãe, quero que você se acalme, também. Vamos esquecer o passado e enfrentar o futuro de mãos dadas, sentindo-nos felizes. Vou tapar aquele buraco pela manhã e então poderemos

todos esquecer esta noite desagradável. Está bem? O que diz você, Noboru?”

Noboru ouvia, sentindo-se sufocar. *Poderá este homem estar dizendo tais coisas? Este herói esplêndido que certa vez brilhou tanto?*

Cada palavra queimava como fogo. Queria gritar, como sua mãe havia gritado: *Como pôde fazer isso comigo?* O marinheiro dizia coisas que nunca deveria ter dito. Coisas ignóbeis, num tom adulator, meloso, palavras manchadas que não deveriam ter saído dos seus lábios até o dia do juízo final, palavras como as que os homens devem resmungar em covis fedorentos. E falava com orgulho, pois acreditava em si mesmo, estava satisfeito com o papel de pai que se apresentara para desempenhar.

Ele está satisfeito. Noboru sentiu nojo. Amanhã, as mãos abjetas de Ryuji, as mãos de um pai fazendo carpintaria numa tarde de domingo, selariam para sempre o estreito acesso àquele brilho sobrenatural que ele próprio revelara, certa vez.

— Está bem? O que diz, filho?

Ryuji concluiu, colocando a mão no ombro de Noboru, que tentou libertar-se dela, sem conseguir. Pensava que o chefe tinha razão: havia coisas piores do que ser espancado.

Capítulo Seis

Noboru pediu ao chefe que convocasse uma reunião de emergência: ao voltarem da escola para casa, os meninos reuniram-se na piscina que ficava ao lado do cemitério dos estrangeiros.

Para chegar a ela, era necessário descer um morro íngreme com carvalhos gigantescos. No meio do caminho, pararam e contemplaram, por entre as árvores sempre-verdes, no cemitério lá embaixo: o quartzo brilhava à luz do inverno.

A partir daquela altura do morro, os túmulos e as cruzes de pedra enfileiravam-se em linhas de alturas diferentes, como uma escada, afastando-se deles. O verde pastoso do sagueiro florescia entre as sepulturas; flores de estufa colocadas à sombra das cruzes de pedra formavam pontos fulgurantes no gramado, com vermelhos e verdes absurdos.

Acima dos telhados nos vales pairava a Torre Marinha, os túmulos dos estrangeiros ficavam à direita, e num vale menor, à esquerda, a piscina os esperava. Fora da temporada de verão, a arquibancada descoberta constituía um excelente ponto de reunião.

Tropeçando em raízes de árvores, que cresciam como negros vasos sanguíneos protuberantes na face da encosta, os meninos desceram o morro aos trambolhões e chegaram à trilha de grama murcha que levava até as sempre-verdes em volta da piscina, vazia e muito silenciosa. A pintura azul do fundo estava descascando, e películas secas se haviam amontoado nos cantos. A escada de aço azul terminava muito antes do fundo. Arrastando-se para o oeste, agora, o sol ocultara-se atrás dos rochedos que fechavam o vale como biombos dobráveis: as sombras já haviam atingido o fundo da piscina.

Noboru atrasou-se em relação aos outros: ainda podia ver, na lembrança, a parte posterior de todas aquelas intermináveis sepulturas de estrangeiros — túmulos e cruzes voltados na direção oposta à que ele se encontrava. E como seria chamado aquele lugar atrás do cemitério, o lugar em que estavam?

Sentaram-se nos degraus de concreto escuro da arquibancada, formando um quadrado. Noboru tirou de sua pasta um fino caderno de notas e o entregou ao chefe, sem uma palavra. Escritas na capa, num vermelho agressivo, estavam as palavras: “Acusações contra Ryuji Tsukazaki.”

Esticando o pescoço para ver, os meninos leram juntos o texto. Era um trecho do diário de Noboru: o incidente da cômoda, na noite anterior, elevava a dezoito o número de entradas.

— Isso é terrível — gemeu o chefe. — Só a última acusação vale cerca de trinta e cinco pontos. E o total — vamos ver —, mesmo calculando por baixo e atribuindo à primeira acusação cinco pontos, elas se vão agravando até o fim. Acho que o total é superior a cento e cinquenta. Eu não havia percebido que era assim tão sério. Vamos ter de agir.

Enquanto ouvia o chefe, Noboru começou a tremer, e por fim perguntou:

— Haverá alguma possibilidade de salvá-lo?

— Nenhuma. É uma pena.

Seguiu-se um longo silêncio. O chefe o interpretou como indício de falta de coragem, e começou a falar novamente, torcendo entre os dedos a folha áspera e seca que se ia pulverizando:

— Todos nós seis somos gênios. E o mundo, como sabem, é vazio. Eu já disse isso, é certo, mas vocês já refletiram cuidadosamente sobre tal questão? Isso porque fazer a suposição, baseada em tais razões, de que podemos fazer tudo o que quisermos, é preguiça mental. Na verdade, somos nós que damos autorização para que as coisas se façam. Professores, escolas, pais, sociedade — permitimos todos esses montes de lixo. E não porque somos impotentes. Dar permissão é nosso privilégio especial e se sentirmos qualquer piedade, não seremos capazes de permitir isso, impiedosamente. Podemos dizer, em resumo, que estamos permitindo, constantemente, coisas que não são permissíveis. Há poucas coisas que são realmente permissíveis: como o mar, por exemplo.

— E os navios — acrescentou Noboru.

— Certo. De qualquer modo, são poucas coisas. E se conspirarem contra nós, é exatamente como se o nosso próprio cão viesse nos morder a mão. É um insulto direto ao nosso privilégio especial.

— Nunca fizemos nada, até agora, em relação a isso — interrompeu o número um.

— Isso não significa que não o façamos nunca — respondeu prontamente o chefe, com uma voz tolerante. Voltando, porém, a Ryuji Tsukazaki, continuou: — Ele nunca significou muita coisa para o grupo como um todo, mas para o número três era uma pessoa de considerável importância. Pelo menos, dá-se a ele o crédito de ter proporcionado ao número três provas luminosas da ordem interna da vida, que mencionamos com tanta frequência. Mas traiu o número três. Tornou-se a pior coisa que pode existir na face da terra, um pai. E é preciso fazer alguma coisa. Teria sido muito melhor se tivesse continuado a ser o marinheiro inútil que era a princípio.

“Como disse antes, a vida consiste de símbolos e decisões simples. Ryuji talvez não soubesse disso, mas era um desses símbolos. Pelo menos, de acordo com o testemunho do número três, *parece* que ele era.

“Tenho certeza de que vocês todos sabem qual é o nosso dever. Quando uma engrenagem sai do lugar, temos de empurrá-la novamente para a sua posição. Se não o fizermos, a ordem se transformará em caos. Todos nós sabemos que o mundo é vazio e que o importante, a única coisa que importa, é tentar manter a ordem nesse vazio. Somos, portanto, guardas, e mais do que isso, porque também temos o poder executivo de fazer com que a ordem seja mantida.”

E o chefe concluiu muito simplesmente:

— Temos de proferir uma sentença. A longo prazo, é para o próprio bem dele. Número três! Você se lembra daquele dia no píer, quando eu disse que só havia uma maneira de fazer dele um herói novamente e que dentro em pouco eu poderia dizer-lhe o que era?

— Lembro-me — respondeu Noboru, procurando impedir que suas pernas tremessem.

— Bem, esse momento é chegado.

Os outros meninos olharam-se mutuamente, depois continuaram sentados, imóveis e silenciosos. Compreenderam a grave importância do que o chefe ia dizer.

Olharam fixamente para a piscina vazia e coberta de sombras. Linhas brancas estavam pintadas no fundo azul que descascava. As folhas secas nos cantos se haviam acumulado como poeira.

Naquele momento, a piscina tinha uma profundidade terrível. Cada vez mais profunda, como um azul aguado, a escuridão vinha subindo do fundo. O conhecimento, tão certo que chegava a ser sensório, de que não havia ali nada para sustentar um corpo, se alguém mergulhasse, criava em torno da piscina vazia uma tensão constante. Desaparecera a suave água do verão que recebia o corpo dos nadadores e o fazia flutuar levemente, mas a piscina, como um monumento ao verão e à água, perdurava, e era perigosa, mortal.

A escada de aço azul subia até a borda e descia na piscina, e, ainda longe do fundo, parava. Nada havia ali que sustentasse um corpo, absolutamente nada!

— As aulas terminam amanhã às duas horas; podemos marcar um encontro com ele aqui e depois levá-lo até ao nosso dique seco, em Sugita. Número três, cabe a você atraí-lo para cá, de alguma forma.

“Vou dar agora as instruções aos outros. Por favor, lembrem-se do que devem trazer. Eu me ocupo das pílulas soporíferas e do escalpelo. Não poderemos dominar um homem forte como ele, se não o derrubarmos primeiro. Os adultos costumam tomar uma a três pílulas daquele remédio alemão que temos em casa, portanto ele se apagará como uma lâmpada se lhe dermos umas sete. Eu vou pulverizar as pílulas, para que se dissolvam

rapidamente no chá.

“Número um, você deve trazer uma corda forte de cânhamo, de cerca de 1,80m; é melhor trazer, digamos, umas duas, três, quatro, cinco cordas desse tamanho, para não faltar. Número dois, você preparará uma garrafa térmica com chá quente e a esconderá em sua pasta. Como o número três tem a tarefa de trazê-lo até aqui, não precisa fazer mais nada. Precisaremos de açúcar e colheres, e copos de papel para nós, e um copo de plástico colorido para ele — e isso caberá a você arranjar, número quatro. O número cinco terá de trazer pano para vendá-lo e uma toalha que possamos usar como mordança.

“Cada um de vocês pode trazer o instrumento cortante que quiser, como facas, serrotes, o que preferir.

“Já praticamos o essencial no gato e isto será a mesma coisa, de modo que não há motivo para preocupações. A tarefa é um pouco maior, desta vez, e apenas isso. E talvez o mau cheiro seja pior.”

Os meninos permaneceram sentados, mudos como pedras e olhando fixamente para a piscina vazia.

— Está com medo, número um?

O número um conseguiu sacudir ligeiramente a cabeça.

— E você, número dois?

Como se sentisse frio de repente, o menino enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo.

— E o que há, número três?

Noboru sentia falta de ar, sua boca estava completamente seca como se estivesse cheia de palha: não conseguia responder.

— Era isso que eu temia. Vocês todos falam muito, mas quando chega a hora de agir, não têm coragem. Bem, talvez isso os faça sentir melhor; eu o trouxe, pensando que talvez fosse necessário.

O chefe tirou de sua pasta um manual de direito e abriu-o rapidamente na página que desejava.

— Quero que todos ouçam cuidadosamente: “Código Penal, Artigo 14”

— leu ele. — *“Atos de crianças com menos de quatorze anos de idade não são puníveis pela lei.”* Vou ler novamente, o mais alto possível: *“Atos de crianças com menos de quatorze anos de idade não são puníveis pela lei.”*

O chefe fez circular o livro de mão em mão, enquanto falava:

— Poderíamos dizer que nossos pais e a sociedade fictícia na qual acreditam aprovaram esta lei em benefício nosso. Acho que lhes deveríamos ser gratos. Esta lei é a maneira que os adultos encontraram de expressar as grandes esperanças que têm para nós. Mas representa também todos os sonhos que eles nunca foram capazes de tornar realidade. Eles fizeram a suposição de que, como se enredaram de tal maneira que não conseguem nem mexer-se, também

nós deveríamos ser impotentes; foram bastante imprudentes para nos permitir aqui, e só aqui nessa lei, uma rápida visão do céu azul e da liberdade absoluta.

“Essa lei que eles fizeram é uma espécie de história da carochinha, uma história terrivelmente mortal, eu diria. E de certa maneira isso é compreensível. Afinal de contas, até agora nos comportamos como crianças, adoráveis, indefesas e inocentes crianças.

“Mas três, entre nós, teremos quatorze anos no mês que vem, eu, o número um e você, número três. E os outros três terão quatorze anos em março. Pensem nisso, por um minuto. É a nossa última oportunidade!”

O chefe examinou detidamente o rosto de todos e viu a tensão diminuir, o medo desaparecer. Despertando pela primeira vez para a doce cordialidade da sociedade, os meninos sentiram-se seguros ao saber que seus inimigos eram, na realidade, os seus protetores.

Noboru olhou para o alto, para o céu. O azul da tarde se estava transformando nos tons cambiantes do cinzento do anoitecer. E se Ryuji tentasse, no auge da agonia de sua morte heroica, olhar para esse céu venerado? Parecia uma pena ter de colocar-lhe uma venda.

— É a nossa última oportunidade — repetiu o chefe. — Se não agirmos agora, jamais seremos capazes de obedecer ao comando supremo da liberdade, de praticar o ato essencial para encher o vazio do mundo, a menos que estejamos preparados para sacrificar nossas vidas. E vocês hão de compreender que é absurdo que os carrascos arrisquem as suas vidas. Se não agirmos agora, jamais seremos capazes de roubar novamente, ou de matar, ou de fazer qualquer das coisas que provam a liberdade do homem. Acabaremos vomitando lisonjas e maledicências, passaremos nossos dias tremendo na sujeição, nas concessões e no medo, preocupados com os vizinhos, vivendo como camundongos lamurientos. E algum dia nos casaremos, teremos filhos e finalmente seremos pais, a coisa mais vil na terra!

“Precisamos de sangue! Sangue humano! Se não o conseguirmos neste mundo vazio, empalideceremos e nos estiolaremos. Precisamos tirar o sangue fresco e vital do marinheiro e transfundi-lo para o universo agonizante, o céu agonizante, as florestas agonizantes, e para a terra esgotada e agonizante.

“Já! É este o momento! Dentro de um mês terão terminado de fazer as obras na terra que cerca a nossa doca seca, e então o lugar ficará cheio de gente. Além disso, temos quase quatorze anos.”

O chefe olhou, através de uma moldura escura de ramos de sempre-verde, para o céu de um cinzento aguado, e observou:

— Parece que amanhã será um bom dia.

Capítulo Sete

Na manhã do dia vinte e dois Fusako foi com Ryuji à prefeitura para convidar o prefeito de Yokohama a fazer o brinde no jantar de casamento. O prefeito declarou-se honrado com o convite. Na volta, pararam numa loja de departamentos e encomendaram participações de casamento em relevo. As reservas para a recepção já haviam sido feitas no Novo Grande Hotel. Depois de almoçarem cedo na cidade, voltaram à loja Rex.

Pouco depois da uma hora Ryuji deixou a loja para um encontro que havia mencionado antes, naquele mesmo dia. Um colega de escola, agora Primeiro Piloto, atracara naquela manhã no píer Takashima e só poderia encontrá-lo no princípio da tarde. E Ryuji não queria comparecer vestindo um caro terno inglês. Não lhe agradava a ideia de exhibir a sua nova situação a um velho amigo, pelo menos até o casamento. Passaria em casa antes de dirigir-se à doca, e vestiria suas antigas roupas de marinheiro.

— Você tem certeza de que eu não preciso me preocupar com a ideia de que você vai entrar naquele navio e desaparecer? — brincou Fusako, ao acompanhá-lo à porta.

Noboru, alegando necessitar de ajuda no dever da escola, chamara Ryuji ao seu quarto na noite anterior e, como um conspirador, confiou-lhe uma missão que ele executava fielmente:

— Papai, todos os garotos estão ansiosos por ouvir as suas histórias do mar, amanhã à tarde. Vamos reunir-nos naquele morro acima da piscina quando a aula acabar, às duas. Todos estão querendo conhecer você, e eu prometi que viria. Você vem, não é? E vai nos contar algumas de suas aventuras? E usará as roupas de marinheiro, como fazia, e o quepe? Mas tem de ser segredo, mamãe não pode saber. Você pode dizer-lhe que vai se encontrar com um velho amigo, ou qualquer coisa assim, para deixar o trabalho mais cedo.

Era o primeiro favor de filho para pai que Noboru pedia, e Ryuji estava decidido a não trair a confiança do menino. Era o dever de pai. Mesmo que a verdade se revelasse mais tarde, isso significaria apenas uma boa risada de todos juntos, por isso ele preparou uma história plausível e deixou a loja mais cedo.

Ryuji estava sentado nas raízes de um carvalho gigantesco perto do alto do morro quando os meninos surgiram, pouco depois das duas horas. Um deles, de sobranceiras em forma de crescente e lábios vermelhos, e que parecia particularmente inteligente, agradeceu-lhe cortesmente por ter vindo, e sugeriu

que um lugar mais adequado à palestra seria o que chamavam de seu dique seco. Supondo que fosse algum lugar perto do porto, Ryuji concordou em ir.

Era uma amena tarde de meados de inverno. Fazia frio à sombra, mas no sol, que lhes chegava através de uma fina camada de nuvens, não precisavam de sobretudo. Ryuji usava seu suéter cinza de gola rulê e levava no braço a japonsa de marujo; os seis meninos, cada qual com uma pasta, envolveram-no enquanto caminhava, fazendo gestos brincalhões, passando à frente, retardando-se. Para a sua geração, eram meninos de pouca estatura: a cena lembrou a Ryuji seis rebocadores empenhados inutilmente em levar um cargueiro até o mar. Não percebeu que as brincadeiras tinham uma tensão extremamente nervosa.

O menino com as sobrelhas em forma de crescente disse-lhe que tinham de tomar o bonde. Ryuji ficou surpreso, mas não fez objeção: compreendia que o ambiente para a história era importante para meninos daquela idade. Ninguém se mexeu para saltar até o ponto final, em Sugita, que ficava muito ao sul da cidade.

— Digam-me: para onde estão me levando? — perguntou repetidamente, como se estivesse achando divertido. Estava disposto a passar o dia com os meninos, e não devia aparentar aborrecimento, não importa o que acontecesse.

Embora tomasse cuidado para não demonstrá-lo, observava Noboru constantemente. Quando o menino misturou-se alegremente aos amigos, Ryuji viu-lhe o olhar penetrante de indagação, pela primeira vez. Era como ver partículas de pó dançarem e adquirirem cor à luz de inverno que entrava pela janela do bonde: as fronteiras entre Noboru e os outros tornavam-se imprecisas, e ele as confundia. Isso não lhe teria parecido possível, não com um menino tão diferente de todos os outros, um menino solitário com o hábito peculiar de observar furtivamente os adultos. E mostrava que Ryuji tinha razão em tirar metade do dia para distrair Noboru e seus amigos. Estava certo, sabia, em termos da obrigação moral de um pai. A maioria dos livros e revistas concordaria. Noboru o procurara voluntariamente e lhe oferecera, com a excursão, uma oportunidade providencial de cimentar as suas relações. Era uma ocasião para que pai e filho, originalmente estranhos, criassem um laço de profunda e terna confiança, mais forte do que os simples laços de sangue poderiam jamais ser. E como Ryuji bem poderia ter sido pai aos vinte anos, não havia nada de extraordinário em relação à idade de Noboru.

Logo que desceram do bonde, os meninos começaram a arrastar Ryuji para um caminho que dava voltas até os morros.

— Ei, esperem um minuto — protestou ele. — Nunca ouvi falar de diques secos nas montanhas!

— Não? Mas em Tóquio o metrô passa por cima das nossas cabeças!

— É, vejo que não sou páreo para vocês, meninos.

Ryuji cedeu, e os meninos gritaram, extremamente satisfeitos consigo mesmos.

O caminho contornava o Morro Aoto e entrava pelo bairro de Kanazava. Passaram por uma usina de energia elétrica com sua teia de linhas de transmissão de isoladores de porcelana contrapondo-se ao céu de inverno, depois entraram no túnel Tomioka. Ao saírem do outro lado, viram, brilhando à direita, ao longe, os trilhos da ferrovia Tóquio—Yokohama. Lotes de terrenos para casas, novos e bonitos, cobriam a encosta do lado esquerdo.

— Estamos quase chegando. Subimos entre esses lotes. Tudo isso pertencia antes ao Exército americano.

O menino que parecia ser o líder deu a explicação por cima do ombro e avançou; suas maneiras e sua linguagem se haviam tornado subitamente bruscas.

O trabalho nos lotes havia sido concluído: havia até mesmo cercas de pedra entre eles e os esqueletos de muitas casas. Cercando Ryuji, os seis meninos caminhavam diretamente pela estrada que corria entre os lotes. Perto do alto do morro, o caminho desaparecia subitamente e começava uma esplanada de campos não cultivados. Era como uma prestidigitação inteligente: quem estivesse no pé do morro jamais poderia supor que aquela estrada reta e bem-feita acabasse, naquele ponto da encosta, no mato.

Não havia ninguém à vista. O zumbido pesado dos tratores ecoava do outro lado do morro. Os ruídos do trânsito de automóveis subiam da estrada do túnel, lá embaixo. Exceto pelos ecos do barulho de motor, a enorme paisagem estava vazia e os próprios sons apenas intensificavam a desolação pungente.

Aqui e ali, tocos de árvores surgiam do chão: começavam a apodrecer. Uma trilha oculta sob as folhas caídas contornava a orla do morro. Atravessaram o campo seco. À direita, um tanque d'água enferrujado, cercado de arame farpado, estava semienterrado no chão: mal parafusada ao tanque, havia uma folha-de-flandres enferrujada, com palavras em inglês. Ryuji parou e leu o aviso:

Instalações das Forças Americanas

Proibida a entrada não autorizada, que é punível pelas leis japonesas.

— O que significa “punível”? — perguntou o líder.

Alguma coisa naquele menino não agradava a Ryuji. O brilho de luz em seus olhos, quando fez a pergunta, sugeria que conhecia perfeitamente a

resposta. Ryuji forçou-se a dar uma explicação cortês.

— Mas isto não é mais propriedade do exército, e portanto acho que podemos fazer o que quisermos. Veja!

Ao falar, o menino parecia se ter esquecido do assunto, como se fosse uma bola de encher que tivesse soltado aos céus.

— Chegamos ao alto.

Ryuji subiu ao alto e olhou para o panorama que se estendia lá embaixo.

— Vocês arranjaram um ótimo lugar, aqui.

Do morro via-se o mar a nordeste. À esquerda, máquinas de terraplenagem abriam uma subida de argila vermelha no lado de um morro e caminhões de transporte de terra retiravam dali o entulho. A distância tornava minúsculos os caminhões, mas o ruído dos seus motores provocava intermináveis ondas no ar agitado. Mais adiante, no vale, estavam os telhados cinzentos de um laboratório industrial e uma fábrica de aviões: no pátio de concreto em frente ao escritório central, um pequeno pinheiro banhava-se de sol.

Em torno da fábrica havia uma isolada aldeia. A fina luz de inverno acentuava os altos e baixos dos telhados e corrigia a fileira de sombras lançadas pelas incontáveis vigas-mestras dos telhados. Os objetos que brilhavam como conchas em meio da fumaça fina que cobria o vale eram janelas de automóveis.

Ao aproximar-se do mar, a paisagem parecia dobrar-se sobre si mesma e adquiria uma qualidade especial de ferrugem, de tristeza e confusão. Para além de uma pilha de máquinas enferrujadas lançadas à praia, um guindaste avermelhado oscilava em arcos incertos, e depois dele vinham o mar, as pilhas de pedras brancas do quebra-mar e, na orla do terreno recuperado, uma draga verde soltava fumaça negra.

O mar fez Ryuji sentir que se havia afastado dele por demasiado tempo, um tempo longo demais. O quarto de Fusako dava para o mar, mas ele nunca se aproximava, agora, da janela. A água, com a primavera ainda distante, era de um azul-da-prússia, exceto onde a sombra de uma nuvem cor de pérola o deixava mais claro, de um branco gelado. O resto do céu do entardecer era de um azul sem nuvens, esbranquiçado, monótono, que desaparecia ao aproximar-se do horizonte.

O mar estendia-se desde a praia suja até o largo, como uma grande rede ocre. Não havia navios próximos da costa; vários cargueiros moviam-se ao largo, navios pequenos e evidentemente, mesmo a distância, antigos.

— O navio em que eu estava não era pequeno como aqueles.

— Eu acho que o *Rakuyo* tinha um deslocamento de dez mil toneladas — afirmou Noboru, que quase nada dissera durante toda a tarde.

— Ande, vamos — insistiu o líder, puxando a manga de Ryuji.

Descendo um pouco pela trilha, chegaram a uma área milagrosamente preservada pela devastação circundante, um vestígio do alto do morro como outrora deveria ter sido. A clareira, numa da série de encostas serpenteantes abrigadas do vento leste por uma barraca de carvalho e protegidas a oeste pelo alto do morro onde havia muitas árvores, acabava num abandonado campo de centeio. Plantas rastejantes e secas serpenteavam em meio à vegetação rasteira que cercava a trilha; numa delas havia uma enrugada abóbora de um vermelho-sangue. O sol, vindo do céu do oeste, desaparecia no momento em que ali chegava: uns poucos raios pálidos demoravam-se na ponta das folhas mortas.

Embora se recordasse de ter feito coisas semelhantes em sua juventude, Ryuji surpreendia-se com a capacidade excepcional que têm os meninos de descobrir esse tipo de esconderijo e apropriarem-se deles.

— Qual de vocês descobriu este lugar?

— Eu. Mas moro logo ali, em Sugita. Passo por aqui muitas vezes, a caminho da escola. Descobri e mostrei aos colegas.

— E onde fica o tal dique seco de vocês?

— Bem aqui.

O líder estava de pé em frente de uma pequena gruta à sombra da crista do morro, sorrindo e apontando para a entrada.

Para Ryuji, o sorriso pareceu tão fino e quebradiço quanto o cristal, e muito perigoso. Não podia explicar a razão dessa sensação. Com a habilidade de um pequeno peixe que se esgueira entre as malhas da rede, o menino tirou os olhos do rosto de Ryuji e continuou a explicação.

— Este é o nosso dique seco. Um dique seco no alto de uma montanha. Consertamos aqui navios danificados, desmontamos primeiro e em seguida os reconstruímos de alto a baixo.

— É mesmo?... Deve ser um trabalhão subir tudo isso com um navio.

— É fácil, não custa nada — disse o menino, e o sorriso demasiado gentil iluminou-lhe novamente o rosto.

Sentaram-se no chão levemente verde, como se manchado de folhas, que ficava em frente da caverna. Estava muito frio à sombra e a brisa do mar batia-lhes no rosto. Ryuji vestiu a japona e cruzou as pernas. Acabava de sentar-se quando as máquinas de terraplenagem começaram.

— Bem, algum de vocês já esteve a bordo de um navio realmente grande? — começou com uma animação forçada.

Os meninos olharam-se mutuamente, mas ninguém respondeu.

— Vocês falam da vida no mar — começou ele outra vez, enfrentando o seu público impassível —, mas é preciso lembrar a questão do enjoo. Todo marinheiro passou por isso, alguma vez. E conheci homens que desistiram

depois de uma viagem, tão mal haviam passado. Quanto maior o navio, mais se combinam o balanço e o soluço do barco; e há também os cheiros específicos, como o da tinta, do óleo e da cozinha...

Quando percebeu que não estavam interessados em enjoo, tentou uma canção, à falta de outra coisa melhor.

— Vocês já ouviram esta canção?

A sirene chora, rompem-se as bandeirolas,

Nosso navio afasta-se do cais.

Eu sei que agora minha casa é o mar,

Mas até eu sinto vontade de chorar,

Enquanto aceno, aceno com tristeza,

Pois em terra o coração deixei ficar.

Os meninos acotovelaram-se e riram, primeiro baixinho, para depois explodir numa gargalhada. Noboru sentia uma vergonha mortal. Levantou-se de repente e tirando o quepe da cabeça de Ryuji, voltou as costas para os outros e começou a brincar com ele.

A âncora no centro do emblema grande e do feitio de uma gota estava cingida de cadeias feitas de fios dourados e colocada sobre lauréis bordados a ouro, dos quais pendiam bagas de prata. Acima e abaixo do emblema, espias de trancelim dourado davam voltas em anéis imperfeitos. A pala era escura, e refletindo o sol da tarde, brilhava com um lustro doloroso.

Outrora, no pôr-de-sol de um dia de verão, aquele quepe maravilhoso se fora afastando sobre um mar estonteante, transformando-se num emblema brilhante de adeus e do desconhecido. Esse mesmo quepe, afastando-se até libertar-se das altas injunções da existência, tornara-se um facho exaltado, iluminando o caminho da eternidade!

— Minha primeira viagem foi num cargueiro que se destinava a Hong Kong...

Ao começar a falar sobre sua carreira, Ryuji sentiu que os meninos prestavam mais atenção. Contou-lhes suas experiências naquela primeira viagem, os fracassos, a confusão, a ansiedade e a melancolia. Em seguida, falou das anedotas colecionadas em viagens em volta do mundo: à espera de permissão para entrar no canal de Suez, descobre-se que uma das espias havia sido roubada; o vigia de Alexandria, que falava japonês e conspirava com os mercadores do píer para vender as mais vulgares mercadorias à tripulação (cujos detalhes Ryuji não mencionou por considerá-los impróprios para o público); a dificuldade inimaginável de carregar carvão em Newcastle, na Austrália, e em seguida preparar o navio para a carga seguinte, antes de chegar

a Sydney, uma viagem feita num único quarto de vigia; o encontro ao largo do litoral da América do Sul com um navio de carga da United Fruit, quando o ar ficou impregnado do cheiro do fruto tropical que apodrecia nos porões...

No meio da narrativa, Ryuji olhou para cima e viu o líder calçando um par de longas luvas de borracha. Estendendo os dedos, o menino os cruzava nervosamente repetidas vezes, como se quisesse colar a borracha fria à sua pele.

Ryuji não tomou conhecimento dele. Um aluno brilhante, entediado com a aula, e comportando-se de maneira caprichosa — uma exibição sem sentido. Além disso, quanto mais falava, mais as lembranças o atropelavam. Voltando-se, olhou para a fina linha de azul condensado que era o mar.

Arrastando uma fita de fumaça negra, um pequeno navio passava pelo horizonte. Ele poderia estar a bordo daquele navio. Aos poucos, enquanto falava aos meninos, Ryuji chegou a ver-se tal como era imaginado por Noboru.

Eu poderia ter sido um homem que viajara para sempre. Cansara-se de tudo aquilo, saciara-se e não obstante agora, lentamente, estava acordando outra vez para a imensidão daquilo que havia abandonado.

As sombrias paixões das marés, o sibilar das ondas gigantescas, a avalanche das vagas quebrando sobre a praia... Uma glória desconhecida que o chamava interminavelmente desde o escuro e largo mar, a glória que se fundia na morte e numa mulher, a glória de modelar de seu destino algo especial, raro. Aos vinte anos, tivera a certeza apaixonada: nas profundezas das trevas do mundo havia um ponto luminoso que se destinava apenas a ele, e algum dia se aproximaria para iluminá-lo, e a ninguém mais.

Sempre que sonhava com elas, a glória, a morte e a mulher tinham a mesma essência. Não obstante, quando a mulher fora alcançada, as outras duas desapareceram para além do largo e cessaram o lamentoso chamado ao seu nome. As coisas que rejeitara o estavam agora rejeitando.

Não que o alto-forno de um mundo tivesse sido alguma vez seu, não que lhe fosse possível chamá-lo de seu, mas certa vez havia sentido o sol queimar suas costas sob as palmeiras tropicais de que tanta falta sentia, e morder-lhe a carne com dentes aguçados, quentes. Agora, restavam apenas cinzas. Agora começava uma vida pacífica, destituída de movimento.

Agora, a morte perigosa o havia rejeitado. E a glória também, sem dúvida. E a embriaguez estonteante de seus próprios sentimentos. A dor penetrante, os adeuses radiantes. O chamado da Grande Causa, outro nome do sol tropical; e as corajosas lágrimas das mulheres, a saudade sombria, e a doce e pesada força que o impulsionava para o pináculo da masculinidade — agora tudo isso havia acabado, estava terminado.

— Quer um pouco de chá?

A voz fina e clara do líder soou às suas costas.

— Está bem...

Ryuji respondeu sem sequer voltar a cabeça. Lembrava-se da forma das ilhas que visitara. Makatea, no Pacífico Sul, e Nova Caledônia, nas Antilhas: trepidantes de langor e melancolia, inundadas de condores e papagaios, e por toda parte para onde se olhasse, palmeiras. Palmeiras imperiais. Palmeiras de vinho. Nascendo do esplendor do mar, a morte havia caído sobre ele como um tempestuoso banco de nuvens. Uma visão da morte, agora eternamente fora de seu alcance, majestosa, aclamada, a morte heroica, desdobrou o êxtase em sua mente. E se o mundo existia apenas para a morte radiosa, então por que o mundo também não devia perecer por ela!

As ondas, tépidas como o sangue, dentro de um atol. O sol tropical brilhando violentamente no céu como o chamado de uma trombeta de bronze. O mar multicolorido. Tubarões...

Mais um passou ou dois, e Ryuji o teria lamentado.

— Aqui está o seu chá — ofereceu a voz de Noboru, atrás dele, colocando uma xícara de plástico marrom-escuro junto de seu rosto. Distraidamente, Ryuji segurou-a. Observou que a mão de Noboru tremia um pouco, provavelmente do frio.

Ainda mergulhado em seu sonho, bebeu o chá quente. Tinha o gosto amargo. A glória, como todos sabem, é amarga.

Sobre o autor



Kimitake Hiraoka era o nome de batismo do jovem escritor — nascido em Tóquio em 1925, formado pela Universidade Imperial de Tóquio — que ao fim da 2ª Guerra Mundial surgia como uma das grandes promessas da literatura japonesa. Foi o mais talentoso escritor do Japão neste século, e o primeiro a se projetar no exterior.

O marinheiro que perdeu as graças do mar é um de seus livros mais marcantes. Com um estilo sutil e perverso, Mishima vai compondo liricamente um clima de sinistra conspiração. Por baixo da história típica do triângulo mãe-filho-padrasto, movimentam-se turvas marés inconscientes, que culminam com uma culpa definitiva na “lista de acusações” do menino contra o marinheiro. Ao casar-se com a mãe de Noboru, Ryuji traiu em toda a linha; deixou o mar e “transformou-se na pior coisa que há na face da terra: um pai”.

Além de ter produzido 40 romances, 33 peças de teatro, 20 volumes de contos e vários ensaios literários, era também ator, viajou longamente pelos Estados Unidos e por toda a Europa, e dedicou-se intensamente a atividades políticas no Japão. Sua plataforma de luta era retomar as tradições japonesas e reconduzir o país à sua índole guerreira, com o restabelecimento do código de conduta dos samurais. Formou uma organização política militarista, recrutando jovens nas universidades. Com seus companheiros, invadiu em 25 de novembro de 1970 um quartel de Tóquio, tomou a sala do comando geral e discursou aos soldados, incitando-os a rasgar a constituição e a voltar às tradições, dando início a uma nova era para o Japão pós-guerra. Diante das gargalhadas de escárnio da tropa, suicidou-se (no ritual *seppuku*). Com ele, suicidou-se também seu lugar-tenente, discípulo dileto e amante, Masakatsu Morita.

^[1] Cerca de 5 mil dólares.

O MARINHEIRO QUE PERDEU AS GRAÇAS DO MAR

É a história de um tempestuoso triângulo. Por um pequeno buraco na parede do seu quarto, Noboru espiona sua mãe, viúva e atraente, que se apaixona por um oficial de marinha mercante. O caso de amor entre a mãe e o marinheiro tem um efeito devastador e insuportável para Noboru, que alimenta sentimentos de ódio e vingança, com sua gangue de garotos de 13 anos. Rejeitando o mundo adulto e o próprio sentido da vida, ele e seus companheiros vão se tornando mais e mais calculistas em sua violência. O texto de Mishima, trazendo à tona os mais submersos sentimentos do menino, de sua mãe e do marinheiro, torna-se a cada página mais denso, frio, lindamente macabro.

Rocco